

A close-up photograph of a man's torso and face. He is wearing a black leather jacket with a zipper. His face is partially visible on the left, showing a beard and mustache. The background is dark and out of focus.

SPIN OFF
ANÔNIMOS
OBSCENOS

S VIZINHO SECRETO

A decorative white flourish or scrollwork element located below the title.

VALENTINA K. MICHAEL



Vizinho
SECRETO
SPIN OFF ANÔNIMOS OBSCENOS



VALENTINA K. MICHAEL

Copyright © 2018 by Valentina K. Michael
Vizinho Secreto – spin off Anônimos Obscenos

Capa: Mia Klein

Preparação e Revisão: Cristiano Teixeira

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da autora, sejam quais forem os meios empregados.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança dos fatos aqui narrados com pessoas, empresas e acontecimentos da vida real, é mera coincidência. Em alguns casos, uma notável coincidência.

Sumário

[PROLÓGO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

[EPÍLOGO](#)

[CONTATO](#)

ATENÇÃO!

Esta história se passa antes do AMANTE SECRETO, mas pode ser lida depois.

PROLÓGO

OLÍVIA

“...Os dias estavam se passando a conta-gotas e Jessica não suportava mais um segundo naquela droga de cubículo que ela chamava de lar. Tudo ali lhe fervia o sangue de raiva: a cozinha junto com a sala, o quarto que só cabia a cama e uma pequena cômoda, o banheiro que sempre entupia e, para piorar, tinha o maldito vizinho barulhento e pervertido que ela queria assassinar. Quando ele não estava tocando sua guitarra dos infernos, estava transando como animal no cio.

Após perder a concentração, mais uma vez, deixou a barra de exercícios de alongamento para balé e gritou acima dos sons que vinham do outro lado da parede do apartamento vizinho.

“Ahhh! Que delícia, Carmo! Meuuuu deuuuss!!” — Isso foi um grito de prazer.

Bah! Bah! Bah! — Isso era o barulho de algo batendo ritmicamente na parede, em sintonia com os movimentos de uma transa muito louca.

Carmo. Ela riu ironicamente. O nome do vizinho era Carmo, que só podia vir de carma. Jessica tinha certeza disso.

“Vai me provocar mais, sua safada?” — A voz de homem, alta e rude, fez Jessica arrepiar, mas a raiva continuou. Ela arregalou os olhos e quis correr para o banheiro mais uma vez, para não ouvir tudo aquilo e se sentir culpada por isso novamente, como vinha acontecendo nos últimos dias.

“Carmooo!” — A mulher gemia fogueiramente, e Jessica presumia que o pau de seu vizinho devia ser uma britadeira da melhor qualidade. E ele não parava e ainda tripudiava:

“Vai ficar dolorida, sim! De tanto pau! Gostosa do cacete!”

Jessica estava petrificada ouvindo aquelas safadezas quando deu um grito ao ouvir sua campainha lhe avisando que tinha uma visita. Salva pelo gongo?

Meio trêmula, por ser uma participante passiva auditiva do sexo, ela abriu

a porta, e dois homens gostosos a nível gogoboy lhe sorriram. Um deles, moreno, cabelos estilo militar com um peitoral invejado, sem dúvida o mais gostoso dos dois, deu uma piscadinha para ela e disse:

— Oly?

— AAAAHHHH. — Assustada, dou um grito e fecho o manuscrito do livro de Kate que ela me deu para ler. Olho para a porta do quarto e engulo em seco ao ver Romeo parado, me encarando desconfiado.

— O que foi? — Ele entra no quarto. — Tudo bem?

— Ah... Sim...amor. Eu estou... Coisas da Madde. — Acaricio minha testa e sorrio falsamente — Angelina está me colocando doida com tanta coisa para fazer.

Escondo despreocupadamente o impresso atrás de um travesseiro e me sento, sorrindo para ele e torcendo que não perceba que estou levemente excitada com a leitura das safadezas de Kate. Ela está aproveitando a sem-vergonhice que seu novo vizinho lhe proporciona e está transformando isso em livro. Até esqueceu Magno.

Não estou com medo de Romeo me reprimir. Hoje sou uma mulher livre, faço o que quero e leio o que quero, mas essas são as fantasias de Kate com o vizinho dela, e Romeo já fez um comentário que não gosta nenhum pouco de Kate me contar sobre o vizinho pervertido dela.

Minha amiga safada quer segredo sobre o livro dela, baseado em fatos reais.

— Acabei de revisar um portfólio. — Me posto diante do espelho ajeitando meus cabelos. — Angel está apreensiva com o novo desfile da Madde.

— Angelina não muda. Mesmo num sábado, te pressiona...

— Não a culpe. — Me viro para ele — Seu irmão que está deixando ela louca, eles fizeram as pazes mas Lorenzo não dá trégua.

— Eles se merecem. Estou indo para a piscina com Gael, venha com a gente aproveitar o dia. — Romeo vai para o closet e suponho que esteja indo pegar a sunga.

— Minha mãe está vindo. Eu vou fazer algo pra servir pra ela. Mas, depois, irei dar uma olhada em vocês dois aprontando por lá.

Ele sai, e eu penso um pouco sorrindo maliciosamente e pego de volta o manuscrito. Só mais um capítulo. Esse tal de Carmo, se existir mesmo, deve ser um pervertido pior que Magno.

Sorrio e volto à leitura.

UM

KATE

Um mês antes.

Paf, paf, paf

“Isso! Mais fundo!”

“Chupa ele, gata. Chupa enquanto eu fodo sua boceta!”

Bam, bam, bam.

“Ohh!! Meu deus!”

“Não goza! Ainda não.”

“Isso, engole!”

Paf, paf, paf

“Porraaaa!! Delícia! Mais rápido!”

“Que pau gostoso! Vou gozar!”

Não, isso não é nenhum filme pornô. Eu estou na minha sala, no meu sofá, tentando me concentrar no meu trabalho, mas meu querido vizinho achou melhor fazer um *ménage à trois* agora, às nove da noite. Coloquei os fones de ouvido, voltei a atenção às contas do balanço da livraria e tentei não imaginar essa suruba doida que estava acontecendo aqui do lado. O pior era que eu nem podia mandá-lo embora. O imóvel era meu, mas meu pai o alugou sem que eu ficasse sabendo.

Na verdade, o prédio todo é do meu pai. Vim morar aqui para tomar conta da livraria que fica no andar de baixo. Ainda não tive o desprazer de ver a cara do imbecil do meu vizinho. Eu desço de manhã para a livraria e não o vejo saindo para o trabalho. E ele só volta à noite, quando eu já estou no meu apartamento. E então, assim que ele coloca os pés dentro de casa, começa algum tipo de barulho.

Quando não é fazendo cover de filme pornô, é tocando uma guitarra sem parar ou ouvindo uma espécie de música espanhola que ainda não consegui distinguir do que se trata, bolero talvez.

Às vezes chega amigos dele e a farra dura horas e... pasmem!: esses amigos resolvem transar juntos e a farra vira uma orgia que me faz ter que sair de casa.

Não que eu seja antiquada e tal. Gosto de sexo, gosto de homens, inclusive

acho os amigos dele uma perdição de tão gatos. Os vi, por acaso, antes de ontem, quando fui colocar o lixo para fora.

Mas ficar ouvindo é meio estranho. Eu preferiria participar.

Ai, Kate. Não é hora de deixar sua xota falar asneiras.

Ah, mas claro, se não tivesse tanta raiva daquela voz cheia de sotaque que ouço daqui de meu apartamento.

Tiro meus fones depois de alguns minutos, feliz por encontrar um clima menos barulhento. Fecho o laptop. Vou à cozinha e verifico o que tem para comer. Na pressa de subir para casa, acabei não indo ao supermercado. E já se completa duas semanas que adio a ida às compras.

Nada na geladeira. Sempre foi assim. Não por falta de grana, mas por descuido mesmo.

Desanimada, reflito com a geladeira aberta. Encaro a jarra de água, passo os olhos pela bandeja de ovo e decido ir ao supermercado. Farei compras e ainda me livrarei de ouvir as safadezas alheias.

Não demorou para eu achar um supermercado ainda aberto às nove da noite. Ainda havia um considerável número de pessoas fazendo compras. Peguei um carrinho e, rapidamente, comecei fazer as compras.

Fui direto escolher a carne e, enquanto eu fazia o pedido ao açougueiro, alguém puxou o meu carrinho. Era um homem. Usava roupas de academia e era ridiculamente bonito e me pareceu muito familiar.

— Ah, oi. Esse carrinho é meu. — Puxei o carrinho.

— Seu? *Tiene su nombre* aqui? — perguntou, denotando uma linguagem espanhola, possivelmente. A petulância dele me irritou.

— Sim, é meu. Eu o peguei e o estou usando. Dá licença.

— Engano seu — falou e tentou puxar o carrinho novamente para ele. Foi então que tudo me veio à mente. Era o cara que quase derrubou bebida na minha roupa, no noivado da irmã de Olívia. Agora me lembro muito bem.

— Vejo que continua mal-educado — falei segurando com força o carrinho. — Festa de noivado, esqueceu?

— Oh! Se não é a esquentadinha. Agora tudo faz sentido. — Ele forçava as palavras, uma de cada vez, em português, já que tinha um forte sotaque espanhol.

— Sim, faz sentido. Já sabe como eu sou, portanto dê o fora. — Consegui pegar o carrinho de volta e me afastei não dando oportunidade para ele rebater.

Terminei as compras em tempo recorde e não vi mais o misterioso espanhol que, pela segunda vez, havia cruzado no meu caminho.

Em casa, fiz uma rápida comida e enquanto matava minha fome em frente à televisão, ouvi o barulho do apartamento ao lado recomeçar. Estava quieto quando eu cheguei. Agora, a maldita guitarra.

Eu já tinha tido um dia cheio e decidi não ir bater na porta do vizinho e pedir um pouco de silêncio. Respirei fundo e engoli a raiva.

Na manhã seguinte, desci cedo para abrir a livraria. O movimento desse mês até que tinha sido satisfatório e, diferente do meu pai, eu não iria abrir mão do lugar. Por enquanto, era apenas eu, sem funcionários, pois estava cortando gastos. E, por isso, tive que ir comprar café antes de abrir a loja; afinal, não poderia deixá-la sozinha com as portas abertas.

Eu voltava para a loja com o copo de café e um pacotinho de biscoitos quando uma moto freou pertinho de mim, quase em cima da faixa de pedestre, obrigando-me a pular para o lado, de susto e para me desviar. Meu coração acelerou de pânico, e quando o motoqueiro tirou o capacete, no mesmo instante a raiva brotou. Era ele, novamente. O espanhol do supermercado e da festa de noivado..

— Mas que porra é essa? Está me seguindo?

— *Usted* que parece insistir em estar em mi caminho — provocou de forma petulante, com um sorrisinho que me fazia pensar que tinha sido intencional.

— Ah, eu mereço. — Revirei os olhos, atravessei a rua e ele gritou:

— *Mira a donde* anda.

Por que o babaca tinha que ser tão bonito? Ainda mais metido em uma jaqueta de couro e com jeans rasgado no joelho. Fiquei tentada a olhar para trás e vê-lo novamente. E eu tinha certeza que ele ainda me observava.

DOIS

KATE

Quando a noite chegou, eu estava exausta. Queria chegar em casa, tomar banho e cair na cama. Fiquei até as oito na livraria, organizando livros novos que tinham chegado. Sentia meu corpo grudado de suor e os pés doloridos, por ter ficado tanto tempo de pé.

Todavia, durante todo dia, eu havia esquecido completamente do problema ao lado. As vozes estavam altas e havia barulho de copos e garrafas. Revirei os olhos, pedi comida árabe e, enquanto esperava, fui tomar um banho e tirar tudo que pudesse estar me apertando.

Short jeans, mesmo que curto, não é a melhor vestimenta para ficar sozinha em casa. Nem acreditei na minha insolência de ainda ter um sutiã segurando meus seios, quando essa é uma das primeiras coisas que tiro ao chegar em casa.

Embaixo do chuveiro, senti a água refrescante lavar minha pele e sorri com o silêncio quebrado apenas pelo barulho da água. Quando eu estava dentro do banheiro, todo barulho se restringia do lado de fora. Era uma bem-vinda sensação de paz, quando às vezes, até mesmo para dormir, precisava usar tampões nos ouvidos.

Olívia disse que estava chocada por eu estar sendo tão pacífica. Segundo ela, esperava que eu já tivesse ido à casa ao lado e arrebitado a porta.

Mas há um pequeno segredo que ainda não contei para Olívia. Algo que ninguém sabe, e que quando me vejo fazendo isso, sinto-me culpada. E talvez este é o puro motivo de eu ainda tolerar as fadas escandalosas ao lado. Não é correto, mas o conceito de certo e errado vai de pessoa para pessoa.

Terminei o banho e fui para o quarto. Escolhi uma camisola estilo camiseta. Sem calcinha ou sutiã, livre por baixo. Passei hidratante no corpo, vesti a camisola e comecei a secar os cabelos.

O segredo é que estou escrevendo um livro.

Semana passada meu primeiro original foi recusado pela editora. E eu me vi lendo críticas de que são enfadonhas as minhas cenas de sexo. Pensei em desistir de vez, até que a solução veio até mim.

Talvez você esteja se perguntando: o que tudo isso tem a ver com o vizinho barulhento?

Sabe o quê?

Tudo.

Eu ouço as coisas que ele faz e fala e, pelo que posso escutar do sexo, é algo mirabolante. O sujeito sabe fazer a coisa funcionar.

Juro que foi por acaso. Sem intenção. Eu não armei nada. Estava sentada diante da tela do notebook e, às dez da noite, ele começou. Era como se quisesse que eu ouvisse, mas isso era pura imaginação da minha cabeça, afinal o sujeito nem me conhecia. Ele falava alto e pausadamente, como se fosse mesmo para outras pessoas entenderem.

E aconteceu.

Fui escrevendo tudo que eu ouvia e imaginava o que acontecia lá naquele momento, no apartamento ao lado. Me flagrei molhada entre as pernas, tamanha foi minha experiência. Eu ouvia, em primeira mão, o vizinho e imaginava o meu personagem Carmo fazendo igualzinho no livro. E era fantástico escutar, como se o personagem estivesse ganhando vida a partir do apartamento ao lado.

Meu livro ganhou o título de: *Manual de um devasso solteiro*. E, pela primeira vez, sorri desde que comecei a escutar os malditos barulhos.

Terminei de secar os cabelos e voltei para a sala.

Faz dois dias que não escrevo. Ontem teria sido uma ótima cena de *ménage à trois* para aproveitar para meu livro. Todavia eu tinha trabalho de contabilidade da livraria para fazer e a irritação pelo barulho me fez companhia novamente.

O celular tocou, coloquei a televisão na opção “mudo” e atendi minha mãe.

Apesar de morarmos na mesma cidade, tenho minha vida independente. E devo isto graças a deus e a meu pai que ia fechar a livraria e perguntou se eu não queria ficar com alguns livros. Vim para cá e decidi ficar à frente da livraria. Os apartamentos em cima da loja tinham acabado de serem reformados, e esse foi o caminho perfeito que o destino separou para mim.

Eu reergueria a livraria do meu pai e não pagaria aluguel, e ainda moraria sozinha. Ele me deu seis meses para tentar, e eu consegui. Estamos indo de vento em popa.

Minha mãe se despediu, voltei a atenção para a televisão e só tirei os olhos de lá novamente quando a campainha tocou. Peguei minha carteira e corri para a porta. Era o pedido.

Quando abri a porta, à minha frente estava um entregador, mas ele tinha uma pizza na mão.

— Ah! Não pedi pizza. Pedi comida árabe.

— Ué. Estranho — observou o número do apartamento acima da porta e seu olhar era de pura confusão. Porém, antes do entregador abrir a boca para se

desculpar por ter batido na porta errada, a porta do meu vizinho se abriu.

E então eu o vi. Pela primeira vez.

Era ele, porque reconheci sua voz com sotaque espanhol, ao dizer que a pizza era dele. Todavia, meu espanto foi maior porque esse era o cara que vinha batendo de frente comigo. Na festa de noivado, no supermercado e hoje cedo na rua, quando quase passou por cima de mim de motocicleta. O maldito petulante era meu vizinho? Puta que pariu!

Eu estava ali no corredor engasgada e boquiaberta, não só pelo fato de conhecer o sujeito, como também por atestar que ele, fora da roupa social, era um espetáculo.

O meu vizinho indesejado tinha o selo de qualidade alfa. Era um homem alto, moreno no estilo bronzeado e tinha cabelos fartos desgrenhados do tipo: “acabei de foder e nem ligo”. Gato demais e odioso ao mesmo tempo com sua boca meio virada pelo sorriso safado. O maxilar quadrado terminando em um queixo grande, tudo coberto por uma rala barba bem cultivada.

Era um macho de primeira qualidade.

Eu não queria sentir atração por ele. Na verdade, minha mente buscava as lembranças dos incidentes na noite da festa de noivado e no supermercado, para me fazer odiá-lo mais ainda. Todavia, sem sucesso.

Não precisava nem dizer do corpo, pois até parecia clichê. Mas era a realidade ali na minha frente. Apenas de short, deixava à mostra o peito musculoso, barriga reta e braços fortes. Mas não era de maneira alguma o estilo bombadão de academia. Ele era sarado gostoso, daquele tipo de homem que sem grandes esforços consegue o melhor que a natureza humana pode oferecer.

Antes de dar um passo em minha direção, uma sobancelha dele levantou e uma dose maior de ironia banhou a sua face angulosa.

— Desculpe. *La pizza es mía*

Merda! A voz grossa junto ao sotaque fez meus joelhos fraquejarem. Esse sotaque provocou minha raiva por dias seguidos depois daquela festa. Eu estou pior que Olívia. Uma bobona babando por um desconhecido.

— Sim... — sussurrei, incapaz de desviar meus olhos dos dele. O vizinho deu um largo sorriso, passou os olhos pelo meu corpo e, dando uma mordidinha maliciosa no próprio lábio, se apresentou:

— Roberto. Seu inquilino. Já nos conhecemos...

Ele não tinha cara de Roberto. Depois irei perguntar a Olívia quem é esse Roberto que foi convidado para o noivado de sua irmã.

— Ah, sim, uma infeliz coincidência. — Cruzei os braços e fechei a cara.

— Espero que hoje não esteja tão brava... — ele riu e, sem piscar, inquiriu:
— Seu nome é...

— Sou a Katherine, sua senhoria. Aproveito sua presença para pedir um pouco de silêncio, antes que seja despejado. Tenha uma boa noite.

Bati a porta na cara dos dois homens e, recostada ali, sorri ao materializar em minha mente a cara do meu personagem. Agora não fazia tanto sentido a raiva que tive dele naquela noite. Seu charme era maior.

Caralho, eu só ia ter o rosto do vizinho em minha imaginação enquanto estivesse criando o personagem.

O pior era que eu estava em chamas só em pensar nas coisas que ele fazia... com aquele sotaque, aquele corpo... aquela boca...

TRÊS

AMADEO

Olhei incrédulo para Magno ao meu lado, na mesa de um bar onde nos reunimos. Lorenzo sorria maldoso e Romeo olhava, preocupado, algo no celular.

— Cara, usted no quiere a Katherine. Por que insiste nesse *carajo* de aposta?

— Simples, Amadorzinho. — Magno inclinou-se sobre a mesa — Eu quero provar para todos o meu poder de fogo. Vou te dar uma semana de dianteira com a loira safada.

— Olha como fala dela, seu puto — ele me ignorou e censurou:

— Ah, mal viu a garota e já se tornou um escravoceta? — Magno zombou — Toma vergonha, Amadeo. — Lorenzo gargalhou chamando atenção de Romeo que tirou os olhos do celular para entender nossa conversa.

— E se fosse *una mujer* sua, e eu fosse cortejá-la?

— Primeiro, que não tenho mulher...

— Um dia vai ter — Romeo rebateu, demonstrando assim o que sempre se impôs a ser: o torcedor número um para o futuro escravoceta de Magno.

— Certo. No dia trinta de fevereiro. Essa mulher, nunca nasceu.

— Ou talvez esteja por aí, viajando com um violoncelo, e você nem vai perceber quando receber o tiro dela.

O sorriso de escárnio de Magno me incomodou, mas não surtiu efeito no meu primo mais velho. Ele olhou para o copo de Lorenzo.

— O que está tomando?

— A porra de uma *Ice*. Amanhã estarei no modo Megazord, na Madde, preciso estar sóbrio.

— Te entendo apenas na parte de ficar sóbrio. Vou querer um também. Oly já está querendo saber se eu vou demorar.

— Esse papo de Casos de Família me dá tanto sono — Magno reclamou. — Os bundões aí poderiam ficar quietinhos, pois estamos fazendo planos? — virou-se para mim e adiantou: — Ainda, como prova de minha benevolência, te ajudo a chamar a atenção da Kate.

— Magno, Magno, se essa merda explodir e respingar na minha casa... — Romeo ameaçou. — Cara, fuja, pois eu vou te caçar.

— Eu provei da ira do Romeuzinho quando minha bela serpente Angelina foi lá na casa dele fofocar para Olívia sobre meus planos. — Lorenzo riu se lembrando de quando quase se fodeu. — Olívia deixou o marmanjo dormindo na casinha do cachorro, e o filho da mãe quase acertou meu nariz lá na Orfeu. — Ambos riram, eu os acompanhei gargalhando, e Magno torceu o bico com uma careta de desgosto.

— Você deu a ideia do apartamento vizinho ao da Kate e está a par de toda a trama, Romeo. — O dedo em riste de Magno fez Romeo se endurecer — Não é tão bom moço como parece. Oly não vai gostar nem um pouco... — A expressão de Romeo fechou e Magno apontou para Lorenzo. — Já você, seu plano de vingança nada mais é que vontade doida de voltar a comer a Angelina. Com mais alguns dias, e estará todo enrolado na serpente que um dia tentou Eva e Adão. Você já faz parte da negociação, minha e do nosso priminho aqui, se ela souber desse trunfo, você será pisado. E, por isso, deve também ficar pianinho.

Magno não disse com todas as letras, mas percebemos que ele acabou de ameaçar os dois irmãos. Se eles contassem sobre nossa aposta, sairiam perdendo também.

— Bom, com essa, eu me despeço. — Romeo se levantou. — Não quero ser o herói da história, mas também não serei o fodido que planejará contra a amiga de minha esposa. Fui.

— Se contar... já sabe — Magno intimidou e recebeu um dedo do meio de Romeo.

— Também vou nessa. — Lorenzo ficou de pé. — Veja lá o que vão fazer com a Kate. Ela é uma pessoa muito boa. Se eu souber que ela está sofrendo, conto tudo para minha serpente de estimação. — ironizou, pegou o terno e bateu continência zombeteira para Magno.

— Ah, *carajo!* Vou me foder — reclamei assim que engoli o restante de minha cerveja.

— Vai nada. — Fez um gesto de desprezo com a mão — Os dois são escravocetas apaixonados, têm medo de que qualquer merda ameace a vida tediosa deles. Vai fazer tudo que eu te disser, Amadeo. Vamos chamar a atenção de Kate, sua nova vizinha. Será visto lá no prédio como o rei da foda.

— O quê? *No conozco casi** ninguém aqui em Brasil.

*Não conheço quase**

— Fique tranquilo. Enviarei umas garotas do clube para você. E uns funcionários meus, para fazer de conta que são seus amigos. Ela precisa pensar que você é um boêmio, bem sociável, que dá festas de arromba. — Recostei na

cadeira, de cenho franzido, assistindo o plano criar forma nas palavras de Magno. — O que irei fazer é jogar a ideia de um vizinho porra louca, e quando ela te ver, vai ficar de perninhas bambas.

Katherine me detesta desde o dia do noivado da irmã de Olívia. De agora em diante, vai me detestar mais. Se eu não ganhar um soco quando ela ver quem é o vizinho barulhento, será puro golpe de sorte.

É claro que só estou aceitando isso para ficar perto dela. Minha consciência diz para tomar o caminho mais fácil: ir até a Olívia e pedir que ela me apresente à sua amiga. Mas o orgulho de espanhol não me deixa voltar atrás. Magno me lançou um desafio, e estou com o sangue quente para derrotar esse filho da puta.

— E depois? — questionei.

— Aí você terá uma semana para conquistá-la. Depois, se prepare, porque aí eu entro. É o que quero te mostrar, que mesmo a Kate estando com qualquer homem, e eu estalar os dedos, ela vem para mim.

A arrogância de Magno me atçou. Olhei para a mão dele estendida em minha direção sobre a mesa. Puto da vida, apertei-a, aceitando o desafio.

QUATRO

AMADEO

Hoje, a noite foi tensa. Eu participei da foda e posso garantir que foi coisa de profissional. Às vezes eu nem participo porque me sinto culpado em estar fazendo esse joguinho bobo do Magno. Os caras chegam, fazem barulho e eu entro para o quarto. Mas hoje foi impossível ficar indiferente. Eu sei que estou lutando para conquistar uma mulher, todavia, não pude ficar omissos diante daquele monumento feminino que apareceu na minha porta.

Maldición!

Era uma morena alta de corpo perfeito que deu conta de mim e do amigo dela. Seus truques para chupar um pau eram, sem dúvida, o ponto forte dela. Gozei duas vezes, de olhos revirados e nervos tensionados. Era a deusa do sexo que Magno mandou para a festinha particular.

Eu já havia encontrado Kate em duas oportunidades e gostei de provocá-la, assisti-la se impor naturalmente. No supermercado e hoje cedo em frente à cafeteria. E eu achava que já estava passando a hora de ela conhecer o novo vizinho.

Pedi uma pizza e tive a perfeita ideia de dar o número do apartamento ao lado, onde a bela Katherine mora.

Até já entrei na livraria para olhá-la por trás das prateleiras de livros. Kate fica lá na bancada do caixa, cantarolando baixinho alguma música enquanto folheia algum livro ou revista. Sempre que alguém precisa, ela está pronta para ajudar, dando dicas de livros, instruindo onde fica cada sessão, distribuindo sua simpatia aos clientes que sempre retornam por serem bem recebidos.

A tática de dar o número errado à pizzeria funcionou. Ouvi a campainha de Kate tocar e esperei alguns segundos para sair na porta, mas antes dei uma rápida olhada no espelho para verificar meu visual.

Por Dios! Ela me olhou quase chocada, eu diria. Surpresa em me ver pela primeira vez. Com certeza, eu já teria algum rótulo na mente dela. Um puto fodeador, ou um escroto insuportável. E agora, vendo quem é o vizinho inconveniente, iria me atacar com certeza.

Não podia ficar afastado, observando-a de longe. *Entiende?*

Era visceral a atração que eu tinha por ela. Desde que a vi na festa. Uma jovem aparentemente doce e esperta, mas que tem o sangue quente, é

autossuficiente e dona de si. Além de ser uma *bela muchacha*.

Após nos cumprimentarmos e ela informar que era minha senhoria, eu fui dormir feliz. O primeiro contato feito com sucesso.

— Ela te odeia? — Magno me perguntou quando falávamos ao celular.

— Não. Ela ficou surpresa em *mirar me..* Mas pude perceber sinais de que se interessou pelo *papito* espanhol legítimo aqui.

— Legítimo de cu é rola. Eu também sou espanhol, esqueceu?

— Faz tanto tempo que está aqui que já és considerado *brasileño*.

— Agora que ela te viu, use algo nessa sua vida para fazê-la se interessar por você. Se é que você tem algo que ela possa se interessar. Entro na jogada em uma semana.

Desliguei a chamada e deitei na sala olhando contente o teto. Longe, uma música clássica começou. Parecia longe porque estava baixinho, vinha da casa de Kate.

Era isso. Eu tinha que descobrir o que ela gostava e usar disso para criamos um laço. Peguei meu celular e Romeo atendeu depois de quase cair a ligação.

— Amadeo... O que houve? — Sua voz era rouca e preocupada.

— Dormia, primo?

— Não. Eu estava capinando a roça. Claro que estava dormindo, isso são horas? — após a bronca, disse baixinho: “Volte a dormir, amor. É meu primo bêbado.”

— *Yo no estoy* bêbado, porra.

— O que você quer?

— Preciso saber coisas sobre a Kate. O que ela gosta?

— Ela eu não sei, mas eu gosto de esmurrar a cara de inconvenientes que me tiram do sono em uma noite fria dessas. Vá dormir, Amadeo.

— Cara! Espere, uma coisa ao menos. Me ajude aí, cacete! Se não, já sabe, né? Posso deixar escapar alguma coisa, um dia na sua casa...

— Me ameaçar vai te ajudar bastante.

— Uma coisinha apenas — continuei implorando.

— Eu não sei, porra. Ler talvez. Romances... Ela empresta livros para Olívia.

— Tem algum por aí, que ela emprestou? — fez-se um silêncio e depois Romeo disse:

— O nome é: “Peça-me o que quiser”. Se você ligar de novo, conto tudo

para Kate, e que se dane. — Desligou e eu corri para o notebook. Era hora de pesquisar tudo sobre esse tal livro.

Na manhã seguinte, optei por uma camiseta regata, shorts de corrida e tênis, também de corrida. Mesmo que eu não fosse fazer exercícios, queria estar mais exibido para ela. Peguei o lixo para pôr do lado de fora e coincidentemente, sem que eu precisasse armar, ela descia as escadas com uma sacola de lixo também.

— Buenos dia, vizinha. — Cumprimentei e passei na frente. Cheguei à lixeira antes dela e comecei a colocar o lixo aos poucos. Já comentei como gosto de provocá-la, porque ela fica mais bela quando está brava.

— Será que dá para ser mais rápido? Eu tenho mais o que fazer.

— Você é bem irritadinha, não é?

— Não é da sua conta.

Afastei-me para ela colocar o lixo, e seu olhar para meu corpo não passou despercebido.

— *Puedo* te perguntar una cosa?

— Diga. — Terminou de jogar o lixo e me encarou.

— *Tiene un* namorado? Ou um parceiro...

— Por que o interesse? — Ela franziu o cenho charmosamente.

— Nada. — Dei de ombros parecendo indiferente — Apenas interesse.

— Não. E você? Ou melhor, nem preciso perguntar. — Seu ar era irônico e acusador — Se tivesse uma namorada, não seria tão barulhento e promíscuo.

— Acha-me promíscuo? Andou me investigando, vizinha?

— Investigando? Você tem noção de como seus gritos e das mulheres que vêm te ver são altos? Não preciso investigar para saber que é um devasso safado, sem ocupação. — Sem mais querer papo, ela andou em passos duros para o portão.

— Não precisa ser má comigo. Foder não é um crime. — Kate virou-se rapidamente quando me ouviu.

— Ah, é? Quer saber? O prédio acaba de se tornar um condomínio, e eu sou a síndica, e a nova regra é: sem escândalos de sexo em qualquer apartamento, com pena de expulsão. Tenha um bom dia.

Sorri vendo-a entrar em seu apartamento e não consegui conter o pensamento que me tomou: *está mujer será mi novia*.

Deixei o tempo passar. Eu tinha que agir logo por causa do prazo que Magno tinha dado, mas não podia parecer um louco perseguidor. No fim da tarde, entrei na livraria.

Dessa vez, Kate me viu e ficou em alerta. Estava organizando uma pilha de livros em uma banca. Acenei sem deixar de fora um belo sorriso e fui direto para a ala de romances eróticos.

Pesquisei tudo sobre a história do livro que Romeo havia me dito, a autora, os lugares em que se passava. Incrivelmente se passa na minha terra natal. Um ponto para mim.

Se Romeo soubesse do que se trata “Peça-me o que quiser”, ele entenderia o que se passa na mente de sua adorável esposa. Dei uma olhada nos exemplares, folheei alguns e nem precisei me dirigir ao caixa, pois Kate apareceu, bem desconfiada. Ela parou a passos de distância me olhando com curiosidade.

Ela era linda. Muito mais linda do que meus sonhos permitem criá-la. Seus cabelos loiros cortados na altura do ombro estavam esvoaçantes, soltos e, pela claridade que entrava pelas janelas laterais, eram puros fios de ouro.

A boca rosada, com o lábio inferior levemente mais cheio, me causou desejos nunca antes experimentados. Gostaria de tocá-lo com a minha boca, sentir sua textura e seu gosto feminino. Katherine não era só bonita, ela demonstrava ter uma alma livre e tranquila, o que atraía qualquer um.

— Você de novo. Virou um carma na minha vida?

— *Estoy* olhando. Bonita sua loja.

— Obrigada. Agora se puder, pode sair, já estou fechado.

— Vamos recomeçar. — Estendi a mão para ela. — Paz? — Kate ficou bastante tempo mirando minha mão e eu emendei: — Talvez eu compre um livro.

— Esse lado é literatura feminina — informou de mal humor.

— Ah. — Dei um sorriso modesto. A flagrei engolindo em seco. — Fui pego no flagra. É algo que temo em admitir.

— Sobre o quê?

— Gostar de ler *fcción* eróticas. *Siempre* escondido.

— Deixe de inventar mentira, rapaz.

— É lá pura verdade.

— Mas porque escondido? — Semicerrou os olhos.

— Bom... — Dei de ombros — É algo direcionado a *mujeres*, como os filmes de *la franquia* Velozes e Furiosos são para os homens.

— Tem medo de rirem de você?

— Basicamente. Ou duvidarem de minha sexualidade. — Ela passou os olhos pelo meu corpo e nem sei se percebeu quando lambeu levemente o lábio inferior. Um simples gesto automático.

— A sociedade é um porre. Não deveria se importar. Eu não me importaria.

— Tem razão. — Dei um sorriso largo .

— Por que está sorrindo desse jeito?

— *Usted* acaba de me defender.

— Não estou te defendendo, estou contra essa sociedade que só caga regras. Tem algum livro em mente? — Diminuiu nossa distância.

— El segundo volume da série *Pídeme lo que quiera...* — pigarreei e corrigi: — *perdón*, “Peça-me o que quiser.” Tem?

— Ah, eu já li. — O semblante dela brilhou, mas não quis demonstrar amabilidade para comigo — É maravilhoso. A autora é espanhola, sabia?

— Alemã, na verdade. — Claro, eu li sobre ela. — Erradicada na Espanha.

— Isso. Conhece os lugares que ela narra na história?

— Não todos, mas uma parte si.

Kate passou por mim e pegou um livro na prateleira e me entregou. Peça-me o que quiser agora e sempre.

— Eu não suporto muito a Judith, mas isso é um detalhe — ela comentou a contra gosto. As bochechas meio coradas.

— Devo salientar que Eric é um babaca — falei o que li na internet, alguns comentários de leitores.

— Visto pelos olhos de um homem... — ela deu de ombros deixando subtendido que eu não gostei dele por ser homem.

— Isso é um... Como se diz... *Juicio*...

— Julgamento.

— Isso. Um julgamento cheio de preconceito. Não tenho raiva, por exemplo, do Christian Grey.

— Leu Cinquenta Tons? — Ficou perplexa na minha frente.

Não. Lógico que não.

— Claro.

— Assistiu o filme?

— De...?

— Cinquenta Tons. — Ergueu as sobrancelhas num gesto de “é obvio.”

— Sim. Não é a mesma coisa do livro — repeti o que li na internet.

— Nunca. O Christian da minha mente era melhor. — Ela riu, ajeitou os cabelos e caminhou ao meu lado até o caixa.

— Depois venho buscar o livro três.

— Você não é tão demoníaco como eu imaginei — confessou e emendou: — Desculpa, eu sou bem sincera às vezes.

— Pensou que eu fosse demoníaco?

— Pelo escândalo que rola no seu apartamento... — Fez uma cara de repulsa. — Sem falar que às vezes acho que você está recebendo alguma entidade no apartamento, mas é só sexo mesmo.

Eu ri e ela continuou:

— Além do mais, nossos encontros não foram tão bons... Naquela festa eu queria dar na sua cara. São trinta e oito, o livro.

Olha aí a oportunidade perfeita.

— Por que não toma um café comigo para debatermos sobre o livro um? — Balancei o volume dois na minha mão. — E *yo mostrar-te* que apesar da foda escandalosa, *soy un* espanhol de *respeto*.

Ela pensou um pouco me olhando e então deu de ombros.

— Ora, por que não? Eu estava prestes a te mandar para a puta que pariu por ser um tapado que serve apenas para foder, mas como é um leitor de romances. É uma espécie em extinção. Te deixo pagar um café para mim.

Sorri revigorado. Por dentro, em pânico, porque agora vou ter que ler essa porra, para mostrar que não sou um tapado fodedor.

CINCO

KATE

— Um macchiato — pedi e fechei o cardápio encarando Roberto à minha frente. Com o charmoso sotaque, ele pediu um café com creme, e assim que o garçom saiu, seu sorriso me atingiu em cheio. O estômago se dissolveu em um mar de erotismo. Não só por eu já ter escutado ele transando, mas porque ele transmitia essa aura sexy. Eu devia ser muito safada mesmo, por já estar imaginando esse deus espanhol nu usando toda sua força de vontade em mim.

Pensei nele sendo carinhoso, mas o que mais me deixava curiosa era saber como um cara desses seria na cama, sem nenhum limite... sem carinho.

Pensei que esse poderia ser o nome do meu livro: Sem carinho. Se já não estivesse escolhido um.

— Então, gosta de romances... — Dei o pontapé para o assunto. Eu ainda não acreditava na minha sorte. Um leitor gostoso...

— Ainda novo nesse meio. *Mas puedo* dizer que soy un... apreciador.

Ah! O sotaque.

— Certo. Eu tenho uma coleção. Um dia quero ter uma casa maior para acomodar todos os meus livros. Ter a livraria me ajuda bastante.

— Como funciona *eso*? *Las... como se diz... negociaciones*

— Negociações. Bom... Geralmente faço contato direto com distribuidores. Às vezes com as editoras. Alguns me repassam os livros com um desconto e, em outros casos, preciso aumentar o valor para tirar minha parte.

Ele assentiu totalmente compenetrado em minha boca. Estava me deixando corada.

— Já lhe fiz essa pergunta, mas agora será com seriedade. *Tiene novio, senhorita Katherine?* — perguntou na lata. Meu espanhol básico entendia que ele quis saber se tenho namorado.

— Não. E você? — Antes dele responder, eu ousei: — Pela movimentação em sua casa, creio que não tem, como eu já tinha lhe falado.

— Não. — Riu humorado.

Abaixei a cabeça sorrindo para a mesa. Olívia sempre esteve certa, eu sou muito fraca para macho. É meu ponto fraco. Basta um gostoso rir para mim, para eu já me desmanchar feito gelatina. Minha experiência com Magno não serviu em nada para me ensinar alguma coisa.

Já estava esfregando uma perna na outra, aguada de desejo pelo vizinho gato pervertido que me encarava com um sorriso cínico. Eu queria devorar aquela boca dele.

— Achei que falaríamos do livro. — Ajeitei as mechas de cabelo atrás da orelha e o encarei incapaz de esconder o sorriso.

— Faria sexo a três? Com dois *hombres*...? — Seus olhos sustentaram os meus, diante da pergunta ousada.

— Como?

— É o assunto do livro. Tem mente aberta, senhorita Katherine? Ou prefere a sacanagem apenas na literatura? — Seu tom não era nada casual. Tinha um ar de provocação. Eu o mandaria parar de me chamar de senhorita, se não fosse tão excitante o jeito que ele falava meu nome logo depois do pronome.

— Sou moderna, se tem consentimento dos dois lados, por que não experimentar? — arqueando as sobrancelhas, indaguei — Mas isso foi um convite ou uma curiosidade?

Nosso pedido chegou, ele esperou o garçom servir e assim que ele saiu, Roberto respondeu:

— Uma curiosidade para um possível convite. Apesar de que, devo confessar, *no te quiero* dividir.

Uma surpresa, no entanto.

— Bem direto — eu conclui, e ele assentiu. — Parece novo aqui no Brasil. — Joguei a indireta sem querer perguntar diretamente de onde ele vinha e há quanto tempo estava aqui.

— *Si. Poco tiempo.* Um ano.

— Um ano? E o que faz?

— *Creo que conseguiré una* vaga em uma empresa brasileira. Fiz faculdade de economia em Madri.

— É um bom currículo.

— É o que espero.

— Então... A guitarra é apenas...

— Passatempo. — Ele sorriu cinicamente antes de concluir: — Como as fodas. Esfreguei minhas pernas novamente uma contra a outra. Tesão lá no teto. Eu não conseguia desviar a atenção de sua boca sexy, bem desenhada e carnuda. Era incrível a maneira como ele me dava água na boca apenas conversando.

A conversa estava fluindo muito bem e descontraída, até que a responsabilidade me fez voltar à realidade.

O pessoal de uma editora local já deveria estar me aguardando lá na

livraria, tínhamos uma reunião marcada para discutirmos sobre o lançamento de um livro. Atendi uma ligação de Olívia.

— Estou aqui em frente da sua porta. Onde se meteu? — ela questionou. Lembrei que ela passaria hoje pela manhã, para falar sobre o que aconteceu antes de ontem com a chefe dela. A poderosa Angelina Velasco que foi salva por mim, toda enrolada em papel higiênico. Eu quero saber desse babado diretamente da Olívia, sem ser por telefone.

— Preciso ir — disse a Roberto. Os olhos dele assumiram um tom de desapontamento.

— Vamos. — Ele se prontificou a pagar as bebidas abrindo a carteira.

— Poderíamos ficar mais, todavia, minha amiga está lá me esperando...

— S...sua amiga? — ele gaguejou sem nenhum motivo aparente. Notei que seus olhos se arregalaram brevemente.

— É... somos amigas de infância. — Andamos juntos lado a lado pela calçada, e eu falei: — A coitada passou por dias difíceis, mas hoje vive no paraíso merecido. Um figurão milionário daqui do Rio a ajudou. A propósito. — Parei de andar e o encarei eufórica. — Ele é espanhol. Romeo Lafayette, já ouviu falar?

— Ah... — Roberto olhou ao redor e negou quase com desinteresse. — Não. Nunca ouvi falar.

— Ué, mas você estava no noivado da cunhada dele. Do Romeo. Foi lá que nos conhecemos — ele pareceu ter um brilho de lembrança e assentiu.

— Ah, é verdade. É aquele Romeo? Ouvi falar. Eu estava naquela festa a convite do noivo.

— Ah, sim. Olha, deveria conhecer o Romeo, ainda mais que está buscando emprego na área de negócios. Se quiser, peço a Oly para marcar um horário com o homem dela. Não te garanto nada, mas pode ser que...

— Não. *Yo* na verdade *ya tengo algunas* em andamento e estou confiante. Escute. Esqueci, preciso passar na lavanderia para pegar *una* calça manchada que levei ontem... Não vou poder te acompanhar.

— Ah, é uma pena. Mas tudo bem. Nos vemos depois, afinal moramos no mesmo prédio.

— Si. Foi um prazer tomar um café com *usted*.

— Digo o mesmo. — Recebi o beijinho no rosto que ele me deu e fiquei observando andar depressa para o outro lado e sumir dobrando a esquina.

SEIS

KATE

Ele estava um gato. Na verdade, era um gato. O jeans agarrando em suas coxas fortes e deixando o contorno do traseiro visível. Suspirei e voltei rápido para a livraria.

Conversei com o pessoal da editora, acertamos todas as coisas, e subi para passar um café para Olívia.

— Folga no trabalho? — questionei trazendo xícaras para a mesa.

— Está uma loucura por lá. Os chefes estão se engalfinhando. Lorenzo e Angelina vão se matar a qualquer hora dessas.

— Ou se casar. — ri e me sentei à mesa. — Me conte que bafão foi aquele de antes de ontem à noite.

Olívia provou o café e balançou a cabeça descontente ao relembrar do fato.

— Lorenzo está impossível. Ameaçou os próprios irmãos, tentou me manipular e ainda está enlouquecendo Angel. Coitada. — Estalou a língua insatisfeita com a situação.

— Menina, quando eu a vi enrolada em papel higiênico, fiquei com pena, mesmo querendo rir.*

**Leia Chefe Secreto*

Olívia assentiu e continuou:

— Ela me ligou chorando àquela hora da noite. Estava presa no banheiro da casa dele porque tinham brigado depois do sexo. E ele confiscou as roupas dela, para ela não ir embora.

— Que desgraçado! Logo o Lorenzo, com aquela cara de santo. Se fosse o Magno pelo menos.

— Magno ao menos está sendo sensato e não está jogando lenha na fogueira.

— Mas tem que existir algo que o faça parar.

— Tem, o Romeo. É o único que pode interferir. Mas o Romeo já me confidenciou que não vai entrar na briga da Angel com Lorenzo, que é briga antiga, e que se ele entrar, pode acabar gerando uma cisão no relacionamento dele com o irmão caçula, que já carrega uns probleminhas de trauma de anos — Olívia curvou em minha direção e disse um pouco mais baixo: — Ele acha que ninguém o ama, apenas o tolera. Principalmente a Vilma e os irmãos.

— Credo. Ele precisa de um psiquiatra.

— Já faz acompanhamentos.

Resumidamente, ela me contou mais sobre a novela de Lorenzo e Angelina, e só depois de debatermos minutos a fio sobre o assunto, Olívia bateu na minha mão fazendo uma expressão de curiosidade.

— E então? E o tal vizinho? Ainda fazendo sacanagens no meio da noite?

— Nem te conto. — Não consegui segurar as palminhas — Estava com ele ainda há pouco, tomando café.

— Sério? Você não perde tempo, Kate, meu deus. Nem conhece o homem...

— É um gato. Um moreno maravilhoso, e olha a coincidência: é espanhol.

— Espanhol?

— Mas não tipo o Romeo e os irmãos que passaram a maior parte do tempo aqui no Brasil. O Roberto veio para cá ano passado. É de Madri.

— Hum... Romeo e os rapazes são de Barcelona. — Ficou pensativa e depois se animou — Olha isso, falou tanto que queria um espanhol, e materializou um em sua vida.

— Sim. Tinha apenas o Magno sobrando, já que que eu não iria entrar no caminho do Lorenzo psicótico. E você não quis me apresentar o tal primo deles...

— Ah, o Amadeo não sabe que rumo tomar. Estava hospedado na casa de Lorenzo e foi embora de volta para Espanha, semana passada. Romeo me avisou.

— Nem ligo. Já estou bem encaminhada. Se tudo der certo, irei me jogar na noite da putaria com o vizinho.

— Kate...! — Olívia me advertiu com seu costumeiro senso de temor.

— Ele é romântico, Oly. Gosta de ler romances, é formado em economia e quer se estabilizar. Além de ver sexo como passatempo. Aquele sotaque dele... Ai, ai.

Ela riu para mim e levou a xícara aos lábios.

Contei a ela que estava me inspirando nele para escrever meu romance e prometi que depois imprimiria alguns capítulos e mandaria para ela ler. Olívia foi embora, e eu voltei para a livraria.

Horas mais tarde, Roberto passou em frente à loja e acenou para mim. Trazia algumas sacolas nas mãos.

— Já comeu paella?

— Não.

— Irei fazer para o jantar. Por que não vai em mi casa para saborear?
Além de tudo sabia cozinhar. Suspirei sorridente.
— Se não for muito incomodo...
— Será um prazer. Te vejo às oito.
— Ok.

À noite, me arrumei com simplicidade. Sem exagerar na maquiagem e figurino. Eu queria estar arrumada, mas sem impressionar. Era apenas uma visita ao apartamento ao lado. Eu não ia chegar de mãos abanando e então, mais cedo, fui a uma adega e comprei um vinho, não muito caro e nem muito barato.

Era um investimento, afinal.

Roberto vestia jeans e camiseta. Tive que decidir o que cheirava mais: ele ou o jantar sendo preparado.

— Boa noite. Entre. — Deu espaço para eu passar e eu lhe entreguei o vinho.

— Não precisava. Você é minha convidada.

— Vinho nunca é demais.

— Tem toda razão. Fique comigo na cozinha, já estou terminando. — Segui-o para dentro, sem deixar de olhar à minha volta. Os apartamentos do prédio eram todos padrões. Tinham os mesmos cômodos, piso e cor de parede, como no meu.

Diferente de mim, ele tinha poucos móveis. Na sala apenas um sofá diante de uma grande televisão com uma aparelhagem que não me interessava.

Havia, no entanto, um grande espaço na sala onde, com certeza, rolava suas farras de fadas.

A cozinha também era mediana. Era bem equipada com armários e balcões pretos e parecia coisa de primeira linha, mas nada tão surpreendente.

Ele foi até o fogão e abriu a panela para observar e eu me acomodei ao balcão.

— Então, sabe mesmo cozinhar.

— Esse prato é uma das únicas coisas que sei fazer. Aprendi observando a *mi madre*. — Ele deixou o fogão, abriu o vinho e o serviu em duas taças.

Era gostoso observar um gostoso desse cozinhar. Ficar encarando suas costas largas, seu traseiro firme e suas coxas musculosas.

Esse cara era um perverso livre e seria imaturidade da minha parte

suspirar por alguém assim. Igualzinho o Magno.

Eu sabia que se rolasse algo seria apenas no âmbito sexual. Eu e ele satisfazendo nosso tesão incontrolável.

Depois de muito tombo na vida, no quesito homens, tendo apenas vinte e quatro anos, decidi que viverei um dia de cada vez. Dar para o vizinho gostoso, no primeiro encontro, e não me agarrar a nenhuma ilusão infantil.

Ele me serviu um prato e comemos no balcão. Estava gostoso, visto que eu nunca tinha comido aquilo, então não tinha um parâmetro para comparação. Estava mesmo muito gostoso.

Rolou uma tensão sexual entre a gente. Ele me olhava com seus lábios curvados levemente, com o costumeiro sorriso perverso.

— Talvez eu queira te beijar — ele sussurrou.

— Talvez eu queira ser beijada — devolvi. Foi o gatilho perfeito para ele soltar a taça sobre o balcão, se levantar e vir até mim. Roberto segurou minha nuca e me puxou para mais perto. Sentada no banquinho, eu estava à mercê dele, com seu corpo grande e quente à minha inteira disposição.

Arfei diante dos lábios dele, sentindo o seu cheiro adocicado de vinho e fechei os olhos para experimentar a deliciosa sensação da massagem de seus lábios contra os meus. Sua língua se moveu delicadamente tocando a minha e se afastando mais um pouco. Ele me olhou, rosnou como um animal diante da comida e avançou novamente me capturando em um beijo demorando e guloso. Sua boca grande e máscula engolia a minha de um jeito profissional e bem sexy. Eu estava molhada entre as pernas com seu beijo, e sua mão passeou lentamente pelo meu pescoço e chegou a um dos meus seios, me transportando para um campo de prazer o qual eu tinha visitado fazia bastante tempo.

Quando Roberto se afastou novamente estávamos ofegantes. Ele sorriu, me beijou mais um pouco e disse, quase inaudível:

— Te levarei até sua porta.

— Oi? — exclamei, quase sem voz. Eu jurava que partiríamos agora para o “tira-roupa”, e eu pularia na cama com ele. Ele estava me dispensando?

Como se visse meus pensamentos em minha expressão desorientada, ele contornou:

— *Yo ti quiero*, Katherine, mas *quiero* que seja especial. Não que pareça apenas mais uma.

Ah, céus. Era mesmo um romântico.

— Mas...

— Não tem ideia como estou aqui duro, babando na cueca toda para você.

Mas seus olhos... *tiene un* brilho diferente, Katherine. Não vou fazer... como faço com as outras. Pode me perdoar?

Perdoá-lo por não me comer no primeiro encontro; se contasse o café hoje cedo, seria o segundo encontro. Era um cavalheiro. Ah, eu acho que tinha encontrado o meu próprio Romeo Lafayette, que até então era o único homem romântico, sem tramoias, que eu já tinha conhecido.

Eu o agarrei, sem reservas e o beijei demoradamente. Era gostoso, muito gostoso, cozinhava, tinha sotaque e era respeitoso.

— Quer comer uma pizza comigo, amanhã? — Convidou, acariciando meu queixo.

— Sim, claro. Eu... Claro.

— Vou ajeitar meu quarto e talvez...

— Eu vou adorar conhecê-lo. — Estávamos pegando fogo, os dois. Mas, por uma questão de honra, ele decidiu só mostrar o poder de seu quadril espanhol só mais tarde. Eu apreciava e repudiava esse seu gesto.

Fui flutuando para minha casa.

Dei até logo para ele e fechei a porta. Meu coração saltava em disparada. Só em romances eu tinha encontrado um homem tão maravilhoso como ele, pois mesmo sendo um fodedor de carteirinha, ele queria que eu fosse mais que apenas a foda da noite.

Corri para a sala, me joguei no sofá com o celular e escrevi:

EU: *Encontrei o meu Romeo Lafayette. O Vizinho é um gentleman.*

Olívia visualizou a mensagem e respondeu:

OLÍVIA: *Hahahaha. Primeiro que Romeo existe apenas um e está aqui, só de cueca, ao meu lado, lendo. E segundo que já te disse para não se jogar logo de cara, para não acabar decepcionada, como aconteceu outras vezes.*

Comecei escrever, mas ela enviou:

OLÍVIA: *Transaram?*

EU: *Acredita que demos um amasso e ele disse que iria me trazer em casa, pois queria que nossa noite fosse especial? Ele não transou comigo no primeiro encontro, para ser diferente.*

OLÍVIA: *Estranho. Mas de um jeito positivo. Procure saber mais sobre ele antes, Kate.*

EU: *É só sexo, Olívia.*

OLÍVIA: *Claro. Ai, amiga, me preocupo muito com você, mas te desejo sorte. Pegue o gostoso.*

EU: *Esse tipo de incentivo, vindo de você, me faz perceber que estou no caminho certo. Boa noite, vai aproveitar seu príncipe de cueca.*

OLIVIA: *Beijos. Vou mesmo.*

Abracei o celular e fechei os olhos me imaginando beijando aquelas coxas musculosas. Amanhã será possível.

Era só sexo. E ia ser explosivo.

SETE

AMADEO

Era questão de lógica. Eu deveria parecer diferente, para atraí-la para a minha rede. Se eu apenas transasse com Kate, eu me tornaria o caso da noite, sem importância, e quando Magno chegasse daqui a uma semana, ela poderia ceder ao filho da puta.

Fazer algo bem feito requer paciência. Além do mais, eu não queria apenas vencer o joguinho do meu primo, eu queria ela, desde o primeiro momento eu a quis. Não iria perder para um safado como o Magno que só se importava com seu orgulho. Pensar nele olhando para minha Katherine, faz meu sangue ferver, com a necessidade de chamá-lo para um duelo.

Um duelo com armas, como no velho oeste. E eu atiraria bem no pau do desgraçado.

Após Kate sair, voltei para dentro de casa, tomei um banho gelado e fui dormir maldizendo minha noite. Mas era para um bem maior.

Levantei bem cedo para correr. Eu estava malhando em uma academia aqui perto, mas se eu conseguir entrar na Orfeu, economizarei dinheiro usando os aparelhos da empresa, para os funcionários. Cheguei, fiz café, tomei uma ducha e, munido apenas de uma toalha em volta da cintura, fui para a sacada espiar a lateral do apartamento da Kate.

Tive uma pequena surpresa ao encontrá-la espiando para o lado da minha sacada. Com certeza, ouviu barulho e veio ver.

— Oi. — Acenei diante de sua expressão assustada e pálida, por ter sido pega de surpresa por mim.

— Oi. Tudo bem?

— Sim. Como dormiu?

— Bem... Após um banho frio — ela confessou e eu ri.

— Fomos dois. Café? — Ergui a caneca para ela.

— Não, obrigada. — Comprimindo os lábios, ela passou os olhos pelo meu corpo. Vir de toalha para cá, foi uma atitude bem pensada e deu certo, ela estava babando por mim. Fingi que não percebi e acariciei meu peito.

— Bom... Nos vemos mais tarde — eu disse. — Estou indo a uma entrevista de emprego.

— Desejo-lhe sorte.

— *Gracias*. — Pisquei galantemente e saí dando um soco de vitória no ar após chegar à minha sala. Então me vesti, na minha moto, fui para a Orfeu.

— Inicialmente, estará como auxiliar no nosso escritório da tesouraria. — Observei o contrato que Romeo empurrou para mim. — Esse valor está bom para você?

Olhei para o valor do meu salário, bem alto por sinal, e sorri ironicamente.

— Se eu disser que não, vai rolar aumento?

— Não. Esse está acima do padrão para funcionários com cargos no nível do seu. Não quero ser acusado de privilegiar minha família.

— Para mim, está ótimo. — Eu ainda teria direito ao plano de saúde igual ao dos meus primos e não como o dos demais funcionários. Além de um carro da empresa designado para mim e moradia paga. O carro eu dispensava, não queria nada que Kate pudesse me ligar aos Lafaiettes.

Peguei uma caneta e assinei “Amadeo Lafaiette” no contrato. Romeo franziu o cenho.

— Sem nem ler?

— Eu desconfiaria se fosse o Lorenzo...

— O que tem eu? — A porta se abriu e ele entrou. Seus olhos foram de mim para Romeo, especulativos. — Não me choca o fato de eu ser sempre o principal assunto da empresa — disse envaidecido.

— Amadeo é nosso mais novo contratado. — Romeo informou e se levantou para servir bebidas. Lorenzo se acomodou em uma poltrona e bateu o punho dele no meu.

— Seja bem-vindo. Festa de boas-vindas hoje à noite? Tem um bar legal...

— Não. Tenho um compromisso — admiti logo. Recebi o copo da mão de Romeo e sorri orgulhoso para os dois. — A Katherine estará na minha cama.

— Caralho, estou sentindo que isso vai dar uma merda sem precedentes para cima de mim. — Romeo massageou a testa, preocupado.

— Fica frio. — O tranquilizei. Não serei como certas pessoas que deixa pontas soltas nos planos — indiquei Lorenzo com um gesto de pescoço.

— Ah, vai se danar. — Lorenzo colocou a carapuça. — Eu não deixei pontas soltas, meu azar foi ter esquecido como aquela safada é maléfica. Ela foi fofocar na casa do Romeo por puro despeito, mas eu já apliquei um corretivo nela. Está sob meu domínio.

— O que fez com ela?

— Angelina assinou um documento — disse com pose altiva. — Ela fará tudo, inclusive transar comigo, se assim eu decidir.

— *Quieres* transar com sua inimiga?

Lorenzo pensou, pensou... Fez careta e quando abriu a boca para levantar sua defesa, Romeo o interceptou:

— Na verdade, já foram para cama. Lorenzo morre de paixão por essa mulher, se ela sonhasse isso, teria um grande trunfo nas mãos, para derrotar meu irmãozinho.

— A maior besteira que já ouvi. — Ele ficou de pé e apontou um dedo para o irmão. — Você não sabe nada, Romeo...

— Na verdade, te conheço mais do que qualquer um. Pega leve com a mulher, para não se arrepender depois. — Eu contive um riso, pois Lorenzo estava mesmo puto. Ele bufou e saiu da sala.

— Kate não fica para trás — Romeo me avisou. — Ela é muito esperta e você já deve imaginar de que lado eu ficarei, caso essa bomba exploda.

Eu saí da sala pensando que depois de ter constituído família, Romeo se transformou na consciência coletiva do nosso bando. É como se ele fosse a racionalidade que precisávamos. Até o Magno, que era seu grande parceiro de noitadas, leva esporro do Romeo. Onde está o homem frio e fechado, que nem se importava para as mulheres que a gente comia? Ele mesmo dividia suas mulheres com a gente e as via como interesseiras.

Me lembro de ter perguntado um dia a ele como era foder a Olívia e então assisti à transformação da besta fera bem na minha frente. Romeo queria me matar, Magno teve que segurá-lo. Falar das mulheres que conquistávamos era um assunto tão comum entre a gente...

Ele mudou rápido demais, após encontrar o seu grande amor. E isso foi ruim, porque perdemos um aliado poderoso. Na verdade, o mais poderoso. Romeo sempre nos livrava de tudo e agora estava disposto a se virar contra a gente, se nossos atos ameaçarem sua pequena família em construção.

Após essa análise, me perguntei se esse é o destino dos machos Lafaiettes: encontrar a pessoa certa e abrir os olhos para a realidade. Lorenzo já estava começando a ir por essa direção, e eu louco da vida por Katherine.

Foco, Amadeo, carajo!

Eu quero foder a Kate, e não me casar com ela.

Foco, apenas manterei o foco.

Romeo foi pessoalmente me apresentar ao pessoal do departamento onde eu iria trabalhar. Mostrou-me onde era a minha mesa, que ficava bem próxima à sala de Lorenzo. Ele disse que eu teria que ir trabalhar de terno e cumprir o horário, para dar exemplo, já que era um Lafaiette e todos iam ficar de olho em mim. Um deslize e seria o suficiente para o falatório começar.

— Não se preocupe. — eu disse. Alguém bateu em meu ombro. Era Magno.

— Te levarei agora para comprar o melhor uniforme de trabalho. — disse Magno. — Mano, — olhou para Romeo. — nos dê essa parte da manhã de folga. Nosso primo precisa de um dia de princesa.

— Que seja, você vai sair mesmo que eu não permita — Romeo falou observando Magno ir comigo para o elevador.

Na potente e poderosa camionete GMC preta de Magno, nos dirigimos para a tal loja que ele queria me levar.

— Tic tac, tic tac — ironizou. — O tempo está passando Amadorzinho, já conseguiu ao menos dar bom dia a Kate?

— *No* duvide de *mis* proezas.

— Nunca duvidei. — Ele riu me olhando de lado. Estacionamos o carro e seguimos a pé em direção à loja que Magno se dispôs a me levar.

— Só não encoste muito — ele advertiu. — Não quero que o pessoal ache que somos um casal de namorados indo às compras.

— E o que tem, eles pensarem? — Agarrei-o abraçando contra sua vontade. — Sou um ótimo partido para ser namorado...

— Desinfeta porra! Está sujando minha imagem, olha a garotas olhando. — Magno me empurrou e andou sisudo em direção a uma enorme loja. Rindo, o segui.

A loja era muito refinada. Magno olhou ao redor, com as mãos nos bolsos, analisando de longe e esperando ser atendido. Uma moça veio sorridente em nossa direção.

— João Magno, é uma honra recebê-lo. Em que podemos lhe servir?

— Meu primo. — Apontou para mim. — Acabou de chegar à cidade. Precisa de alguns ternos.

— É um prazer. — Ela me observou passando seus olhos pelo meu corpo, como um raio-x.

— Amadeo. — Estendi minha mão.

— Sou Patrícia e irei te ajudar. Vamos dar uma olhada nos tamanhos quarenta e dois.

— Ok.

— Ótimo. — Olhou para Magno. — Fique à vontade, deseja algo?

— Não, obrigado. — Magno sentou-se em uma poltrona perto do provador, e eu segui a vendedora.

Gosta de alguma cor? Paramos diante de uma arara de ternos.

— Esse talvez. — Franzi o cenho para um azul marinho. Não sou muito fã de ternos e possuo apenas dois, que estão gastos demais.

— Um de três peças — Magno aconselhou.

— Certo. Esse está ótimo. Vamos usá-lo de referência. A loja fará qualquer ajuste necessário. A vendedora me entregou uma camisa branca padrão, segundo ela, e me acompanhou ao provador.

Assim que saí, ela estava lá perto de Magno, sorrindo manhosa de algo que ele dizia.

— Ah, ficou perfeito. — Veio rápido em minha direção. Ajustou a barra da calça e analisou com cuidado. Esse é o seu tamanho. Vamos agora escolher mais dois, algumas camisas coringa e gravatas. — Antes de ir, me olhou. — Prefere abotoaduras?

— Seria bom — Magno quem respondeu. — E sapatos.

Não levamos uma sacola quando saímos da loja. Ela disse que entregaria tudo assim que fizessem os ajustes. Dei meu endereço e só mais tarde pensei se isso tinha sido uma boa ideia. Entretanto, Magno disse que era bom Kate me ver como um homem de posses.

— Viu como a vendedora ficou feliz? — Ele gracejou dentro do carro — Fez uma ótima venda e ainda ganhou uma foda amanhã à noite.

— Vai transar com ela?

— Sorriu pra mim, já era. Meu pau é quem manda.

Eu fiquei pensando em um cara pervertido como esse tocando na minha Kate. A ira me tomou. O que ela via em Magno? Por que se deixava submeter a um homem tão fútil? De uma coisa eu sabia: não adiantava ele me transformar em um macho de luxo; eu até ficaria grato, mas Kate era minha e acabou.

Minha carta na manga era: contar tudo para ela, caso ele se aproximasse para dar o bote. Sorri maldoso para ele, enquanto conversava ao volante.

De lá, seguimos para a barbearia onde Magno e os irmãos cortam o cabelo. É lugar exclusivo, e ele teve que ligar e perguntar se tinha um horário para me encaixar.

Quando cheguei em casa à noite, eu estava com um corte de cabelo novo. Desses que abaixa, quase raspando, a lateral e deixa em cima cheio, com um

movimento legal.

Minhas compras tinham chegado, e Kate me avisou assim que desci da moto. Tirei o capacete, e ela olhou meu cabelo e conteve um suspiro. Sorri de satisfação ao vê-la fraquejar com meu novo visual.

— Eu pedi para subirem e colocarem diante de sua porta.

— Muito obrigado. Eu consegui o emprego...

— Sêrio? Que bom. Parabéns.

— É. E precisava de alguns ternos e sapatos... para trabalho.

— Um executivo. Que legal! — ela vibrou escondendo metade de sua euforia.

— Então... vou subir e arrumar a casa. Nossa pizza está de pé?

— Com certeza. — Ela acenou, e eu subi para o meu apartamento pensando que estava tão de pé como o meu pau.

Mi hermosa rubia.

Depois dessa noite, ela não iria querer outro homem. Se possível, irei inclusive dançar *passodoble* para ela. Aprendi aos doze anos com meu pai que foi, durante anos, diretor de teatro. Esta dança encanta as mulheres. É um estilo que imita as touradas. Posso mesmo exhibir alguns passos, mesmo que seja uma dança difícil de fazê-la sozinho.

Eu não apenas chegaria e foderia, como o Magno faria. Daria a oportunidade de ela ver minha essência. Dizem que as pessoas se apaixonam pela alma e não pelo corpo. O corpo é apenas a porta de entrada.

Eu daria a Kate os dois. Um bom e legítimo espanhol, para ela não se esquecer.

OITO

KATE

Ok. Lingerie nova é o principal item para a mulher que vai transar com um cara pela primeira vez. Me vesti e olhei no espelho. Aquilo era um culote? Cheguei mais perto e conferi. Mais ou menos. Não algo alarmante que faria eu correr do olhar de um homem bonito. Apesar de querer ter um bom corpo, não o quero para satisfazer macho, é por satisfação própria.

Mirei minha bunda forrada com a delicada calcinha de renda. Escolhi uma lilás. Branco, muito pudica, preta, muito séria. Lilás era perfeita.

Será que ele é daqueles que rasga a calcinha no dente?

Meu coração acelerou, e meu corpo amoleceu de desejo ao imaginar todo aquele monumento em cima de mim, chegando até minhas pernas e rasgando a calcinha com sua boca linda e sexy.

Passei hidratante nas pernas; não muito, para não atrapalhar o paladar do espanhol. Me perfumei adequadamente e prendi parte dos cabelos apenas com uma presilha na lateral da cabeça, deixando-os soltos.

Nada de muita maquiagem, para não borrar durante o ato e... estava ponta! Quando Roberto abriu a porta para mim, senti como se ele pudesse visualizar minha lingerie nova por baixo do vestido folgado que usava.

— *Buenas noches.*

— *Buenas* — respondi e dei um rosto para ele beijar. Entrei, e o cheiro de comida e macho limpo tomou conta de mim. Como ontem, eu não sabia qual dos dois dava água na boca com mais eficácia. Ele ou o nosso jantar? — O cheiro está delicioso. — Eu disse, e ele sorriu satisfeito.

— Decidi deixar a pizza de lado — informou caminhando para a cozinha, fazendo um gesto para eu segui-lo — Gosta de algo picante?

— Muito. Fez o jantar?

— Não. Eu encomendei, mas fiz a entrada. — Sob o balcão ele colocou uma travessa com pequenos cubos fritos, batatas talvez, ao redor de uma molheira.

— Se chama *patatas* brava. Uma das raras comidas picantes dos espanhóis. Não se pode confundir com mexicanos.

— São batatas?

— *Si.* O segredo está no molho. Mergulhe uma e coma. — Olhei para o

prato e para os lábios dele. Fiquei de repente hipnotizada.

— Parecem deliciosos. — e eu não me referia às batatas. Os olhos dele deslizaram para meus seios, e sua resposta foi:

— Sim, parecem obras divinas.

Engoli em seco. Trombei o meu olhar com o dele e vi uma pulsação de brilho tomar conta de seus olhos. Estávamos tontos de tesão, senti a eletricidade subindo pelas minhas pernas, como se Thor tivesse acertado seu martelo bem na minha vagina. E eu não consegui mais esperar.

— Que se dane o molho. Eu vim pra te devorar e todo mundo sabe disso — Meu rugido o fez estremecer e eu avancei sobre ele. Roberto me recebeu prontamente, fervorosamente em seus braços.

Eu ansiava morta de saudade do seu beijo, e quando nossos lábios se colidiram, minha vagina derreteu. Abri a boca permitindo a invasão de sua língua e gemi sem pudor pelo saboroso prazer de seu beijo.

Ele mantinha uma mão enroscada nos meus cabelos e a outra segurando com gana a minha cintura, e assim que subiu a mão e massageou meu seio, tive que largar sua boca para gemer, de olhos fechados, dominada, me lembrando de toda libertinagem que sempre ouvi vindo daqui desse apartamento.

E agora era minha vez de fazer parte daquelas constantes fantasias eróticas. Eu estava em brasa, flamejante e escaldante entre as pernas. Mais úmida a cada segundo.

Ele não perguntou nada, me suspendeu em seus braços e caminhou comigo, sem interromper o beijo, até chegarmos ao sofá da foda. E era lá que eu queria estar. Que eu imaginei todas as noites, o local que ele usava para fazer as mulheres gritarem. Eu soava um pouco desesperada, ou fora de órbita. Eu não era assim tão cega por sexo há muito tempo, mas agora eu deixei qualquer racionalidade porta a fora e pensava apenas em satisfazer minha boceta fritando de tão louca.

Uma vagina egoísta que se preocupava apenas com seu prazer? Provavelmente. Eu poderia me arrepender, mais tarde, por ter me jogado nele? Tinha muita chance de isso acontecer, mas ao menos eu estaria satisfeita por ter tomado seu pau em profundas doses de prazer.

E por falar nele...

O volume em sua bermuda era chamativo. Suspirei e implorei: *acima de dezesseis, por favor.*

Isso não era mesmo minha consciência, e sim minha vagina obcecada implorando para ser satisfatoriamente preenchida.

Sem esperar, ele arrancou a camiseta e veio para cima de mim se acomodando sob meu corpo. Sua mão segurou meu queixo de maneira sutil, mantendo-o parado enquanto satisfazia seus próprios desejos beijando meus lábios. Não queríamos falar nada, apenas nos devorar.

Suas mãos se meteram por baixo do meu vestido, propositalmente frouxo, e eu arqueei meus quadris dando a ele mais passagem, ao mesmo tempo com corri as unhas por seus músculos. Ele era impressionantemente sarado. Já tinha chegado a essa constatação, mas, agora, tocando-o, eu podia sentir a dureza de sua força máscula.

Quando enfim ele tirou meu vestido, um gemido escapou dos seus lábios. E foi muito sexy ouvi-lo. Roberto estava com o olhar fixado em meu corpo. Pelo seu jeito de olhar, me senti orgulhosa, ele me olhava como se eu fosse a mais bela mulher de sua vida. Me olhava com gula, com ansiedade e eu previa o que viria a seguir, quando colocaria suas mãos em mim.

Antes que Roberto pudesse pensar em percorrer suas mãos sobre as minhas coxas, e por mais que eu as quisesse me apalpando, o empurrei de leve, fiquei sentada no sofá com o monumento masculino de pé diante de mim, ofegante. Beije sem pressa seu tórax trincado, fiz um rápido caminho com minha língua, cheguei ao umbigo e antes de beijá-lo levantei os olhos. Roberto tinha constelações nos olhos, todas acesas de excitação.

Vem com a mamãe.

Abaixei sua bermuda e a cueca branca apareceu estufada. Massageei sentindo o contorno do pau muito duro e logo tive minha constatação de que ele era mesmo um perfeito exemplar: espanhol, gostoso, romântico e pauzudo. Abaixei a cueca e ele saltou, muito ereto, para fora, suas veias dilatadas e a cabeça robusta brilhando pelo liquido pré-goço. Eu tinha feito isso com ele.

— Rubia... — Roberto sussurrou e eu franzi o cenho para ele. Estava me chamando de Rubia? Ele percebeu e se corrigiu imediatamente. — Loira... *es rubia*...

Ah, sim. Voltei a sorrir e mirei o grande pau em minha frente, antes de pegá-lo. Roberto gemeu quando minha língua passou ao redor da glândula e desceu por todo o corpo duro. Subi novamente umidificando-a e abocanhei. Sem pressa, degustando seu sabor, que era muito gostoso por sinal. Ele tinha se preocupado em aparar os pelos e ainda cheirava a algum tipo de produto masculino, sabonete talvez.

Senti suas mãos enroscar nos meus cabelos, abracei suas coxas e mamei... sem pudor, fiz o que minha mente me obrigava a imaginar sempre que eu ia dormir após ouvir uma partida de sexo vinda daqui.

Mamar o vizinho era o meu desejo mais oculto, mesmo nunca tendo visto o rosto dele.

Deixei Roberto puxar devagar o pau e deslizá-lo novamente pelos meus lábios indo até a garganta. Eu relaxei e o fiz tremer a cada arremetida vagarosa, se preocupando com meu bem-estar. Sua rola enchia toda a minha boca e quando saiu novamente estava brilhante, linda, mais dura, se é que pudesse ficar mais dura. E então eu a buscava com ânsia novamente, porque era uma satisfação chupá-lo vendo-o se contorcer.

Quando eu desci a língua até as bolas e lambi cada uma, ele estremeceu e rugiu: — Puta que *pairióooo*. — Em um sotaque muito carregado. — *Carajooo!* Voy acabar *en su* boca.

Roberto tremeu feito vara verde quando se afastou, não permitindo que eu continuasse. Não rasgou minha calcinha, a tirou com lentidão, apreciando cada centímetro em que ela percorria pelas minhas pernas. Fiz pose e sorri sedutoramente. Meu sutiã também fora descartado, e ele se acomodou sobre mim no sofá.

— Agora é minha vez — sussurrou e abaixou beijando cada um dos meus mamilos. Um gostoso arrepio me dominou e instintivamente agarrei seus cabelos, sentindo seus dedos descerem pelo meu ventre e sua boca quente e gostosa satisfazer a excitação que se acumulava nos seios, sugando-os gostosamente.

Roberto me queria o mais exposta possível, para ele ter total acesso. Assim que cuidou de cada um dos meus seios, ele abriu minhas pernas e colocou uma sobre o encosto do sofá. Eu parecia uma ginasta olímpica com toda elasticidade que me permitia.

Ele tinha um sorriso de vitória quando foi direto para o meio das minhas pernas e beijou minha vagina pulsante. Eu nunca tinha tido um fogo tão grande por um cara. E ao sentir sua língua desmoronei. Eu podia explodir que não ligava, a cada passada de língua me remexia enlouquecida gemendo sem medo. Nesse andar, havia somente eu e ele. Ninguém iria escutar.

Quando seus lábios beijaram minha fenda escaldante, recebi uma descarga elétrica. Era, sem dúvida, um tipo de chupada espanhola, porque o cara quase me fez ter um orgasmo dos bons com dois beijos profundos na minha vagina, usando-a como uma boca que pudesse correspondê-lo ao clamor de sua boca.

Nós tínhamos pressa... de experimentar cada momento. Então ele não se demorou lá. Ficou de pé, alcançou um pacote grande de preservativos na mesinha da sala, encapou o pau e se virou para mim...

— *Se sienta em mi, rubia...* — implorou se jogando no sofá. Corpão

suculento tensionado, lábios lindos ofegantes, olhos brilhantes e pau muito duro convidativo.

Sorri e fui para cima dele, como uma leoa no cio. Cuidado espanhol, não sabe com quem está mexendo. Pensei e me ajeitei em seu colo, abraçando o pescoço e mordendo seu lábio inferior, puxei-o com os dentes assim que deslizei sobre ele, tão duro e quente que parecíamos duas fornalhas.

Cheguei até o fim, até a base e solucei. Me dei alguns segundos para acomodá-lo dentro de mim. Suas mãos agarraram minha cintura e comecei subindo e descendo, subindo e descendo, aumentando a velocidade, gemendo no processo.

Seu corpo musculoso e cheiroso me fez deleitar, senti seus nervosos vibrando em sintonia com os meus, as respirações se misturando de tão próximos que estávamos.

Ele me puxou para mais perto, abocanhou com urgência minha boca e com os pés apoiados no chão criou impulso socando forte, excessivas vezes, muito fundo dentro de mim. Eu tinha as unhas cravadas em seus ombros, mas nem ligava. Seu pau ia e voltava com tanta fúria que o prazer me dilacerava. Era grosso demais para que a fricção deliciosa não me causasse mil espasmos poderosos.

— Porraaa! — gritei. E ele me abraçou, caiu de costas deitado no sofá me levando juntos e me fodeu da melhor forma que podia. Usou todo seu tesão, e suspeitei que não era um terço do seu poder de fogo.

Eu caí no pau espanhol. E estava muito longe de ficar saciada.

Ele me levantou e segurou minha mão para correr para o quarto. Eu odiei que ele tivesse saído de dentro de mim, deixando aquela sensação de vazio, do meu canal pulsando vazio, sentindo falta do que antes o abria com voracidade.

No quarto, Roberto me empurrou para a cama, mas não o suficiente para que eu deitasse, fiquei com a bunda para cima, ele se ajeitou por trás e voltou a me saciar com sua força dominadora. Segurou meus cabelos, praticamente deitou sobre mim e mordeu meu ombro enquanto entrava com arremetidas firmes, criando um barulho úmido de nossos órgãos se chocando.

Meus gemidos eram tão altos que se alguém estivesse em minha casa, poderia escutá-los, por isso eu não julgava as mulheres que estiveram com ele. O sujeito metia com perfeição e seu pau era tão bom que ajudava no processo.

Ele rolou de lado, deitou e me levou para cima dele novamente. E me deixou tomar conta.

Abraçados, suados, gemendo como loucos estávamos chegando juntos.

— Goza Kate... goza... *cariño mio*, *estoy* chegando

— Merda! — gemi, mordi seu ombro, como ele mordeu o meu e, nesse instante, Roberto não conseguiu suportar. Começou a meter mais forte e tremer conforme se liberava. E eu o segui. Nossas bocas grudadas, corpos colados, meus seios esfregando contra seu peito musculoso.

Descansei ali mesmo. Não esgotada, mas cansada por enquanto. Eu queria mais, porque seu cheiro de macho limpo suado estava me atiçando, eu estava só começando com ele, queria experimentar todas as posições, tudo que ele pudesse me dar.

Beijei-o sem pressa, no peito, na marca de minha mordida no ombro e no queixo.

Ele abriu os olhos e me observou.

— Peguei pesado...? — Estava preocupado.

— Você foi perfeito.

— Você que... *carajo*... Eu fiquei louco. *Estoy* louco ainda. — Olhou para baixo onde o pau acabava de deixar meu interior. Saí de cima dele, Roberto tirou o preservativo, jogou para fora da cama e veio novamente se acomodar comigo.

— Então é isso que faz nas horas vagas... — insinuei sobre as tantas vezes que o ouvir transar.

— É isso e tocar guitarra. E você preferiu deixar a guitarra para depois.

— Com certeza — eu concordei e ele riu. Ficou sério novamente e olhou seu dedo acariciando meu seio.

— Porque não tem um namorado?

— Eu devia ter?

— É muito bela... e gostosa... e *muy agradable*.

— Obrigada. — Eu pensei bastante. Não ia falar com ele que o problema estava comigo, que sempre espantava os caras por querê-los moldá-los a meus desejos. Com exceção do único que não pude ter. Afastei a sombra de Magno da minha mente e virei para Roberto. Por enquanto, é escolha minha. Não acho que precise de um cara em minha vida. Menti. Eu ainda não havia encontrado o cara certo.

— Então... se *yo quiero*, sei lá, te ver mais vezes, terei que ficar apenas na ala de *vecino* para foder?

— Ainda está cedo para entrarmos nesse assunto. — Me sentei na cama. Eu não queria me iludir com propostas absurdas. Ele tinha as mulheres das noites e eu tinha... minha solidão.

— *Yo tengo* mais umas dez camisinhas... — sentou comigo e acariciou minhas costas. Beijou e subiu os lábios para a nuca. Seu polegar passou sem pressa sobre o lugar que ele mordeu e, em seguida, plantou ali um beijinho. — Deixa-me te comer, Katherine... o tanto de vezes que eu desejo.

Virei para ele, observando seu rosto coberto de tesão. Fiquei perplexa com o poder que vi em seus olhos. Ele me queria absurdamente.

— *Deja* te comer de pé, — sua voz era baixa, um sussurro sexy, causando em mim arrepios — *en mi bañera*, em frente ao espelho — seus dedos percorreram minha bochecha e chegaram à minha boca — *en la* cozinha, mais vezes no sofá... até termos que ir a *su* casa para que *yo* experimente todos os ambientes... fodendo você.

Chocada, continuei olhando a boca dele por mais alguns segundos, então avancei e beijei vorazmente seus lábios.

NOVE

AMADEO

Estava feito. Eu tinha mergulhado por completo, me afundando para dentro de Kate, não literalmente, mas de um modo figurado em que não tinha mais como eu voltar. Na verdade, desde antes de transar com ela, eu já estava imerso nesse jogo de sedução. Eu a vi e a quis mesmo com Magno sendo uma ameaça tão poderosa. E ele ainda é uma ameaça muito poderosa.

Enquanto Kate comia, vestindo calcinha e minha camiseta, eu pensava se tinha grandes chances de ele interferir no meu sonho realizado.

Porra, como *puede*?

Eu a queria para mim. Gostava de vê-la sorrir, gostei de beijá-la e trepar loucamente, imerso em sensações como nunca antes havia acontecido. Magno queria apenas alimentar seu ego de porco e seguir em frente. Tremi ao pensar que faltava apenas quatro dias para ele entrar na equação e balançar a cabeça e coração de Kate.

Eu podia estar subestimando meu poder, mas o medo de que ela ainda sentisse algo por ele, era real. Toda mulher sempre preferiu Magno, porque o safado sabe como fazer o *merchandising*. Cada um de nós já perdemos mulher para ele. Eu, Lorenzo e até Romeo.

Inclusive, quem colocou os olhos em Olívia primeiro, foi o próprio Magno. Ele só não a disputou, porque ela era especial para Romeo e ninguém bate de frente com primogênito dos Lafaiettes. E até Magno sabe disso.

Definitivamente Kate não merecia tudo que estávamos fazendo com ela. Pensei em contar tudo, mas aí eu não poderia mais vê-la.

— O que foi? — Sorriu de cenho franzido. Eu estava encarando-a com o garfo parado no ar.

— Você é bela quando mastiga. — Merda. Eu não podia ser um bobo grudento. Isso afasta as mulheres. Dizem por aí que ser indiferente e um pouco arrogante faz mulheres caírem aos pés dos homens. Eu só não conseguia ser assim com ela.

— Só quando mastigo? — Sorriu e piscou para mim. Foi o suficiente para me fazer endurecer como rocha. Esperei ela terminar e fiquei de pé; imediatamente seus olhos deslizaram para minha cueca.

— Vem comigo para o sofá, Kate? — Estendi minha mão. Ela pareceu

hipnotizada diante de meu olhar, segurou minha mão e ficou de pé.

— Acho que encontrei a fonte do prazer. — Ronronou manhosamente se enroscando em meu corpo. Eu a envolvi com meus braços. Minhas mãos adentraram a camiseta que ela vestia e chegaram a seus seios macios. Ela suspirou sorrindo. Eu a satisfazia na mesma medida que ela me enlouquecia.

— É uma fonte inesgotável.

Isso sim é vida. Sorriu, enfiou a mão na minha cueca e massageou meu pau duro. Meus lábios se contorceram, eu tinha um sorriso malicioso, e ela adorou vê-lo. Deu um gritinho quando a suspendi, e a levei para o sofá para que eu a comesse tão vorazmente que iríamos ficar sem condições de andar.

Acordei e o dia já estava clareando. Estava nu, e havia um corpo feminino, também nu, enroscado ao meu. Puta que pariu! Já estava amanhecendo e dormimos na sala depois de uma longa foda cansativa.

Deixei os braços dela e, sentado, me espreguicei. Pelado, fui para meu quarto, tomei uma ducha e me vesti para ir para meu primeiro dia de trabalho na Orfeu. Eu poderia deixá-la dormir, mas Kate se zangaria comigo. Sentei ao seu lado com uma caneca de café e a sacudi devagar.

— Katherine.

Ela me olhou assustada e se sentou confusa. Passou os olhos por mim, semicerrou os olhos para a caneca e ajeitou os cabelos.

— Dormi muito — constatou. — Que horas são?

— Seis e meia. Tome. Ela pegou a caneca e após um gole, pareceu despertar. Tornou a me fitar e disse:

— Está bonitão, como um executivo.

— Obrigado.

Tomou mais um gole de café e virou o pescoço de lado, me encarando.

— Tem carro?

— Tenho uma moto.

— Ah. Que ótimo. Não vai pegar muito trânsito. Moto é melhor para se esquivar no tráfego. — Tomou mais café, me entregou a caneca e se preparou para se levantar.

— Já vai?

— Sim. Desculpe... Eu... deveria ter ido embora. Acabei caindo no sono.

— Tudo *bien*. Foi *una noche* gostosa. Vem me ver *después*?

— Você sabe onde moro, garotão. Por que não vai você me ver? Sou uma

dama. — Ela riu da própria colocação e começou a se vestir.

Levei Kate até a porta sem, no entanto, combinar de nos ver novamente. De qualquer forma, eu tinha feito um gigantesco progresso. Tínhamos transado e dormido juntos. Magno era apenas uma sombra de ameaça.

— Olha lá! — Romeo gritou quando cheguei à empresa. De óculos escuro, terno e bolsa a tiracolo. — A cara do homem que está em lua de mel. — Girei me exibindo e cheguei à mesa da lanchonete onde os dois irmãos se reuniam.

— Contemplem o homem feliz e bem servido — falei e Magno torceu o bico. — Ela é minha. Tivemos juntos uma noite perfeita.

— Vejo que semeou a boa vizinhança. — Magno bateu em meu ombro quando sentei. — Mas sabe que Kate vai arrancar sua cabeça como em uma tourada se descobrir, não é? — Meus olhos foram para Magno, e ele tinha uma expressão maldosa para mim.

— Estou providenciando o antidoto para qualquer ameaça peçonhenta.

— É o melhor que faz. — Ele se levantou, se despediu da gente, e eu olhei para Romeo.

— O que ele tem?

— Não sei. Magno é um mistério.

— E o Lorenzo?

— Enrolado com a Angelina. Levante a bunda daí e vamos, que eu vou te mostrar qual seu trabalho. Andamos juntos em direção aos elevadores e Romeo confidenciou: — Falando na Angelina, eles estão preparando um desfile. Ouviu falar?

— Mais ou menos. Lorenzo só fala nisso.

— Pelo que Olívia disse, é bem provável que Kate seja uma das modelos.

Parei e, interessado, o fitei.

— Minha Kate? Desfilando?

— Sim. Quer ir? Se for, avise com antecedência, pois precisa de convite.

— Lógico, *Carajo!* Não vou perder isso.

— Certo. — Riu e bateu no meu ombro. Está mesmo investindo nisso ou é apenas uma disputa com Magno?

— *Usted me dio la dica del apartamento. Sabe que yo a queria antes da intromisión de Magno. Katherine es la brasileña que pedi a Dios.*

— É bom saber disso.

Eu tinha uma função relativamente leve. Precisava, por enquanto, apenas revisar contratos e rever lucros e prejuízos que a Orfeu poderia ganhar em cima

de cada conta de cliente.

Eu estudei para isso, e foi fácil passar o dia trabalhando nesta tarefa. Quando estava fechando o expediente, Romeo veio me ver.

Peguei minhas coisas e segui com ele para o elevador.

— O que houve?

Ele tirou algo do bolso e me estendeu um envelope. Era uma reserva para uma noite espanhola que aconteceria em um estabelecimento hoje no Rio de Janeiro. Com direito a um jantar típico e apresentações.

— De verdade, gosto da Kate — ele explicou — Ela é como uma irmã para a Oly, e vi sinceridade em você. Leve-a nesse lugar hoje à noite, mostre a ela como você pode ser diferente de outros caras. Lembre-se que Magno seduz as mulheres, mas você deve conquistá-la. A conquista nunca morre. — Entramos no elevador.

— *Gracias*, primo.

— Meus irmãos só se fodem porque não ouvem conselhos e acham que com o pau se resolve tudo. Se o cara não mostrar a força de sua alma para uma garota, o pau não vai segurá-la por muito tempo.

Eu ri e, feliz, peguei minha moto, pronto para ter algo a dar a Kate. Um passo à frente em qualquer coisa que Magno pudesse planejar.

DEZ

KATE

“Além da leve dorzinha entre suas pernas, Jessica podia jurar que ainda sentia a textura do pau de Carmo em seus lábios quando fechou a porta atrás de si e riu pervertida. Tinha enfim acontecido. Ela odiava o maldito vizinho por causa do barulho insuportável que ele fazia e que a impedia de ensaiar seus delicados passos de balé. Mas, mesmo assim, acabou sendo encurralada no apartamento do safado e se viu gostando de todas as libertinagens que o filho da mãe a submetera.

Esfregou as pernas sentindo a frustração provocada pelo orgasmo que lhe fora negado. Ele dissera que tinha sido bondoso em deixá-la gozar uma vez, mas a segunda só aconteceria no dia seguinte e que ela teria que ser forte para aguentar passar a noite com a lembrança do delicioso homem que tivera o poder de libertá-la.

Era um dominador, o maldito, e deu a ela a escolha de continuar ou sair pela porta e nunca mais vê-lo. Ela queria experimentar e aceitou ficar, aceitou vender sua alma por pura curiosidade e agora pertencia a ele. Uma pobre bailarina que estava nas mãos de um homem pervertido e gostoso além do limite. Tão gostoso que pensar nele, dava-lhe água na boca e deixava molhada a sua vagina. Ela estava obcecada pelo vizinho e faria de tudo para ter novamente seu pau pressionando e investindo contra ela.

Agitada, correu para o quarto e...”

Ouvi batidas na porta e me levantei da frente do computador. Estava progredindo no livro e usando todo prazer que consegui na noite passada para colocar em cada linha do livro. Carmo, meu personagem, não era tão doce como Roberto, mas era tão safado quanto.

Era Roberto, e me pegou desprevenida ao fazer um convite.

— Ir a uma apresentação? Agora? — Olhei incrédula para ele. Ele estava mais animado do que quando cheguei em sua casa ontem à noite, e sabíamos que íamos transar.

— Sim. Diga que sim, fiz uma reserva para *nosotros*. *Me parece que te gustaría de ver un poco de mis costumbres.*

Eu sorri para ele e acabei assentindo. Por que eu me faria de difícil se a ideia me agradava tanto? E mais ainda porque eu iria passar a noite com esse gatão com sotaque.

— Que horas saímos?

— Às sete. Precisamos de taxi ou *tienes coraje* de ir em mi moto?

— Na verdade, eu tenho um carro...

— Certo. Poderemos ir no seu carro, pois minha única opção é a moto.

— Ah, céus. Uma moto? Nas ruas do Rio? Isso parece tão arriscado... — E era muito arriscado, todavia, muito atraente. Excitante até. É claro que eu queria ir. Mordi o lábio e sorri. — Quer saber? Vamos deixar meu carro e ir na sua moto. Vamos ver no que isso vai dar.

— Garota corajosa! — ele vibrou, me puxou e roubou um rápido beijo com gosto de euforia. Eu queria continuar com minha boca pregada aos lábios sexy dele. Mas Roberto se afastou e foi para seu apartamento. E eu me derreti contra a porta.

Uma noite espanhola com o vizinho gatão espanhol. Eu só podia estar dentro de um romance, para ser tão perfeito.

Como ia de moto, optei por um macacão preto exuberante que tenho e quase nunca uso, por ser formal. A parte superior é de renda bordada com pequenas pérolas. Calcei sandálias alta e deixei os cabelos soltos.

Quando acabei de me maquiar, fiquei pensando se eu deveria ir até o apartamento de Roberto ou esperar ele vir me buscar.

Não sigo à risca essas pequenas regras impostas pelos costumes que ditam que homens devem tomar a frente e que a dama deve esperar ele vir buscar, esperar abrir a porta do carro, escolher o vinho que vão tomar, etc. Eu gosto de fazer as minhas coisas, entretanto, hoje me deixei ser a garotinha sendo cortejada. Decidi esperar na minha sala até ouvir a porta do apartamento dele abrindo e, segundos depois, minha campainha tocando.

Eu não podia dar a entender que estava ali esperando. Tirei meus brincos, e fui andando para a porta fingindo que estava colocando-os.

— Oi, entre, estou terminando de me arrumar. Dei as costas deixando-o ver minha bunda e caminhei de volta para o quarto.

— Você está *muy* encantadora.

— *Gracias*. — gritei rindo. Ele também estava um arraso. Vestia jeans escuro, sapatos parecidos com botas de couro e uma camiseta por baixo da jaqueta preta. Um *bad boy*.

Sua moto era uma máquina preta e muito alta. Eu estava ansiosa, com o coração pulando na garganta e a emoção era a melhor que já havia sentido. Roberto me ajudou a subir, ajeitou com cuidado um capacete em minha cabeça,

montou e perguntou:

— Pronta?

— Sim.

— Segure em mi cintura, Katherine. Segure *tan fuerte* como ontem *en la* cama. — Fiquei ardendo de fogo com a sua ordem carregada de sotaque e o abracei apertando. Roberto ligou a moto, e entramos na rua em uma velocidade que permitia o vento frio da noite tocar a parte do meu rosto fora do capacete.

Os músculos poderosos e tensionados de Roberto, por baixo da jaqueta, me faziam lembrar de como era tocá-lo sem roupa. Ele demonstrava que era um exímio piloto, e me senti, acima de tudo, segura.

Chegamos ao local, e eu me deparei com um estabelecimento que tinha sido decorado para a noite espanhola que Roberto falara. Estava decorado com vermelho e amarelo, as cores da bandeira espanhola. Havia muitas flores e uma música vindo lá de dentro.

Para minha total surpresa, era uma mulher cantando ao vivo, em espanhol, e uma banda a acompanhava. Fomos guiados até a mesa reservada para nós, e sorri superencantada ao assistir Roberto pedindo a carta de vinhos com seu charmoso sotaque.

— Quer escolher o vinho?

— Fique à vontade — eu disse, não me importando muito com o que eu iria beber. Ele escolheu, me surpreendendo por pronunciar muito bem os nomes dos vinhos e perguntar ao garçom sobre eles. Pediu uma garrafa e o garçom se afastou.

— Vem sempre aqui? — questionei.

— Mais ou menos. Descobri o lugar há pouco tempo. Gostou?

— Até o momento, sim. Me fale um pouco sobre você.

— Então já estamos nessa fase? De sabermos *un poco* mais sobre la vida do outro?

— É um encontro, não é? Nosso... quarto encontro, contando o café.

— *Si*. — Ele recostou na cadeira e deu de ombros. — Vim ao Brasil ano passado por causa de *un trabajo*. Mas saí do emprego e decidi continuar em *estas tierras* mais um pouco.

— Então seus parentes estão todos por lá?

— *Si*.

— Legal. Bom, eu fiz faculdade de pedagogia, mas não era o que eu queria e me vi perdida em minha própria vida, até dar de cara com a livraria. Tenho agora um grande propósito.

— É uma bela livraria. E *puedo* ver como está feliz trabalhando lá.

— Sim. — O garçom chegou com o vinho. Corri os olhos pelo ambiente lotado, divertido, com muita gente apreciando a beleza sexy da cultura espanhola. Deixei que Roberto indicasse um bom prato para eu provar, e ele escolheu gaspacho, que é uma sopa fria de tomate, como entrada e, como prato principal, o famoso cozido Madrilenho. Um cozido composto por grão de bico, carnes diversas e alguns legumes.

Assim que o garçom se afastou, ele ficou me fitando sorrindo, de boca fechada.

— Já teve alguém que quis pra valer, acima de qualquer circunstância? — ele perguntou e no mesmo instante minha memória foi bombardeada com imagens de um homem lindo de morrer, mas bem tosco ao limite. Magno ainda era meu fantasma particular.

— Não — menti olhando nos olhos dele.

— Então todas suas paixões foram correspondidas?

Tomei um gole de vinho e, olhando-o por cima da taça, assenti confirmando. Mentindo mais ainda. Por um bom tempo me senti frustrada, me perguntando o que eu não tinha para aquele cafajeste não me querer?

Roberto assentiu, creio que acreditando em mim.

— E você? — questionei.

— Sim, já tive.

— Já?

— Na verdade, estou tendo esse desejo absurdo...

Corei e franzi o cenho. Ele riu e deixou no ar a sua indireta. Não continuou dizendo se era ou não comigo.

Nosso jantar foi servido, e não conversamos muito enquanto comíamos. Primeiro, porque assistimos uma perfeita apresentação de uma dança espanhola que Roberto disse se tratar de *Paso doble* e que ele sabe executá-la. E segundo, porque o jantar estava delicioso, e Roberto foi me explicando várias coisas sobre a culinária de seu país que, segundo ele, aprendeu com a mãe. Pedimos a sobremesa, e foi nessa hora que olhei para o outro lado e vi alguém vindo em nossa direção.

O famoso fantasma de meus sonhos, aquele que me assombrou durante meses, que me deu falsas esperanças e, em seguida, simplesmente me ignorou. Magno vinha com seu costureiro porte muito elegante e galante. Era um ser erótico até mesmo no caminhar. O costureiro sorriso debochado estava lá no belo rosto.

— O que houve... — Roberto olhou para onde eu mirava e pareceu ficar pálido no mesmo instante.

— Um conhecido, não se preocupe — falei e olhei para Magno que tinha acabado de parar na mesa.

— Kate. Que bela surpresa. — Percorreu os olhos até Roberto e seu sorriso expandiu, cinicamente. — Com um cara novo...

— Oi, Magno. Tudo bem?

— Sim. Muito bem. Vejo que você também está.

Roberto estava muito inquieto na cadeira e agora o seu rosto parecia um pimentão, seria vermelho de raiva? Ele praticamente fuzilava Magno.

— João Magno. — Ele estendeu a mão para Roberto.

— Roberto...! — meu acompanhante respondeu quase sussurrando.

— Roberto? É um belo nome para se escolher. Mas tão comum... quase nome de um amador.

Revirei os olhos. Magno estava deliberadamente provocando meu acompanhante por puro despeito. Quem ele pensava que era?

— O que sei que você não é, certo? — Cutucou o ombro de Roberto. Antes de eu repreendê-lo, Roberto foi mais rápido.

— Estamos no meio de um jantar, pode nos dar licença, senhor João Magno?

A resposta de Magno foi rir encarando Roberto. Depois virou-se para mim.

— Está livre esse fim de semana?

— O quê? — Gelei no mesmo instante.

— Eu te ligo, tudo bem? — tocou no meu ombro e apertou de leve — Ah, Kate... — suspirou me deixando chocada e foi para o outro lado conversar com a mulher que cantava quando chegamos. Fiquei hipnotizada olhando-o. Não podia ser. Magno me dando bola logo agora que enfim eu tinha encontrado um cara legal?

— Katherine...? — Roberto chamou, e eu saí do meu transe. Ele estava puto de raiva, percebeu como eu fiquei mexida.

— Acho melhor pedir a sobremesa para levar, o que acha? — Eu só queria fugir desse lugar. Fugir da confusão que havia explodido em minha mente. Apesar de tudo, eu me sentia atraída por Magno.

Roberto acenou para o garçom, mas antes de ele vir, quase dei um grito ao ver Magno caminhar para o microfone lá no palco. Estática, o vi conversar com os músicos e dizer em seguida, totalmente em espanhol, algo como: “*Una canción para calentar la noche.*”

Ele era também um charme falando outra língua. Engoli em seco, incapaz de desviar o olhar quando ele disse:

— Preste atenção, Kate. — Piscou, estalou os dedos e os músicos começaram com vários violões e violas.

Ouvi Roberto me chamar para ir, mas eu estava com a mão na boca assistindo Magno cantar a música em espanhol perfeito, com uma voz rouca e agradável. Olívia me contou que Romeo cantou “Experiência Religiosa” para ela no cruzeiro, seria um talento de família ter essa bela voz?

*Este amor llega así esta manera
No tiene la culpa,
Amor de compra y venta
Amor del mes pasado...*

Roberto ficou de pé, e eu supus o pior. Eu achei que ele iria lá bater em Magno, mas meu belo vizinho e acompanhante da noite, apenas fuzilava as pessoas com os olhos, vendo-as aplaudir e ovacionar Magno.

E quando ele cantou:

*Bamboleo, bambolea
Porque mi vida, yo la prefiero vivir así*

Roberto arrancou a jaqueta preta ficando com uma camiseta branca. A seguir, arrancou a camiseta branca e vestiu a jaqueta por cima do peito nu.

— Roberto, não! — gritei. Magno não parava de cantar, adorando o espetáculo. Roberto marchou para lá, mas passou direto, foi até a alguns dançarinos que assistiam ao show de Magno e falou algo com uma mulher. Eu estava de pé, no meio do salão, morrendo de preocupação, quando Roberto e a mulher vieram de lá já com passos ensaiados.

Roberto se empertigou em uma postura perfeita como se fizesse aquilo a vida inteira, o peito nu musculoso aparecendo por baixo da jaqueta e caminhou espreitando em volta da mulher que se agitava com as mãos para o alto. Em seguida, ele segurou as abas da jaqueta, bateu os pés algumas vezes e, com feições fechadas, ambos se jogaram contra o outro em uma dança rápida, marchando em passos cronometrados.

E Magno não parava de cantar. Mas quando viu Roberto dançar perfeitamente fazendo o pessoal do restaurante ir ao delírio, ele tirou o microfone do pedestal e veio até mim.

*Por eso un día no cuento sí de nada
Lo mismo you que ayer*

Yo pienso en ti

Roberto deixou a dançarina com seu esvoaçante vestido vermelho, veio até mim e me tomou nos braços, me levando para Longe de Magno. Os clientes do restaurante aplaudiam acompanhando os músicos em perfeita sincronia. Roberto me rodopiou em seus braços, e quando parei no meio do restaurante, ele dançou sozinho ao meu redor, batendo os pés como um touro. Era uma dança de posse, como se me demarcasse como sua propriedade. Ele, então, segurou minhas mãos, me rodopiou mais uma vez, me inclinou quase perto do chão e beijou minha boca longamente e quando me colocou de pé, ele abriu os braços reverenciando a dançarina, e Magno gritou:

*Porque mi vida, yo la prefiero
vivir así*

E acabou a música.

Magno deixou o microfone no pedestal, passou por mim e disse:

— Não é muito difícil escolher.

Roberto fez menção de bater nele, mas eu o segurei. Magno foi embora, e continuamos recebendo os aplausos das pessoas que deveriam estar pensando que fazíamos parte do show.

Fomos embora. Montei na moto com Roberto e ambos viajamos em silêncio. Ninguém comentou nada sobre a noite.

Só quando chegamos em casa, ao parar ao lado dele enquanto abria a porta do seu apartamento que confessei.

— Sim, existiu uma pessoa que eu quis muito, acima de qualquer circunstância.

— Era ele? — perguntou e me deixou entrar.

— Era. Magno Lafayette, foi minha única e maior paixão platônica.

Roberto me deixou ali e foi para a cozinha. Pegou uma cerveja e, recostado no balcão, me encarava enquanto bebia.

— Não vai dizer nada?

— Quem tem que dizer é você, Katherine. Há chances de você rastejar atrás dele novamente?

— Não. Isso jamais.

Ele apenas assentiu, deu mais um gole na cerveja e veio até mim. Acariciou meu cabelo, passou os dedos na minha bochecha e tornou assenti calado.

— Eu vou confiar em você — avisou docemente. Balancei o pescoço

dizendo que sim, e ele estendeu a mão para mim. — Venha para a cama comigo.

E eu fui. Abalada, impressionada com a batalha dos dois espanhóis lá, no restaurante e muito excitada.

E fiquei feliz em constatar que era excitação toda por Roberto apenas.

ONZE

KATE

Apesar da maravilhosa noite que eu e Roberto tivemos, levantei bem cedo, saí dos braços dele e corri, sorrateiramente, para meu apartamento. Depois de tudo que acontecera na noite passada, eu não tive um tempo para mim, sozinha para pensar em tudo e digerir aquele show de machos exibidos.

Tomei um banho, passei o café e só depois, quando estava sentada com a caneca na mão, me deixei voltar à noite anterior, quando Magno apareceu no restaurante. Qual era a dele? Por que, da noite para o dia, ele decidiu me dar bola, quando tudo que fez nos últimos meses foi me ignorar?

E eu tentei, juro que tentei engatar algo entre a gente, várias e várias vezes. No fim, desisti. Eu conheço tipos como Magno, homens como ele gostam de ser o centro das atenções, gostam de lista de espera, segunda opção, um pneu de socorro. Homens assim deixam as burras em banho-maria, e se algum dia eles não tiverem melhor opção, então essas idiotas terão uma chance. Eu me vi nessa posição ridícula, esperando na fila. Ele era legal comigo quando nos encontrávamos, a gente se dava muito bem perto de outras pessoas e ele quase me fazia achar que iria rolar algo.

Mas quando enfim, eu dava o primeiro passo, vinham as desculpas, o desinteresse, o semblante indiferente.

Por fim, eu achei que era apenas uma fantasia que eu criei, porque a minha melhor amiga estava saindo com um bonitão milionário que tinha um irmão disponível e, intimamente, eu quis uma vida como a da Oly, um amor perfeito e lindo como o dela.

Só mais tarde me dei conta que caras gentis, lindos, apaixonados e safados são raros, e na família Lafaiette só veio um com esses rótulos. Lorenzo era uma praga e Magno um embuste.

Mas agora...

Surgindo de uma hora para outra, vindo como um beija-flor em tarde de primavera que a gente nunca vê de onde veio, só se dá conta que ele está ali quando o observamos beijar as flores. Apareceu Roberto. O vizinho bonitão, safado, gentil e que, por ironia do destino, era espanhol.

Qualquer lembrança de outro cara morreu em minha mente quando fiquei com Roberto. No início, achei que era curiosidade, mas, depois da primeira noite, percebi o quanto ele me deixava em estado de graça, em um alto astral de

felicidade. Mas, agora Magno reaparece. Como um bom filho da mãe que ele é, sabendo que ainda pode me abalar...

E pode, sim. Não adianta eu afirmar convicta. Eu dei brecha a esse sentimento e ainda não me curei dele totalmente. Magno ainda abala meu coração. Eu não queria viver novamente aquele momento em que eu só pensava nele, fazia planos para encurralá-lo, tentava chamar a atenção dele a qualquer custo. Eu não me dava o valor. No entanto, apaguei lá no fundo uma faísca de esperança que talvez, algum dia, pudesse experimentar aquele pelo qual fui obcecada.

Com as mãos apoiando o rosto, refleti por alguns minutos até ouvir barulho no apartamento ao lado. Roberto tinha acordado. Não conversamos nada ontem à noite, apenas transamos enlouquecidos, com os vestígios da dança sensual que ele executara no restaurante, reverberando em mim seus movimentos de quadris, golpeando deliciosamente dentro de mim.

Peguei meu celular, toquei em um número e, antes de Olívia atender, olhei no relógio para me certificar de que ela já estava de pé. Eram sete. Ela acorda cedo por causa do bebê. Atendeu depressa.

— Kate...?

— Oi, amiga. Estou querendo dar uma passadinha por aí...

— Ah... Então, estou indo lá na Madde.

— Já? Olívia, você acabou de parir.

— Está imitando o Romeo? Já faz quinze dias, Kate. Além do mais, não irei trabalhar, só ver o primeiro teste com as modelos para o desfile da Madde. Por que você não vem comigo? Será mais um motivo para Romeo ficar tranquilo. Vou levar o Gael.

Pensei um pouco, olhando para a parede que separa meu apartamento com o do vizinho, como se eu pudesse vê-lo lá dentro passeando só de cueca.

— Sim, eu vou. — Roberto poderia estar indo trabalhar, mas poderia passar aqui para conversar, e eu não queria ainda falar com ele. Pelo menos não sobre a noite passada.

Me vesti apressada e me dirigi para o trabalho de Olívia no meu lindo carro vermelho, o qual paguei em dez vezes. A dívida que mais tinha me deixado feliz.

A Mademoiselle crescia impetuosa bela no meio da cidade, como uma rainha em seu trono governando. Estacionei e me dei uns dez segundos do meu tempo para apreciar o belo prédio branco com detalhes que lembravam uma construção de conto de fadas.

Anunciei minha presença no balcão de entrada, esperei eles ligarem para

Olívia, mas antes da confirmação, ouvi uma voz atrás de mim:

— Kate? — Me virei para encontrar Angelina em sua costureira elegância. Bem diferente da mulher destruída que resgatei do apartamento do Lafaiette malvado.

— Oi, Angelina. Tudo bem? Vim ver a Oly...Passei os olhos no homem ao lado dela. Tive um sobressalto ao me deparar com tamanha beleza. Alto, forte, muito gato e com uma bela cabeleira em tom acobreado.

— Ah... Ela me disse mesmo que estaria hoje aqui — Angelina respondeu e ao perceber meu olhar nada discreto no acompanhante dela, decidiu apresentá-lo. — Este é o Noah, mais que um fotógrafo, um artista. — Trocaram um sorriso, os dois.

— Katherine — eu disse a ele, estendendo minha mão.

— É um prazer, Katherine. — A sua voz era grossa, mas aveludada. Me perguntei por que Angelina se prestava ao papel de humilhada perante a Lorenzo, quando tinha esse ser magnífico ao lado dela. Apesar de que aquele Lafaiette canalha fosse um gato também.

— Venha — ela chamou — Eu te levo até a sala dela. Acenou para o recepcionista e ele liberou minha passagem.

No elevador, éramos apenas nós três, e eu respirei fundo ao ouvir a voz de Noah mais uma vez.

— Será que ele não vai criar problemas? Isso devia ter sido conversado antes...

— Deixe que dele cuide eu, Noah. Só um jumento para tentar impedir você de assinar nosso catálogo. É o melhor do mercado, Lorenzo sabe disso. — Angelina me olhou e eu sorri para ela. Assim que as portas do elevador se abriram, Angelina disse a Noah para esperá-la em determinado lugar e me conduziu até a sala onde Olívia já esperava.

— Bom dia — Angelina disse, e Olívia se ergueu do bebê conforto para nós olhar. Fui saltitando para dar um olá no Gael.

— Olívia, você é louca. Como sai de casa com um bebê de quinze dias? — Angelina questionou, e eu concordei.

— É verdade. Precisa de muita proteção.

— Eu sei — ela disse — Sou muito precavida com isso, nem mesmo minhas irmãs tocam nele antes de lavar as mãos e usar álcool gel. E nada de babás até que ele complete três meses. Hoje eu precisava mesmo vir, porque as modelos vão provar os vestidos. Gael está mamando, e não podia deixá-lo a manhã toda sozinho com a Vilma.

— Bom, um dia só fora do ninho de proteção não trará danos. — Dei de ombros. Angelina assentiu e falou:

— Meninas, irei ajeitar a sala para as primeiras fotos. Depois venho chamá-las para ver o espetáculo.

— Está falando das fotos ou do gato que estava com você? — joguei a indireta e Angelina corou. Ela olhou para Olívia que tinha o cenho franzido, e creio que passou pela cabeça da minha amiga que eu me referia ao cunhado dela.

— Não estou falando do Loredemo.

— Loredemo? — Angelina repetiu.

— Lorenzo, como o demônio — expliquei e voltei-me para Olívia. — Um gostoso daqueles que a gente só vê em pacotes de cuecas chegou junto com Angelina. Viemos no mesmo elevador e posso garantir que o cheiro dele devia ser patenteado.

Rindo, Angelina fez um gesto descartando meu comentário e informou:

— Ele é Noah Lambertini, um dos fotógrafos mais conceituados da moda. Acabou de voltar de viagem, e após eu implorar, aceitou produzir todo o desfile *Supreme*.

— É bonitão? — Olívia quis saber, e eu suspirei junto com Angelina. Eu estava enrolada com o vizinho, e Angelina com o pilantra do Lorenzo, todavia, isso não impedia de a gente elogiar atributos masculinos.

— Você vai ver e tirar as suas próprias conclusões — Angelina resumiu e acenou para a gente saindo da sala.

— Depois de Romeo, homens bonitos não me impressionam mais — ela comentou com certo orgulho e se sentou no sofá ao lado do bebê conforto.

— Sortuda — falei e puxei uma cadeira para mim.

— E então? O que houve? — se referiu ao fato de eu estar tão cedo querendo falar com ela.

— Ai, amiga, se prepare que lá vem história. contei tudo a Olívia. contei sobre o livro que estava escrevendo e usando, a partir de agora, Roberto como inspiração. Inclusive meu personagem tinha até duas manchas de nascença que Roberto tinha. Uma na coxa quase perto da bunda e outra no lado direito do peito. Sem falar das várias pintinhas, também de nascença, em seus ombros, o que eu achei um charme.

— Quero ler, ouviu? — ela disse enquanto eu a colocava a par dos últimos acontecimentos. Olívia ia ficar sabendo até o tamanho do pênis do meu vizinho, uma vez que descrevi tudo no livro.

Ao final da minha narração, ela estava boquiaberta, por causa do que

Magno aprontou no restaurante.

— Eu estou sem palavras. Magno cantou em espanhol...

— Se insinuando para mim. Estou muito confusa desde então.

— Kate... Não entre na pilha dele — me aconselhou. — Já tivemos essa conversa milhares de vezes, e você sabe tudo que ele quer: atenção das mulheres. Isso o fortalece, o deixa sempre no trono intocável. Tente ignorar.

Mordi o lábio, inserta o bastante para poder jurar que ia ignorar.

— Acha que ele vai insistir?

— Pode ser que sim. — Meneou a cabeça com indecisão — Magno é movido pelo desafio. Ele sabe que perdeu uma fã fervorosa, que era você quando a viu com outro. Ele vai tentar se aproximar até te levar para cama.

Me assustei ao deparar com vestígio de desejo em meu corpo. Abanei a cabeça para afastar os pensamentos de Magno nu, em cima de mim. Ele me queria, mesmo que só para provar seu poder, ele me queria. Engoli em seco.

Desde quando eu fui tão burra?

— Foque nesse novo relacionamento, Kate. Você merece alguém que esteja com você porque sente desejo em seu corpo quer passar tempo ao seu lado.

Isso vindo de Olívia era estranho. Ano passado eu estava falando isso com ela. Na verdade, não estranho, mas muito promissor. Oly estava preocupada comigo, e isso me dava um certo desconforto, porque era como se ela soubesse que eu fosse fazer besteira.

Sáímos dali quando Angelina veio nos chamar. Ela nos levou até uma espaçosa sala onde estavam posicionadas as modelos com os vestidos desenhados para o grande e esperado desfile.

Olhei para Olívia se ajeitando em um sofá com Gael nos braços, e quando ia me dirigir para sentar ao lado dele, Noah me chamou.

— Kate, não é isso?

— Sim.

— Não se vestiu ainda? Precisamos começar a planejar as fotos.

— Ah... Me vestir?

— Não é uma das modelos?

— Nada decidido ainda. A Oly me convidou para participar, entretanto, ainda não dei uma resposta definitiva.

— É algo que deve considerar. Posso sentir a sua personalidade, e como esse desfile é voltado para “mulheres comuns”, você se enquadraria perfeitamente no perfil que buscamos.

Olhei para Angelina e ela concordou sorrindo e balançando a cabeça.

— Bom... Talvez. Não tenho familiaridade com passarelas.

— Kate, já conversamos sobre isso. Você sabe rebolar e é super descolada — Olívia incentivou.

— De qualquer forma, a proposta está de pé. — Angelina apontou para eu me sentar. Ela ocupou outra poltrona e segurando uma prancheta cochichou para mim: — Eu achei a ideia perfeita e, vai por mim, se Noah viu chances em você, é porque você é uma ótima escolha.

Assenti propensa a aceitar. Na verdade, era algo que eu já tinha dado como definido desde que Olívia fez o convite.

Nós três, caladas, assistíamos extasiadas ao trabalho do belo homem. Ele tinha uma maneira única e gentil de tratar as modelos. Nada de gritos, ordens e chiliques. Ele apenas chegava perto da modelo e pedia licença antes de tocar nela e dizer como ele queria a pose. Enquanto fotografava e arrumava as modelos ao seu gosto, ia falando para nós, sua plateia, sobre a importância de dar segurança às modelos, para deixá-las à vontade com a situação. Modelos tinham que estar relaxadas para o produto final ficar interessante.

Noah falava macio e rouco, sempre com um sorriso sedutor, apenas o canto do lábio puxado de forma despretensiosa. Eu fiquei sem conseguir piscar.

Até que a porta se abriu, e uma mulher magra, bem vestida, de cabelos pretos curtos entrou e chamou Angelina, sem cumprimentar as outras pessoas que estavam na sala. Seu foco foi até Noah e ela perdeu a carranca antes de ir até ele cumprimentá-lo e sorrir sem um pinga de vergonha.

Assim que ela saiu com Angelina, Olívia cochichou para mim:

— Beth, prima maligna da Angel.

— Essa é a Beth que você contou?

— Sim.

— Sabia. Não gostei dela logo de cara. Não tinha sido demitida?

— Pois é. Não entendi. — Deu de ombros. A porta estava fechada e não escutamos o que as duas falavam. Voltei a atenção para Noah juntamente com Olívia e as outras modelos que sorriam para ele.

De repente, a porta se abriu novamente com um impulso e dessa vez apareceu Lorenzo. Ele olhou para mim e Olívia e quando se voltou para Noah, seu olhar foi mortal.

— Posso saber o que está acontecendo aqui? — ele vociferou como se acabasse de flagrar todo mundo em uma orgia. Juro que levei um susto com ele entrando de supetão, e ainda falando alto. Eu estava tão concentrada em Noah

que até tremi ao ouvir a sua voz.

— Santíssimo do Céu. — Encarei Lorenzo com semblante pasmo — quase fiz xixi nas calças de susto.

— O que está fazendo aqui? — Lorenzo me ignorou e questionou Olívia. Como se ela lhe devesse alguma satisfação.

— Não ia perder a primeira prova dos vestidos que ajudei a desenhar — explicou com naturalidade.

Mesmo com a cara de capeta de Lorenzo, Noah veio até ele e estendeu-lhe a mão.

— Lorenzo. — Os dois apertam as mãos. Angelina, à porta, estava inerte assistindo a fera se socializar.

— Noah, acho que já soube, não é? Quem manda aqui agora...

— Sim, sobre você ter se apossado do que não é seu. — Noah não tinha mesmo medo do perigo.

— Mas agora é. — Lorenzo sorriu, olhou mais uma vez para mim e Olívia, deu um giro e, ao passar por Angelina, murmurou: “Vem comigo.” Ela o enfrentou sem medo, creio que por ter tanta gente assistindo, deu coragem a Angelina:

— Tchau, Lorenzo. Não vou a lugar nenhum, estou trabalhando.

Não deu para ouvir o que ele respondeu em um tom quase bruto, perdendo a paciência.

Ela voltou bufando, falou para Noah continuar e, ao sentar, olhou para eu e Olívia.

— Haja paciência, para lidar com um chefe mimado. — Cruzou as pernas elegantemente.

— Então ele é mesmo seu chefe... Estou chocada com a cara de pau de desse homem.

— Pois é. Nem parece que é irmão do meu Romeo — Olivia disse, e Angelina corrigiu imediatamente.

— Nem venha com essa. Romeo também consegue ser malvadinho quando quer, ele estava a par de toda essa tramoia do irmão e não fez nada para impedir. Ele e Magno me olham com cara de poucos amigos toda vez que nos encontramos. E, quanto a Vilma, penso que se fosse mais nova, entrava em uma briga corporal comigo.

— Menina, o que de tão sério você fez para esse povo? — Eu já sabia mais ou menos do rolo, por Olivia, mas indaguei: — Que babado é esse?

— É uma longa história, mas, resumindo, Lorenzo é o neném mimado

deles, e eu o machuquei anos atrás.

Eu e Olívia fomos embora no meu carro e decidi almoçar com ela e Vilma. Romeo chegou depois contando que Lorenzo ligou enfurecido para ele, porque nós duas estávamos lá babando no Noah. Eu apenas ri, ri muito ao descobrir que o bichinho estava mordido de ciúmes e, por isso, fez aquele espetáculo.

Fui embora já pensando em encarar Roberto. A qualquer momento iríamos nos reencontrar e, com certeza, falaríamos sobre a fatídica noite passada.

Ele apareceu mais tarde na minha livraria. Como quem não quer nada. Olhou alguns livros, passeou distraidamente, folheou outros e, quando eu me aproximei, ele falou:

— Saiu sem me acordar.

De braços cruzados, recostei em uma prateleira.

— Não havia necessidade. É sexo casual, Roberto.

— Para ti é apenas isso?

— E o que mais séria? — Forcei ele a tomar uma atitude.

— Quero te propor *una cosa*.

— E o que seria?

— *No puede* ficar com ninguém enquanto estiver transando casualmente comigo. — Olhou bem nos meus olhos, sério como uma ave de rapina. Inesperadamente, vi em seus olhos o mesmo tom ciumento de Lorenzo. E notei certa semelhança entre o rosto carrancudo de Roberto e o de Magno ontem no restaurante. Eu só podia estar louca em achar que um parecia o outro.

— E você? Estará nesse acordo também? Nenhuma mulher enquanto estiver transando casualmente comigo?

— *No tenga* dúvida. Afinal, eu estou propondo isso.

— Negócio fechado. — Estendi a mão para ele.

— E *el hombre* de ontem *la noche*?

— O que tem ele?

— Ele principalmente... *usted no puede* mais vê-lo, dar *atencion*... deixar que ele se aproxime.

Eu não tinha mais tempo para pensar. Apesar de ter sentido um grande desejo por Magno, era agora que minha decisão viria. Eu não poderia querer tudo, já tinha algo muito bom na minha frente. Então concordei.

— Sim. Ele não terá oportunidade comigo.

Enfim o semblante de Roberto se suavizou e vi um vislumbre de sorriso.

— Ótimo. — Curvou-se e plantou um beijinho em meus lábios. Eu não deixei ele se afastar, puxei a gola da camisa branca e o agarrei bem ali no corredor de livros históricos. Roberto me abraçou fortemente, enfiou a mão grande no meu cabelo e sua boca se chocou com voracidade contra a minha.

— Fique aqui. — Me afastei dele olhei em volta me certificando que não tinha cliente na loja àquela hora e fechei a porta da frente. Como uma boa livraria, a minha ficava em uma esquina tendo as duas paredes puramente de vidro para que as pessoas que passassem pudessem ver o s livros lá dentro.

Não me importei se alguém pudesse olhar da vidraça. Voltei para Roberto e abri sua calça com urgência. Eu queria transar ali, naquele corredor um pouco mais reservado, com a rua movimentada lá fora sendo nossa testemunha.

DOZE

AMADEO

Abracei Kate por trás, empurrando-a contra a estante de livros e ao ouvir o seu gemido de excitação, tremi interiormente. O desejo me levava à loucura de uma forma bruta. Essa mulher, para mim, estava sendo um constante soco no meu peito, tão alucinante que me fazia questionar sobre o controle dos meus atos.

Por ela entrei em uma escrota aposta e, por ela, perdia minhas noites de sono, tentando encontrar uma forma de aliviar minha culpa.

Kate gemeu quando minha mão encontrou sua calcinha. Puxei seu rosto para mim, e quando ela virou o pescoço, capturei os seus lábios em um beijo devastador. Ela estava ofegante com meu toque, e eu ardia em fogo com meu pau duro feito rocha.

— Caramba! — sussurrou contra meus lábios, segurando forte meu maxilar. — Quem é você? Que poder é esse que tem sob mim? — rosnou vidrada em meus olhos.

— O seu sonho de foder com o cara perfeito.

— Vai me dizer que é perfeito? — ironizou.

— Cheio de erros, confesso. Mas o perfeito para você — assim que eu falei, ela se virou ficando de frente e devorou minha boca, chupando e gemendo no processo. Eu estava em transe.

Os dedos finos dela adentraram a minha camisa e tatearam meu corpo com a mesma urgência que eu levantava sua blusa para ter os belos seios à minha disposição.

— Costuma sair sem sutiã, Katherine? — questionei passando o nó do dedo no bico endurecido. Ela deu de ombros com naturalidade.

— Faço o que quero, meu bem. Além do mais, eu previa que podia te encontrar.

— Justo. Me *siento* feliz por ter pensado *en mi*. — Pisquei para ela e segurei a respiração quando abaixei os lábios para as duas pérolas lindas e macias que eu adorava desde a primeira vez que os toquei. Eram médios, enchiam minhas mãos e tinha as aréolas claras, levemente rosadas. Além de conter o cheiro que me fazia implorar. O cheiro feminino de Kate.

Ao mesmo instante, meus dedos invadiram sua saia, e suspirei ao senti-la

receptiva, úmida e quente à minha espera. Compartilhávamos do mesmo tesão.

Sem conseguir esperar e com medo de que alguém pudesse aparecer, decidi ser rápido e satisfazer a nós dois. Virei-a novamente me posicionando às suas costas. Pensei em milhares de maneiras e posições, mas de pé contra a estante de livros parecia o melhor lugar para um sexo rápido.

Arranquei o meu cinto e desabotoei minha calça, descendo-a junto com a cueca. Kate arfou enquanto eu lutava com a carteira à procura de um preservativo. Nunca demorou tanto para eu me vestir. Pareceu uma eternidade e, quando enfim estava pronto, levantei sua saia e me delicieei com a calcinha de renda rosa. Sorri satisfeito. Toda minha. Como desejei desde o primeiro dia em que a vi.

Não iria fazer essa parte apressado, queria curtir o momento e, por isso, abaixei devagar a calcinha revelando sua beleza pulsante, implorando por todo carinho que meu pau estava disposto a dar. Potentes golpes de paixão a esperava, e Kate esfregava as pernas precisando com urgência de minha ação.

Segurei meu pau e acariciei sem pressa a entrada do paraíso. Ela gemeu e remexeu o corpo. A abracei apenas com um braço, segurando-a e voltei às carícias, leves e torturantes. E quando eu a penetrei devagar, vi um deslumbre de sorriso pelo alívio prazeroso alcançado.

Eu estava todo dentro dela e queria continuar assim, sentia-a envolver meu pau e a contração de seu sexo em volta de minha carne. Seu interior abria-se para comportar minha espessura.

Afastei retirando e meti novamente arrancando um gritinho dela. Fiz esse processo mais algumas vezes me sentindo satisfeito por ela estar lânguida e entregue em meus braços enquanto eu a comia devagar e gostosamente por trás. Comecei os movimentos de praxe até que estávamos enlouquecidos. Kate se agarrava à estante, tendo o cuidado para não derrubar os livros, enquanto eu segurava sua cintura batendo forte o quadril incapaz de ser suave.

Ela se contorcia e afastava a bunda para trás ao meu encontro, precisando de mais.

Quando me afastei retirando-me de dentro dela, o lamento de Kate foi audível. Eu sorri e a beijei com delírio.

— Suba em mim — pedi, ofegante.

— Essa é a melhor coisa que um homem pode dizer a uma mulher — ela respondeu me abraçando para que eu a suspendesse. Empurrei suas costas contra a estante para apoiá-la e voltei a meter vorazmente, agora olhando nos olhos dela, assistindo seu clamor cheio de tesão.

Quando ela chegou ao orgasmo, eu mal conseguia respirar pelo controle absurdo que mantinha ao esperá-la gozar. Eu gozei, em seguida, com tanta brutalidade que a empurrei demais e me desequilibrei ainda tremendo.

— Meu Deus! — Kate gritou, eu não consegui segurá-la e ela caiu para trás juntamente a estante provocando um barulho alto. Eu continuei de pé, com o pau latejando, ainda tendo espasmos do gozo. E ela gemendo de dor, caída entre os livros. Recobrei meu controle e a socorri imediatamente.

— Você está bem?

— Estou toda fodida — ela choramingou e meu riso foi inevitável. — Babaca, pare de rir, você me empurrou com estante e tudo. — Mesmo assim, tentei acudi-la, mas seu grito me interrompeu.

— Não mexa no meu corpo, pode ser que quebrei algumas vertebraas.

Eu tirei o preservativo e puxei a cueca e a calça para cima.

— Chame e o Samu, Roberto. Eu te imploro.

Corri e peguei o celular, mas outro grito me interrompeu.

— Não. Eles vão chegar e me ver nessa situação. Me ajude aqui.

Deixei o celular de lado e, com cuidado, a coloquei de pé. Kate gemeu e moveu o pescoço.

— Meu bom Jesus! Você jogou a camisinha com esperma em cima dos livros novos. — Berrou horrorizada sem conseguir abaixar para salvar o livro: “*Historia do Brasil para quem tem pressa.*” Meu leite viscoso espalhava banhando toda a capa.

Peguei o livro, usei meu terno caro que Magno comprou, e limpei cada pedacinho.

— Pronto. Novinho em folha. Ninguém vai perceber, vão *llevar a casa un libro de la porra*. — Kate me dirigiu um olhar reprovador e após ajeitar a roupa mancou até o balcão principal.

Ela pegou a chave, digitou um código em um painel na parede e me chamou:

— Vamos logo. Estou quebrada.

Assim que saímos, e ela trancou a porta, eu a surpreendi nos braços.

— O que está fazendo?

— *Piensa* que *yo* deixaria *mi hermosa* e machucada *vecina* subir essas escadas? Não mesmo. *Soy un caballero* espanhol. *El sueño* de consumo de 10 entre 10 brasileiras.

— Continue falando isso que te empurro da escada. — Apesar da resposta bruta, ela me olhava com um brilho de ternura nos olhos. Kate estava

surpreendida com minha nobre atitude. E eu gostando de ganhar mais um pontinho com ela.

— Meu apartamento é aquele ali, Roberto — Kate protestou assim que parei na porta do meu apartamento.

— Nananinanão. Está doentinha, precisa de cuidados. Farei *un* sopa para *usted* e depois uma conchinha aconchegante para dormir tranquila — e ela não protestou mais. Adorou meu cronograma para cuidar dela.

Tomamos banho juntos e eu examinei o machucado de Kate para ver se estava tudo bem mesmo e, em seguida, só de cueca, amarrei um avental em minha cintura e fui para a cozinha, enquanto ela ficava sentada ao balcão vestindo uma camiseta minha.

— Então sabe mesmo fazer hambúrguer?

— Não. Mas *tengo una* noção — falei de costas para ela, modelando em minhas mãos a carne moída. Vi uma vez em uma lanchonete que fui e acho que consigo fazer parecido, já que ela demonstrou querer qualquer outra coisa que não fosse sopa.

— Estou adorando ter uma visão privilegiada de sua bunda.

— Por isso me *pareció mejor* no vestir calça. — Pisquei para ela fazendo-a sorrir em resposta.

Quando terminei, os sanduíches ficaram comestíveis. Não tão deliciosos como os das lanchonetes, mas foi um bom jantar. Comi enquanto ouvia Kate contar coisas que eu já sabia. Ela iniciou falando da livraria, em seguida, do que Olívia havia passado com o ex-marido, falou um pouco de Magno, o que me incomodou e, por fim, contou rapidamente sobre a rixa entre Lorenzo e Angelina.

— Não estou sendo fofoqueira — esclareceu limpando a boca com um guardanapo. — É só um assunto qualquer de pessoas que você não conhece.

— Si, claro.

— Hoje ele quase surtou porque nos viu babando em um fotógrafo gato que a Angelina levou.

— Quem surtou? — Dei uma risada — O Lorevaldo? — Assim que terminei de falar, ela franziu o cenho.

— Esse é um apelido que apenas os irmãos usam para provocá-lo. Como sabe?

— Ah... ué... *usted* falou. — Gesticulei escondendo meu pânico. Puta que pariu. Dei um fora ao deixar a euforia me tomar, imaginado a cena do Lorenzo com raiva, morto de ciúmes.

— Falei?

— Si. No início quando contava sobre a... como é mesmo *el nombre*? Elisa?

— Olívia.

— Isso.

— Ah... — ela pensou mais um pouco, creio que tentando se recordar, em seguida, deu de ombros. — Estava tão entretida na conversa que nem me toquei.

Consegui mudar de assunto rapidamente, para que ela esquecesse sobre esse meu deslize.

Eu decidi fazer alguma coisa enquanto estávamos sentados assistindo TV, e ela deitou a cabeça no meu colo. Meus dedos adentravam seus cabelos penteando-os. Então ela ficou algum tempo encarando meu rosto.

— O quê?

— Eu devo estar muito louca.

— Porquê?

— Sei lá. Ficamos conversando sobre a família Lafayette, e agora eu estou tendo alucinação com eles. Vejo seus olhos parecidos com o do Magno.

— Era o que faltava. — Eu ri.

— Pois é. — Ela riu fracamente, mas continuou me encarando. Até mudou a expressão. Pegou uma almofada e colocou na minha boca. — Olha isso. Se eu tampar sua boca, a parte de cima do seu rosto quase lembra o Magno.

— Eu sou mais bonito. — Tirei a almofada do meu rosto e sorri disfarçando.

— Claro.

Eu sou dois anos mais novo que Magno e de todos, somos os mais próximos. E desde sempre, as pessoas diziam que eu parecia com ele. Não sei se é comum primos saírem parecidos, mas, no nosso caso, puxamos a família Lafayette, enquanto Romeo e Lorenzo saíram com maioria dos genes da família Roriz. Kate não matou a charada ainda porque para ela é bizarrice o vizinho parecer com o cara que ela gostou. Ainda bem que ela vê isso como uma peça que sua mente tenta lhe pregar.

Era hora de eu impedir que ela voltasse a mencionar isso. Teatralmente, fiz uma carranca.

— Desculpe. — Ela percebeu que minha cara fechada era por causa disso.

— *No me gusta* que me compare com aquele homem. — Empurrei-a de leve e me levantei. — Um homem que você foi apaixonada.

— Desculpe, não estou comparando. É só tolice mesmo.

— *Si puede*, não mencione mais isso.

— Claro, Roberto. Desculpe.

Assenti e fui para o quarto. Pronto. Estava me sentindo um escroto por jogar com ela assim, mas isso me daria tempo para pensar em algo.

Enquanto Kate não vinha, possivelmente me dando um tempo sozinho, eu pensei muito sobre essa situação e decidi que, para terminar com tudo isso de uma vez, eu deveria contar toda a verdade a ela. Dentro de dois dias, Magno bateria na porta dela, e se Kate não desse bola para ele, o desgramado contaria tudo para ela.

Ia viajar com ela na sexta, para impedi-lo de encontrá-la. Isso me daria sábado e domingo de tempo extra.

— Ainda está bravo? — Ela entrou no quarto, me olhando com precaução. — Se quiser, posso ir embora.

— Não, tudo bem. Pode ficar — ela assentiu e sentou na cama, onde eu estava deitado.

— Desculpe-me mais uma vez. Fui refletir e vi como foi horrível a comparação que fiz.

— Sim, tudo bem. Escute, quer se desculpar para valer?

Ela sorriu animada, com um leve toque de safadeza.

— O que está pensando?

— Nada disso, Katherine. Uma viagem. Me mostre um pouco do seu país e estará desculpada.

— Só isso? — animou-se. — Quando?

— Nesse fim de semana. Mi chefe me *dio una viaje* com tudo pago para Porto de Galinhas, como *bienvenida* em la empresa.

— Poxa que chefe bom.

— Ele é.

— Quer me levar?

— A única pessoa que eu levaria. Aceita?

— Claro. Meu deus, ir para a praia, ainda mais uma que não conheço. Quero, sim. — Pulou em cima de mim comemorando. E eu a abracei recebendo seus lábios com felicidade.

Estava feito. Eu tinha dois dias de imunidade contra o veneno de Magno.

TREZE

AMADEO

Olhei para Kate dormindo ao meu lado no avião e suspirei. Acariciei a testa em um gesto de nervosismo. Ela vai me matar quando descobrir. E está tudo contribuindo para isso. Eu tive praticamente que ameaçar Romeo para me dar um adiantamento, para eu poder fugir das maldades de Magno. Por sorte, Romeo conhece o irmão que tem e me deu uma cortesia. Mas com uma única condição: contar tudo para Kate. Acabar de uma vez por todas com essa palhaçada que pode respigar nele.

Chegamos ao hotel em Pernambuco, próximo à praia. Fiz as reservas de última hora e foi fácil, já que era fora da temporada. Kate olhou maravilhada para o hotel, que estava sendo pago com a cortesia que meu primo me cedeu.

— Que luxo! Não vai ficar endividado?

— Claro que não. Divirta-se, não se preocupe.

E ela não se preocupou. No quarto, se jogou na grande cama gritando como uma criança. E eu assisti, sem piscar, ao espetáculo que ela fazia, agradavelmente feliz por estar proporcionando isso para a minha garota.

Dizem que dinheiro não traz felicidade. Pode ser, mas boa parte da alegria ele proporciona, sim.

— Estou parecendo uma boba, não é? Pulando em cama de hotel... — Se sentou recompondo-se. Eu ri e me sentei ao lado dela.

— *Usted es* deslumbrante.

— *Gracias* — ela sussurrou e se arrastou sentando-se em meu colo. Passou os braços em volta do meu pescoço e sorriu pertinho da minha boca. E você é quase perfeito. Às vezes nem acredito em minha sorte.

— Eu que digo isto.

Kate fitou meus olhos por um bom tempo e então aproximou sua boca para me beijar. Mas foi um beijo quase terno, apenas um selo. Afastou-se, passou a mão nos meus cabelos e voltou a fitar diretamente meus olhos.

— Se eu pudesse pedir algo agora, sei lá, para Deus, ou para o destino... seria que você fosse uma exceção.

— Como assim?

— Uma exceção entre os homens. Tipo o cara que eu te contei... que salvou minha amiga da vida escrota que ela levava.

— Talvez eu seja... *usted no* disse que ele é espanhol? *Tenemos una... similitud...* como se diz...?

— Similaridade?

— Sim. Algo em comum.

— Verdade. — Ela sorriu — Meu vizinho é um espanhol que o destino mandou para me salvar da minha vida monótona.

Ah, *dios mio!* E quem me salvaria de meu destino catastrófico quando ela descobrisse tudo?

Mais tarde, depois de um sono relaxante, no fim do dia, fomos andar na praia. Eu nunca havia namorado pra valer. Varias coisas me impediam de ter um namoro sério. Eu queria terminar a faculdade, e, também, havia meus pais que poderiam criar grandes expectativas, portanto, eu me mantive apenas no famoso pega e não se apegar. Mas hoje, eu me vi caminhando com Kate na praia, de mãos dadas, com a água do mar banhando nossos pés. E eu quis que ela fosse minha namorada. Eu já estava pronto para ter algo firme, e era ela a pessoa certa.

Não havia muitas pessoas na praia. Caminhamos para um local mais afastado e sentamos na areia em frente ao mar. Um homem passou caminhando e não tirou os olhos de Kate enquanto ela desamarrava a canga e a forrava para sentar. Kate estava linda, com um biquíni vermelho, óculos de sol e chapéu de praia.

— Não seria prudente entrarmos?

— Roberto, acabamos de chegar. — Sentada, ela olhou para cima encontrando meus olhos. — Está com ciúmes? — Sorriu jocosamente.

— Que? Ciúmes?

— Você quase atacou o cara que passou caminhando. E ficou tentando entrar na minha frente quando passamos por entre aquelas pessoas.

— No *estoy* com ciúmes. *Es loca?*

— *Sin, soy loca.* Sente-se aqui comigo. — Me sentei e silenciosamente aceitei o fato de que estava me sentindo possessivo de uma forma que jamais imaginei. Ela sorriu para mim e acariciou minha perna. Kate se fingiu de distraída e correu os dedos sobre a minha perna enquanto mantinha a cabeça inclinada para o sol se pondo. Seus dedos subiram mais à medida que seu sorriso crescia, pura safadeza. Até que a mão encontrou minha cueca. Ela apertou, de leve, bem no lugar onde estavam acomodadas as minhas bolas. Segurei sua mão.

— O que está fazendo?

— Praia, fim do dia... quase ninguém... sempre quis transar na areia com

um moreno gato.

— Katherine... Não vai rolar...

— Vai rolar sim, senhor. — Olhou para os lados e puxou minha sunga. Havia pessoas na praia, mesmo que não fosse alta temporada, era uma das praias mais visitadas do Brasil. Eu tive mais temor de expor ela do que a mim. Não queria minha mulher nas lentes fotográficas de algum imbecil.

Kate punheta meu pau na maior sem-vergonhice e, sem que eu pudesse impedir, abaixou e o colocou na boca. Eu gemi e fechei os olhos para me controlar e não cair no jogo de tentação dela. Era inútil.

Empurrei a cabeça dela, tentando afastá-la, mas ela apertou minhas bolas e eu fui incapaz de segurar um gemido.

— Quietos — ordenou, como se não fosse a culpada pelo meu lamentado.

— Kate... *carajo!*

Ela lambeu a cabeça, chupou-a demoradamente e deslizou meu caralho inteiro para dentro da boca. Estava duro feito ferro e já começava tremer de tanta excitação. Puxei uma toalha que estava na bolsa de Kate e joguei sobre a cabeça dela. Kate ria e não largava meu pau por nada, enquanto eu tentava aparentar naturalidade para as pessoas que não estavam muito distantes.

Eu já estava revirando os olhos por causa do gozo que vinha se rebelando dentro de mim, e destruindo toda minha racionalidade. Agora, eu era apenas um doido tremendo e gemendo, empurrando a cabeça dela, coberta pela toalha, contra meu pau, querendo mais e mais fundo. Ela tinha uma habilidade impressionante, sugava, lambia e massageava. Não havia cristão capaz de suportar aquilo.

Eu estava perto. Muito perto. As pernas esquentaram, a pressão aumentou na minha virilha, os pés formigaram, e quando o pau inchou pronto para ejacular, ouvi atrás de mim:

— Que bonito, hein?

Era um salva-vidas na companhia de um guarda civil. Nenhum dos dois tinha uma cara boa.

Eu dei um pulo jogando minha virilha pra frente. Meu pau golpeou com força a garganta de Kate, ela fez um barulho como se tivesse sendo sufocada, e eu fiquei de pé.

Tentei esconder o pênis, fora da sunga, enquanto esguichava ferozmente. Parecia um idiota curvado, sacolejando e segurando o pau, tentando conter a gozada. Kate continuava embaixo da toalha. Tive medo de que ela estivesse desacordada com o golpe da rola.

— Que falta de vergonha é essa, rapaz? — o guarda começou o sermão. O salva vidas de dois metros me encarava de braços cruzados. Tremendo como um coitado, guardei o pênis, ainda duro, e mantive as duas mãos encobrindo-o.

— *Lo siento, señor.* — Olhei para as botas do guarda e quase tive um começo de enfarte ao ver, sobre ela, respingos de porra. E ele ainda não tinha visto. Eu não acreditava que eu estava fadado a gozar sobre as coisas alheias. Nos livros e agora nas botas.

— Ah, entendi. É um gringo. Suma daqui. Se no seu país essa safadeza é normal, aqui não é.

— *Sin señor.* — Puxei Kate sem nem esperar ela se levantar direito. Só deu tempo dela pegar a bolsa e tirar a toalha da cabeça enquanto corria comigo e, para meu espanto, ria histericamente.

— Você é louca! — acusei, andando de um lado para o outro no quarto do hotel. Se eu tivesse sido preso, toda a farsa acabaria, pois eu teria que chamar Romeo ou um dos primos para me socorrer. Magno iria adorar a situação. Rindo, Kate veio até mim e passou os braços no meu pescoço.

— Eu espiei pela toalha. — Gargalhou. — Vi tudo.

— Tinha porra *en la bota del guardia* — argumentei bem nervoso. A risada dela aumentou. Até colocou a cabeça no meu peito para rir. — O que deu *en la su cabeza* de chupar *mi polla* na frente de todo mundo?

— Sua o quê? — Riu.

— Polla... Pau. — Desvencilhei dos braços dela e desalinhei os cabelos, ainda preocupado.

— Venha aqui. Desculpa. Você está nervoso... — Ela segurou meu braço. Vamos tomar um banho. Vamos esquecer isso. Prometo que faremos sexo apenas no quarto de agora em diante, é mais seguro.

— Sim, muito mais.

Caminhei com ela para o banheiro, e depois de lavarmos a areia, já nem lembrava mais do episódio. Kate estava nos meus braços, e pelados e molhados, caímos na cama sem nem nos secar. Agora sim eu poderia me libertar e dar o meu melhor, sem interrupções.

— Você por acaso é uma exibicionista? — perguntei mais tarde, assim que caímos suados e ofegantes, depois do delicioso sexo. Estávamos dividindo o mesmo travesseiro, lado a lado, olhando para o teto.

— Talvez. — Me excita a perspectiva de que posso ser flagrada.

— *No me gusta...* nem um pouco.

— A adrenalina não te excita? — Olhou para mim, com um sorriso provocante.

— *Prefiero tener la atención* toda para o sexo e não ficar me preocupando se vão me *sorprender*.

— Bom. — Ela deu um tapinha na minha coxa e sentou-se. — Mais um banho? Estou faminta.

— Com certeza, *mi rubia*. — Me sentei também, mas antes de acompanhá-la meu celular tocou. Pulei da cama e o peguei. Tremi quando vi no visor o nome: Puto 2. Que era Magno. Eu troquei os nomes dos meus primos por Puto 1, Puto 2 e Puto 3. Para que caso um deles me ligasse, e Kate estivesse por perto, eu pudesse despistar.

— Mi papa — falei com ela e fui para a varanda. Kate assentiu e foi para o banheiro.

— Que *quieres*?

— Você é mais esperto do que eu pensei, primo do meu coração. — Riu cinicamente do outro lado — Então fugiu justo no momento que seria minha vez de tentar...

— *Usted se queda lejos de ella, sin vergüenza! (Você fica longe dela, sem vergonha.)*

— Sem vergonha, eu? Você aceitou o trato. Você, Romeo, Lorenzo... *no tiene ningún* santo por aqui. — Terminou a frase em espanhol, para me imitar.

— Pouco importa. Eu irei contar para ela. — cochichei olhando para os lados.

— E vai estragar sua viagem? Não é tolo o bastante.

— *Voy* a contar *cuando yo* decidir. E se ainda *tiene un* pouquinho de respeito pela nossa família, no *entres em mi camino*, *acabou o trato*. *Voy* dar um fim a esta brincadeira.

— Está apaixonado, Amadeo?

— Que se dane. Não se intrometa.

— Primo, está se transformando em um escravoceta, eu vou te ajudar a sair dessa. Fique tranquilo. Boa noite. — ele desligou e o medo me tomou. Magno era muito competitivo, ele era capaz de perder uma amizade, mas não de perder

a oportunidade de ser o melhor. Ele, com certeza, iria fazer de tudo para se mostrar superior a mim.

QUATORZE

KATE

Eu posso dizer, com toda a certeza, que foi o melhor final de semana da minha vida, acompanhada de um homem. Roberto me fez sentir viva e exultante. Tínhamos uma ligação muito bela que foi formada em pouco tempo de amizade. Sim, isso é o melhor: ele era meu amigo. Confiávamos um no outro e fizemos para nós um pequeno mundo particular.

Foi tudo que eu havia pedido pelos meus quase vinte e cinco anos de idade: um homem íntegro, bonito, amoroso, humorado... Ele era tudo isso em um corpo másculo e escultural de 1,80m.

Quando pegamos o voo de volta para o Rio, além de um belo bronzado, eu estava levando lembranças incríveis que eram apenas o início de uma nova era para mim. Durante o voo, Roberto não parecia totalmente sintonizado, estava pensativo e preocupado e disse apenas que eram coisas do trabalho.

— Quero te contar uma coisa — sussurrei para Roberto, e ele me olhou interessado.

— O quê?

— Estou escrevendo um romance.

— Sério? Que legal.

— E... — fiz suspense antes de falar a melhor parte: — o personagem principal é inspirado totalmente em você.

— Em mim? Seus olhos saltaram.

— Sim. Comecei a escrever quando não te conhecia ainda. O livro é sobre uma bailarina que tenta ensaiar enquanto o vizinho pervertido faz orgias no apartamento ao lado. Se chama: Manual de um devasso solteiro.

— *Yo quiero* ler.

— Claro. Assim que terminar, eu imprimo uma cópia a mais. Vou mandar uma para Olívia.

— Sua amiga vai ler? O que mais tem sobre mim...?

— Tudo. Seu sotaque, sua característica corporal... a batalha com Magno no restaurante, o seu descontrole na livraria... — curvei um pouco mais para perto dele e sussurrei: — Minha amiga saberá o tamanho exato e até a curvatura do seu Robertinho. — Apontei para as calças dele.

— Puta que pariu. Kate...? Não é arriscado? E se o marido dela querer me

bater?

— Ele não vai te bater. — Gargalhei — Romeo é a pessoa mais pacífica que conheço, além do mais, ele nem te conhece e nem vai saber que a mulher dele está lendo um livro erótico baseado no meu vizinho gato.

— É, ele não saberá. — Roberto pareceu estranhamente aliviado, como se ele acreditasse, pra valer, que de alguma forma Romeo pudesse se voltar contra ele.

Continuei falando mais um pouco sobre a história que eu escrevia, e ele até se comprometeu em me ensinar alguns passos de dança assim que chegássemos em casa. Eu tinha atingido um nível de felicidade que ultrapassava qualquer expectativa que algum um dia eu houvesse imaginado. Era o *boy* mais sensacional que eu já tivera o prazer de encontrar.

Roberto me olhava com paixão, um olhar de quem me desejava de uma forma intensa. Um olhar de homem completamente atraído por uma mulher, daqueles que não conseguem olhar para nada mais além de sua parceira. Eu me sentia completamente lisonjeada e era recíproco tudo o que eu sentia por ele.

Apaixonados?

Seria precoce afirmar. Tínhamos apenas quase um mês de relacionamento. E eu odeio casal que já se conhecem e dizem que se amam loucamente. Acredito no amor, mas não dessa forma. Eu creio que o fogo que arde entre mim e Roberto, se continuar sendo alimentado, pode sim se tornar em paixão. Mas, por enquanto, somos apenas adultos saboreando a companhia e o corpo um do outro.

Chegamos ao prédio, e eu fui para o meu apartamento, prometendo a ele que voltaria logo para a gente comer alguma coisa, fazer umas bobearas excitantes e dormir juntos. Se falassem que era meu namorado, eu não iria brigar.

Em casa, tomei um banho, liguei para meus pais dizendo que tinha acabado de chegar e depois liguei para Olívia. Ela, como sempre, ansiosa para saber as novidades. Assim que contei como foi minha viagem dos sonhos, ela relatou as fofocas quentinhas.

A novela entre Angelina e Lorenzo parecia estar nos capítulos finais. Eles estavam se dando bem e trabalhando juntos para o desfile da Madde.

— E então? — Vai aceitar ser uma das nossas modelos? — Olívia implorou eufórica. — Por favor, Kate. Seria maravilhoso que você abrisse o desfile com um dos meus vestidos.

— Ah, Oly... Não sei. Será que estou preparada?

— Claro que sim. Você é desinibida, tem um corpo bom e um sorriso sexy.

Vai estar em todas as revistas no dia seguinte — ela fez uma pausa e sussurrou — Queria ver a cara de Ludovico vendo você e eu reinando poderosas.

— Para de desenterrar defuntos. Nem sei quem é esse cão dos infernos.

— Desculpe. Às vezes tenho recaídas. Romeo queria até me levar de volta ao psicólogo, mas não vejo nada grave... Aconteceu comigo, é minha história e tenho que conviver com isso.

Eu a entendia. Um ano era pouco para curar todas as feridas. E eu estava aqui para ajudá-la.

— Sua terapia será uma tarde maravilhosa comigo. Vamos marcar? Vou te levar uns capítulos do meu livro e você faz um daqueles bolos que até os anjos choram para comer. — Ela riu e mostrou o tom eufórico renascer.

— Ótimo. Te espero amanhã à tarde. E já vou falar com Angel para colocar seu nome na lista de modelos.

— Se eu tropeçar na passarela, a culpa será sua. Beijos, vaca.

— Como é?

— Ai, Oly, você é vaca santa. Beijos. — Ela riu e desligou.

Quando terminei a ligação, peguei a minha bolsa com coisas de dormir e corri para o apartamento ao lado. Eu não conseguia ficar uma hora longe dele. Jantamos, e foi mais legal porque eu o ajudei a preparar. E depois, na sala, Roberto se dispôs a me ensinar alguns passos de dança.

— O *pasodoble* encarna *el espiritu* de *la tourada* e marchas militares — Roberto começou explicando. — Por isso *es* uma dança de tensão e de passos cronometrados. É como se o dançarino fosse o toureiro, eficaz e perigoso.

Roberto colocou uma música na televisão, arrancou a camisa, ficando apenas de calça e descalço, bem na minha frente no sofá. Ia começar o espetáculo. Ele fez uma pose com os braços levantados, bateu palmas e começou no ritmo da música a marchar de forma graciosa e ensaiada.

— *El hombre siempre* conduz *la* dama, como se ela fosse a capa do toureiro — ele disse e estendeu a mão para mim. — Venha Katherine.

— Eu não sei.

— Venha — insistiu e eu pulei no meio da sala, sorrindo cheia de empolgação. Ainda segurando a minha mão, Roberto avançou com o semblante carregado, sobranceiras baixas e lábios afinados, como se estivesse furioso e bastante concentrado. Ele me moveu para o outro lado e eu soltei meu corpo, deixando que me mostrasse o poder dessa dança tensa e sensual.

Quando ele me puxou de volta para os braços, eu estava encantada. Roberto capturou meus lábios em um beijo possessivo. Segurou meu queixo, deixando

meu rosto imobilizado e me beijou longamente antes de fluir para longe de mim no ritmo da música, mexendo os braços e as pernas na dança. Era sensual vê-lo dar cada passo, seus músculos moverem com elegância e seu rosto com a expressão de perigoso.

Quando ele voltou para mim, me levou pela sala em seus braços, dançando e rodopiando. Me jogou sentada, segurou meu braço e me girou como um pião e, em seguida, caiu por cima segurando minha garganta. Foi muito rápido e até pareceu que tínhamos ensaiado. Ele acabara de concluir junto com os instrumentos da música que explodiam na nota final. Ofeguei com a cabeça erguida. Nossos rostos bem próximos.

— Aprovado?

— Uau! É errado dizer que isso me deixou pegando fogo?

— Essa era a minha intenção. — Ele riu e afundou o rosto no meu pescoço para beijar. Transamos ali mesmo, no chão da sala, com outra música de tourada que havia começado a tocar na televisão.

Acordei cedo a tempo de pular dentro do box com Roberto e aproveitar um saboroso sexo matutino debaixo do chuveiro. Eu estava no maior nível de ganância e gula por esse homem e não fazia questão de me refrear. Combinávamos perfeitamente, pois éramos incansáveis. Ele me queria na mesma medida que eu desejava dar para ele, lambar seu corpo, chupá-lo em cada canto, beijá-lo por minutos.

Roberto estava enraizado.

Eu saí do apartamento dele deixando-o se vestindo para ir para o trabalho. Pensei comigo mesma que ainda teria o gosto de tirar aquele terno dele, peça por peça.

Tinha que abrir a livraria agora, pois à tarde eu iria para a casa de Olívia. Sem falar que meu pai viria para me ajudar a arrumar a bagunça da estante que havia caído. Eu disse a ele que fora um descuido e que acabei esbarrando na estante.

Dei uma olhada em volta, conferindo se não tinha vestígios da safadeza com Roberto. Imagina meu pai chegar e ver uma camisinha usada bem ali no meio dos livros? Com que cara eu ficaria?

Por sorte, Roberto teve a decência de levar o preservativo.

Comecei a arrumar os livros e meu pai chegou.

— Oi, querida. Como foi de viagem? — contei a ele que tinha ido a uma feira de livros. Era o ponto positivo de morar longe dos pais. Ele não fazia ideia e nem era hora de contar. Pais sempre fazem tempestade em copo d'água quando o assunto é relacionamento dos filhos.

— Estou bem, pai. Foi uma ótima viagem. E a mamãe? — Recebi o beijo dele e o encarei interessada.

— Está ótima. Andou reclamando do joanete, mas isso não é novidade.

— Sim, não mesmo.

— Foi uma bagunça e tanto, hein? — Olhou para a estante. — Se machucou, querida?

— Não pai. Estou legal.

— Ótimo. Vamos levantar isso. — Fui com ele até a estante caída e a levantamos.

— Vou pegar lenços para limpar os livros antes de guardar.

— Sim — ele começou a recolher os livros e eu corri para o fundo. Peguei a caixa de lenços descartáveis, soro fisiológico e um espanador. Também peguei um pacote de máscaras descartáveis, só para prevenir de eventual poeira.

Nossa arrumação levou quase a manhã toda. Eu aceitei ir almoçar com ele e minha mãe e, por isso, estava tranquila. Dentro de uma hora sairíamos para comer.

— Vou ao banheiro rapidinho — meu pai disse e foi para os fundos. Havia alguns clientes olhando livros e eu achei melhor ir para o balcão do caixa. A porta se abriu e uma mulher de feições familiar entrou. Morena, alta, de roupas sensuais e saltos. Ela olhou em volta e quando me viu, sorriu e veio ao meu encontro.

— Bom dia — antecipei o cumprimento, como sempre faço com clientes que entram sem saber ao certo o que procuram.

— Bom dia. Eu só quero uma informação.

— Se eu puder ajudar.

— Sabe me informar se Roberto deixou algum recado ou chave aqui?

Me empertiguei e fixei melhor o olhar nela. Sabia que ela não me era estranha. Me perguntei se era uma das mulheres que eu via entrando no prédio quando Roberto era meu vizinho safado que dava festas regadas a orgias.

— Ah. Não. Não deixou. Minha voz era só um sussurro. Não sei se de pânico ou medo. Medo do que poderia ouvir. Eu não queria ouvir nada que pudesse me despedaçar.

— Ah, que droga. Não consigo falar com ele... Sabe se ele voltou de

viagem? É meu namorado e me falou que ia se ausentar em uma rápida viagem de negócios.

Meu coração rasgou dolorosamente ao ouvir isso. Namorado? Viagem de negócios? — Um súbito mal-estar me tomou e desejei não ter saído da cama hoje. Na verdade, desejei não ter mudado para esse prédio.

— Namorado? — sussurrei. Não queria parecer assustada e pálida. Mas era inevitável.

Ela sorriu parecendo sonhadora e se curvou para frente.

— Acho que estou grávida. Quero fazer surpresa para ele.

Primeiro, eu subi para o meu apartamento e andei pela sala, calada, olhando para o chão, sem esboçar nenhuma emoção que era esperada. A mulher tinha ido embora com a promessa que voltaria para falar com Roberto.

Ok. Eu tinha um caso com o cara que morava ao lado e não era nada sério. Eu poderia relevar.

Então eu desabei. Porque não era um caso, era minha bela história de amor, o qual eu cisme de viver nos últimos dias, sem preocupar com as consequências.

No banheiro, liguei o chuveiro para abafar o som e chorei como uma garotinha que perde a boneca. E era horrível se sentir enganada. Duplamente enganada. Eu era a outra de um relacionamento. Ele tinha mulher família, tinha mentido para ela dizendo que era viagem de negócios...

Minhas lágrimas eram mais pela minha burrice do que pela dor de perder o cara que eu julgava ser minha alma gêmea.

Não demorou muito para começar a esmurrar a porta.

— Katherine! — Era Roberto, gritando desnorteadado. Eu saí cega de ódio do banheiro. Abri a porta da frente e acertei um tapa tonificado no rosto dele. O segundo, ele segurou.

— Por favor, *escúchame*... foi o Magno...

— O quê? — Puxei meu braço que ele segurava — Como se atreve? Além de enganar duas mulheres ainda quer colocar culpa em alguém que não tem nada a ver com a história?

— Posso explicar, Kate. Eu vou contar toda a história e você vai entender, foi ele...

Por um segundo, vendo seu olhar de desespero e sua fala atropelada eu quase podia acreditar que Roberto estava falando a verdade.

— O que está acontecendo? — Era meu pai que acabara de chegar. Eu não medi esforços para colocá-lo contra meu vizinho.

— Pai! Me leve para casa. Esse homem está me importunando. Quero que

expulsa ele do prédio.

— Kate, não faça isso! Eu me enamorei por ti Kate... — Ele estava cada vez mais desesperado e isso era muito estranho — Desde o primeiro momento, me deixe explicar. Tentou me tocar e meu pai deu um empurrão nele.

— Escuta aqui seu gringo de merda. Se não sair daqui agora eu chamo a polícia. Roberto sabia que as coisas não estavam legais para o lado dele. Sabia que eu não iria escutá-lo, então decidiu sair.

Antes, gritou para mim:

— Eu vou te mostrar a verdade.

Limpei os vestígios de lágrimas, expliquei por alto a meu pai e fomos para a casa de meus pais. Eu queria, na verdade, sumir no mundo. Explodir e tornar-me poeira. Porque a dor da traição era insuportável.

QUINZE

AMADEO

Eu estava a toda velocidade de moto, no trânsito do Rio de Janeiro. Queria chegar a Orfeu para acabar com as fuças de Magno. Eu saí de lá às pressas depois que ele me disse que havia aprontado uma surpresa. Eu conhecia meu primo jogador e sabia que ele não estava blefando.

E agora, a única coisa que eu queria era estrangulá-lo. Não haveria homem capaz de me deter quando eu colocasse as mãos no pescoço de Magno.

Furioso, com o pensamento no rosto choroso de Kate, atravessei com toda velocidade o sinal no mesmo instante em que um carro prata veio em minha direção. Senti a pancada e tudo pareceu muito confuso. Me vi voando da moto e caindo do outro lado da avenida próximo ao canteiro. Fiquei sem mexer ainda zozzo querendo não acreditar que estava acontecendo comigo. Então apaguei.

KATE

Almocei com meus pais e fui evasiva com o questionário que eles haviam feito. Meu pai sabia que tinha algo errado. Não era comum aquele show na porta do meu apartamento. Eu disse apenas que Roberto estava me importunando. Eu tinha mais intimidade com meu pai, e, ao longo dos anos, ele sabia me decifrar. Ele soube que o que eu falei não era tudo e, pelo seu olhar, ele iria me interrogar depois.

Fui para meu antigo quarto que meus pais ainda insistiam em manter aqui em casa. Nesse momento, agradei de ainda ter ele e eu poder ter um lugar para me refugiar. Queria solidão para digerir minha dor. Era incrível como essas merdas sempre aconteciam comigo, homens eram, no fim das contas, os seres mais desprezíveis do mundo. Fico pensando como minha mãe teve a sorte de encontrar um cara tão bom como meu pai. Eu só encontrava embustes.

Acabei dormindo e quando acordei, meu pai batia na porta do quarto. Ainda zozza, olhei no relógio verificando que tinha dormido por umas duas horas inteiras. Levantei e abri a porta. Já pressentia que ele iria querer saber em detalhes o que tinha acontecido.

— Entre, pai.

— Não querida. Só vim avisar que tem um homem lá embaixo procurando por você.

— Um homem? Que homem?

— Ele se apresentou como Magno Lafayette e disse que é seu amigo.

Ah, bela hora para o mestre dos babacas aparecer.

— Mando ele ir embora?

— Não. Eu vou ver o que ele quer. Desço em um segundo. Fui ao banheiro, lavei o rosto, arrumei os cabelos e, tomando coragem junto a uma respiração funda, desci as escadas. Magno estava sentado no sofá da sala. Usava calça e camisa social, o que mostrava que ele estava vindo da empresa.

Era incrível como ele nunca perdia a aura de erotismo. Era sempre um golpe de surpresa ver Magno. Olhei seus sapatos brilhosos, os músculos em evidência pela camisa branca e um bonito relógio no pulso. Ele me viu e ficou de pé. Ao contrário do que eu esperava, não sorriu.

Nunca vi Magno sério como estava vendo nesse momento.

— Kate.

— Oi, Magno. — Cruzei os braços e me mantive distante. — O que deseja aqui?

Ele abaixou os olhos um pouco indeciso e, quando voltou a me encarar, soltou pesadamente o ar dos pulmões.

— Fui eu.

— O que foi você?

— Que tramei para seu vizinho. O Roberto.

— Como é que é? — eu estava incrédula, sem pestanejar. Magno não fez questão de repetir. Ele deu de ombros sem palavras para se explicar ou se desculpar. Ouvi certa vez Olívia falar que Magno jamais pedia desculpas. Ele tinha sérios problemas de narcisismo e era difícil para ele falar essas palavras. Eu estava chocada com a cara de pau dele. — Que merda você está falando?

— Ok, eu errei. Eu me senti afrontado por ele aquele dia no restaurante e pedi uma de minhas funcionárias para ir até você, é isso. Não sabia que ia tomar essa proporção...

— Não sabia? — berrei. — Não sabia? O que você tem na cabeça? Como acha que pode interferir na vida das pessoas... Caralho! Eu não sou nada sua, seu patife! Cara de pau!

— Ok, eu mereço. — Sorriu cinicamente e ergueu as mãos.

— Saia da minha casa agora! — Eu não estava importando se com meus gritos, meus pais viriam até a sala. O ódio me tomava junto com o alívio em saber que Roberto era inocente. — Eu vou contar para Romeo e Lorenzo o que você acabou de aprontar, como um pivete mimado...

— As ofensas ficam para depois, garota. Eu estou pouco me lixando para sua vida íntima, só fiz isso por ego mesmo. Agora vai até o hospital ficar com o cara. Ele sofreu um acidente.

— O quê? — Caí sentada no sofá olhando chocada para ele.

— É, eu liguei para ele para me desculpar e disseram que ele sofreu um acidente de moto. Ele precisa de você nesse momento...

Com a mão na boca, senti uma lágrima escorrer em minha bochecha. Magno estava muito sério, de olhos baixos, e vi ali a culpa o chicoteando sem pena.

MAGNO

Horas antes

Eu não nunca fui um cara de me arrepender pelos os meus atos. Se errava, simplesmente seguia em frente. Voltar atrás e repensar nunca tinha sido do meu feitio. E eu estava pronto para o embate com Amadeo, pois tinha certeza que ele viria igual a uma fera para cima de mim, após o show da minha funcionária. Mas ele não veio. Esperei, esperei e nada aconteceu. Nem mesmo uma ligação. E isso era estranho, uma vez que ele sabia o que eu tinha feito.

Romeo e Lorenzo haviam saído para uma reunião e coube a mim ficar na empresa para receber alguns clientes. Atendi alguns investidores e depois fui conferir uma papelada, tranquilo com os pés sobre a mesa, raspando o recheio das bolachas com os dentes e jogando as bandas na lixeira. Entretanto, às duas e meia da tarde, minha secretária bateu na porta e entrou. Ela estava aflita.

— Magno, aconteceu alguma coisa com seu primo. É o hospital na linha, posso transferir? — Ela poderia ter me avisado pelo interfone na minha mesa, mas, como o caso era sério, preferiu vir pessoalmente.

Fiquei de pé no mesmo instante.

— O Amadeo? O que aconteceu? — Senti meu sangue sumir da face e minhas mãos gelarem.

— Eu não sei. Eles querem falar com um dos Lafaiettes.

— Transfira a ligação. Rápido.

— Já estão na linha — ela disse e fechou a porta. Me sentei e peguei o telefone. Meu coração saltava na garganta, o medo e arrependimento me tomavam de uma forma assustadora. Amadeo não seria tolo de se machucar. Ele não tinha esse perfil.

— Magno Lafaiette, falando — eu disse.

— Senhor Magno, aqui é da enfermaria do hospital Miguel Couto. Estamos entrando em contato para noticiar sobre a entrada de Amadeo Lafaiette nessa tarde, vítima de um acidente. Precisamos de um familiar dele aqui.

Putá que pariu. Quase deixei o telefone cair. Era meu parceiro de anos. Amadeo foi de longe o melhor amigo que eu já tive. Sempre estive ao meu lado e agora eu senti a dura realidade de o ter ferido por ganância e arrogância. Ele estava feliz, e eu deveria ter ficado feliz por ele.

— Já estou indo. — Desliguei, peguei meu celular e as chaves e saí correndo da sala. Avisei minha secretária para cancelar todos meus compromissos e ligar para Romeo e Lorenzo pedindo que eles me ligassem com urgência.

O hospital não era tão longe e cheguei em vinte minutos. Me identifiquei na recepção, e me guiaram para onde ele estava. Antes de entrar, porém, na ala de recuperação, o médico me chamou.

— O senhor é o que, do paciente?

— Sou primo. Como ele está?

— Bom, ele teve muita sorte. Foram só escoriações, mas vai precisar de repouso.

— Como isso aconteceu...?

— Pela ocorrência que chegou até mim, o carro que o pegou tinha acabado de arrancar, não estava com muita velocidade e essa foi a sorte dele.

Respirei fundo.

— Eu posso entrar?

— Sim, por favor. — Ele abriu a porta e me deixou passar. O quarto era bem simples, mas era individual. Ele estava sozinho. Deitado na cama, como um colar cervical, sem camisa e com um grande curativo na cabeça. Engoli em seco, fechei a porta atrás de mim, e Amadeo me olhou sem conseguir mover totalmente o pescoço.

— Saia daqui. — Ele se exaltou e começou a se mexer para tentar levantar. Corri e o segurei.

— Ficou louco, porra? Já está aí todo fodido e ainda quer se encrencar mais? — Fui ríspido e firme segurando-o.

— *Usted es un hijo de la puta!* Saiaaa! — gritou transtornado.

— Calma amigo. — Controlei o tom de voz. Não adiantava eu ficar bravo também, seria como apagar fogo com gasolina — Por favor, estou aqui na paz.

— Na paz? Depois de ter feito toda aquela palhaçada? — Uma lágrima deixou o olho dele. — Como ainda tem coragem...?

Me senti muito mal por vê-lo nessa situação, por minha culpa.

— Eu vou consertar isso, primo. Prometo. Vou conversar com a Kate...

— Fica longe dela! — Ele se debateu quase caindo da cama. O segurei novamente. — Não encoste nela!

— Meu deus! Quanto drama! Parece novela mexicana. — Me afastei, peguei uma cadeira e coloquei ao lado da cama. Amadeo respirava ofegante e tinha suor em sua testa. Ficamos calados, ele encarando o teto com olhos em brasa, e eu de cabeça baixa. Acho que se passou minutos em completo silêncio, até que ele começou a se acalmar.

— Eu vi como ela olhava para você — falei. — Kate nunca olhou daquela forma para mim. O que ela sempre teve, foi curiosidade em relação ao Lafaiette dono de um puteiro chique. — Amadeo seguiu calado, olhando o teto. — Eu não medi as consequências e Romeo irá falar justamente isso para mim, e agora o arrependimento bateu, porque eu tive muito medo, medo do caralho como jamais tive, quando recebi a ligação dizendo que você estava aqui. Porque você é meu terceiro irmão, cara. E jamais me perdoaria se algo te acontecesse... Por um motivo tão mesquinho que eu provoquei.

Me calei e minutos se passaram até que ele virou o pescoço apenas um pouco, para me olhar.

— Se for paixão que *yo siento* por Katherine... que se dane. Eu quero sentir isso, pois jamais senti igual. Estar com ela me deixa feliz e eu coloquei tudo a perder, fui tão babaca como *usted*. Eu menti para ela.

— Você ainda pode consertar isso. Eu vou falar com ela que aquela mulher é minha funcionária.

— Eu que devo contar para ela sobre meu verdadeiro nome.

— Sim, claro que sim. Eu trarei ela para ficar com você. Quando achar que está recuperado, conte tudo para ela.

Ele assentiu e voltou a olhar o teto. Ainda tinha lágrimas em seus olhos. Me levantei e, antes de sair, caminhei de volta para perto da cama.

— Amadeo. — Ele me olhou. — Você é o último Lafaiette a encontrar uma

mulher para a vida toda. Faça ela feliz.

— Ainda tem você, Magno.

— Eu sou isso que você enxerga. Não tem espaço para paixão aqui dentro.

— Ele levantou a mão devagar, e eu a apartei em um gesto camarada.

— Espero que esteja enganado, primo.

AMADEO

Assim que Magno saiu as minhas esperanças se renovaram. Se ele fizesse a coisa certa, Kate voltaria para mim, e assim que eu estivesse recuperado contaria tudo para ela. Seria o tempo certo para que nossa relação se tornasse mais íntima.

Pouco depois, a porta se abriu e Romeo entrou todo desesperado com Lorenzo à sua cola. Agora, eu não sentia mais vontade de ferrar com Magno. Ambos fomos dois babacas ao fazer a aposta, e eu mais ainda, ao iniciar um relacionamento com Kate com base em mentiras.

— Cacete, Amadeo! O que tu aprontou? — Romeo indagou chegando perto da cama.

— *Estoy bien*, cara.

— Que susto desgraçado você nos deu — Lorenzo exclamou. — Foi a moto?

— Sim.

— Caramba! Aqui é Rio de Janeiro, porra. Eu te falei para pegar o carro que a empresa cedeu.

— Romeo, *estoy bien*. Juro. Vocês precisam sair daqui agora, a Kate está vindo.

— De jeito nenhum. Você vai contar pra ela quem você é. Quer dizer que nós, seus primos teremos que ficar afastados enquanto você padece todo quebrado? O que os tios vão dizer da gente?

— Meus pais nem precisam saber, eles estão em outro país. *Carajo*, mano. Saem daqui agora. — Bati o braço na cama e a dor quase me fez urinar.

— Eu não saio. — Lorenzo se sentou gerando pânico em mim. — Você precisa aprender a ter responsabilidade e não mentir para as pessoas.

— Ah, olha quem fala. O dono da moral e da verdade. Você roubou uma

mulher e a enganou.

— E hoje estamos juntos, fodendo mais que coelho. — Ele deu de ombros com uma expressão de cinismo. Não adiantava eu contestar com um mau caráter. Voltei para o mais sensato.

— Romeo, por favor. *Yo voy a* contar para ela. Mas nesse momento preciso da Kate. Compreenda-me, por favor.

— E o que faremos para te visitar?

— Certo. Me empreste aquele seu apartamento antigo. Vocês poderão ir me ver quando ela sair.

Ele olhou para Lorenzo e quando retornou a me encarar, assentiu.

— Tudo bem. Vou conversar com o médico e ver quando vai receber alta. Enquanto isso, mando arrumar o apartamento.

— Gracias, primo. — Quase chorei de felicidade.

— Tem uma semana para contar para ela. — Romeo foi firme — É o tempo de se recuperar.

— Sim, prometo.

— Porra, Romeo. — Lorenzo ficou de pé. — Você é o maior empata treta.

— Você não tem pena do infeliz? Está na cama que não consegue mexer os olhos. Se Kate chega e nos pega aqui, ele apanha, Olívia come meu rabo no jantar e sua mais nova conquista, Angelina, te da um pé na bunda. Amadeo precisa falar a verdade, mas esse não é o momento.

Lorenzo deu um toque na minha mão se despedindo e caminhou para porta falando:

— Magno tinha razão o tempo todo. Olha o que nos tornamos: planejadores com medo de mulheres.

— Para de falar e vamos. Se cuida, Amadeo. Pelo amor de deus, pare de arrumar encrenca.

Mal eles acabaram de sair, passou-se alguns minutos e Kate entrou em pânico pela porta. Ficou parada no meio do quarto com lágrimas nos olhos me olhando. Trêmula, pálida, completamente abatida.

— Roberto. — Lágrimas descera dos seus olhos, e ela correu até mim.

— *Estoy bien, rubia*. — Sorri segurando-a contra meu peito.

— Me perdoe, eu não acreditei em você. — Chorou amargamente fazendo meu coração se partir.

Você que tem que me perdoar, querida.

— Fique calma. Já passou. Tudo está *bien*. — Beije seus cabelos e seu

cheiro docemente feminino me deu a sensação de lar e segurança. Eu não queria pensar no que viria pela frente, só queria curtir o momento de ter ela novamente em meus braços.

Céus. Eu não a merecia. Ao contrário, merecia o inferno por enganar essa mulher.

DEZESSEIS

KATE

Roberto não é mais meu vizinho.

Eu busquei partes tristes em mim, por ter perdido sua presença no apartamento ao lado, mas não havia tristeza, apenas muita alegria, não importava onde ele estava, estávamos juntos e isso bastava.

Ele se mudou para um apartamento cedido por um amigo. Eu até tentei convencer ele voltar a ficar onde estava, mas esse do amigo era em um local bom e tinha elevador. Seria melhor para ele. Na verdade, o apartamento era uma obra de luxo, e eu fiquei chocada em ver que ele conhecia pessoas com tanto dinheiro. Um apartamento daquele na Barra não era nem um pouco barato.

Quatro dias após o acidente, Roberto estava ótimo e, segundo o médico, com mais três dias ele poderia voltar a trabalhar. Tivemos maravilhosos quatro dias, era como se fosse uma lua de mel. Como casais que ficam tempos separados e se reencontram para não desgrudarem mais.

Apesar de passarmos uma boa parte do dia afastados, pois eu tinha que abrir a livraria, à noite eu ia para o atual apartamento dele e cuidava do meu espanhol como se fosse um bebê. Faltava pouco para, enfim, eu dizer a plenos pulmões que ele era meu namorado.

— Animado? — perguntei quando beijei ele no sofá. Eu tinha acabado de chegar da livraria e notei seu volume grande por debaixo do short que vestia.

— Esse seu livro é bem quente. — Roberto jogou o manuscrito na mesinha de centro me fazendo rir. Em seguida, me observou. — Como foi seu dia?

— Estou ótima. Trouxe comida. — Suspendi as sacolas de lanches que comprei quando vinha para cá. — Caminhei para a cozinha luxuosa muito bem equipada. Roberto veio atrás. — O dia foi muito produtivo na livraria, e acabo de vir da Mademoiselle.

— E aí? Vai desfilar?

— Vou. — Juntei as mãos como em prece e esperei a reação dele. — Roberto ficou levemente desconfortável, sem conseguir esconder essa emoção, mas se recuperou logo e sorriu.

— Que bom. Fico muito feliz e...

— E você vai estar em um lugar privilegiado me vendo.

— O quê...? É sério?

— Sim. Pedi a Angelina um convite, e ela vai providenciar. — Ele via como minha expectativa era gigantesca, era meu desejo e tinha certeza que ele não mediria esforços em atendê-lo. — Você vai, não é? Por favor, Roberto, quero tanto que esteja lá.

— Err... Claro. Vou sim.

— Ah, meu deus, — Corri e o abracei. — que notícia maravilhosa! Eu estarei um nojo naquela passarela. — Gargalhei — Toda coberta no glamour e com um boy maravilhoso na plateia.

— Será o seu momento. — Ele acariciou minha bochecha — Farei de tudo para dar certo.

— Já deu certo. — Beije-o e fui tirar os lanches das sacolas.

Ele comeu com voracidade, tomando duas latas de Coca junto, enquanto eu apenas o admirava mastigando, sorrindo feito uma tola.

Roberto estava estranho. Parecia preocupado, voando longe com alguma coisa martelando em sua mente. Eu o observei calada, enquanto assistíamos a um filme. Era bonito, másculo, um achado que eu não sabia como tinha conseguido, e o mesmo tanto que era bonito, era misterioso. E nesse silêncio, tendo apenas o barulho da TV como fundo, me perguntei o que mais havia na vida dele que eu não sabia.

Roberto me falou pouco sobre sua vida durante o tempo em que estamos juntos, nunca me mostrou fotos dos pais e sempre desconversa quando pergunto sobre sua família. Não me fala muito sobre o seu trabalho nem qual é a empresa. Ele pode ser um auxiliar de escritório como diz ser, ou um acompanhante de luxo, ou pior: um matador de aluguel bem caro. Como estamos evoluindo para namorarmos, gostaria de saber mais dele, do tanto que ele sabe sobre mim. Lembro de que a leitura nos uniu, mas desde então, nunca mais o vi falar de um livro ou comentar nada sobre a história que lia.

— O que está lendo atualmente? — questionei, e ele saiu de seus pensamentos, certamente confusos para me encarar.

— Oi?

— Está lendo alguma coisa no momento? Terminou a série Peça-me o que quiser?

— Si. Terminei — assentiu nervosamente. — Estou com um aí para ler, mas esses dias com a cabeça doendo tanto...

— Ah... Entendi. — Eu estava muito desconfiada e ele percebeu isso. — Vamos ler juntos? Para a gente comentar?

— Claro. *Puedes elegir alguno*. Voy adorar.

— Romance erótico, tudo bem? — Eu não sabia o que eu queria provar a mim mesma, mas, de repente, me perguntei se ele tinha usado o pretexto da leitura só para se aproximar de mim. Porque deveria ser uma grande coincidência ele escolher justo o livro que eu tinha acabado de ler.

— Tudo bien. *Alguno* em mente?

— Sim. Vou trazer um exemplar para você. É uma trilogia. Se chama O terapeuta, de uma autora brasileira. O cara se faz de terapeuta para fazer sexo com as pacientes. Ele não é o que diz ser...

Roberto ficou pálido e eu senti um frio na espinha. Como se a carapuça tivesse servido certinho para ele. E eu não queria estar enganada sobre ele.

— Parece bom. — Ele puxou minha mão, me fazendo sentar em seu colo. — Só não deve ser melhor que nós dois. — Ele tinha se recuperado rapidamente e parecia querer mudar de assunto. E eu aceitei mudar. Não queria pensar nada a respeito dessas intrigas em minha mente.

— O que acha de provar essa sua teoria? — eu falei e o beijei. Beijei-o apaixonadamente porque era como eu me sentia em relação a ele.

No dia seguinte, depois do almoço, eu me preparava para sair cedo, quando Roberto me ligou dizendo que tinha voltado ao escritório, pois já se sentia melhor e ia ficar lá até tarde, pois era dia de balanço, só chegaria por volta das oito ou nove e ia jantar por lá. Disse que eu não precisava ir vê-lo.

Fiquei desanimada porque tínhamos nos visto de manhã e estava morta de saudades. Era tão ruim estar acostumada a passar a noite com alguém e, de repente, ficar sozinha. Olhei, desanimada, o livro do terapeuta que eu ia levar para ele.

Era bom ter um momento só para mim. Me animei e terminei de passar o resto do dia na livraria.

Mas isso não se concretizou. No fim da tarde, Olívia me ligou, e quando eu disse que passaria a noite lendo e comendo besteira, ela insistiu para que eu fosse jantar com eles no apartamento de Lorenzo. Falou que ela e Vilma estavam preparando o jantar e que eu tinha que ir sim, ou então ela viria me buscar.

— Oly, eu vou ficar sem graça — falei pensando na proposta.

— Você, sem graça, Kate? Conta outra. Você vê sempre os rapazes lá em casa. Já está acostumada com Lorenzo e Magno.

— É jantar de família.

— Você é da minha família, Kate. Romeo sabe disso e todos te acolheram. Venha, senão eu irei te buscar.

— Não sei... Eu tive um leve desentendimento com Magno — só então contei para Olívia. Roberto tinha pedido para eu não mencionar nada para minha amiga, pois ele não queria mais envolvimento com Magno e eu atendi ao pedido dele.

— Com o Magno? Quando foi isso?

— Alguns dias atrás. Vou te contar tudinho...

— Então venha e me conte. Meu deus, agora estou curiosa. Ele tentou dar em cima de você?

— Não. Eu apareço por aí. — Decidi de imediato quando uma cliente trouxe os livros escolhidos para o caixa.

— Aparece mesmo. Venha rir com a gente e me contar direito essa história.

— Tá bom, beijos.

Fechei a livraria e fui para meu apartamento pensar no que usaria para um jantar na casa de Lorenzo. Não devia ser nada muito chique, mas também não poderia ir parecendo uma molambenta.

Escolhi um vestido comum, com mangas curtas e um comprimento bom, que não deixava minhas pernas à mostra. Não calcei salto alto, optei por uma sapatilha. Não queria parecer muito arrumada.

Às oito, mandei mensagem para Roberto, e como ele nem mesmo visualizou, eu peguei minha bolsa e saí. Pronta para enfrentar as ruas noturnas da cidade e chegar ao belo prédio onde Lorenzo morava.

O nervosismo fazia meu coração bater descompassado, e estava inclusive suando frio. E era estranho, uma vez que eu era a pessoa mais tranquila do mundo. Toquei a campainha pela segunda vez e, então a porta se abriu. Lorenzo me olhou levemente assustado, na verdade, bem pasmo. Como se ali estivesse rolando uma festa das drogas e eu fosse uma policial. Ele parecia querer virar para trás e gritar: “corre, galera, fodeu.”

— Oi, Lorenzo. Desculpa aparecer assim, Olívia me ligou me chamando, não queria vir, mas ela insistiu tanto. — meu sorriso denunciava como eu estava nervosa.

— Ah... — Ele pareceu perder a fala.

— Está tendo mesmo um jantar aqui, não é? Ou interrompi algo... Ai, meu deus. Interrompi? — Coloquei a mão no peito e tentei olhar para dentro da casa.

— Não. Claro que não, estamos sim reunidos. Entre. Seja bem-vinda.

Suspirei aliviada e entrei. Olívia veio da cozinha para me receber, eu enxerguei ela primeiramente até sorri e, em seguida, enquanto caminhava, olhei para a sala cheia de gente. Só rostos conhecidos.

E então eu parei bruscamente olhando para a sala. Até olhei em volta para ter certeza de que não estava em um sonho ou pegadinha. Voltei a encarar o homem sentado em uma poltrona, totalmente inerte, de olhos bem arregalados e feições pálidas. Era Roberto, e eu não conseguia assimilar o que estava acontecendo. Roberto entre os Lafaiettes...

— Kate. Só faltava você — Olívia falou, não percebendo meu estado catatônico. Eu e Roberto nos encarávamos aterrorizados, ele tentando encontrar uma saída, e eu uma explicação plausível. Do outro lado, apesar de assustado, Magno estava com cara de “Oba, treta”.

— Roberto? — enfim consegui murmurar.

— Quem? — Lorenzo e Olívia falaram juntos.

— Ele. — Apontei para Roberto — Meu vizinho.

De repente, notei pânico no rosto de Romeo. Lorenzo colocou uma mão no rosto como se previsse uma merda grande, Magno sorriu e Roberto engoliu em seco.

— Amadeo é seu vizinho? — Olívia indagou perplexa e confusa. — O tal vizinho que te inspirou no livro?

— Um livro inspirado no Amadeo? — Magno balbuciou. Todo mundo com cara de samambaia, sem saber o que estava acontecendo. Angelina assistia tudo de uma distância segura, mas encarando Lorenzo de olhos semicerrados, como se soubesse que ele tinha alguma coisa a ver com aquilo tudo.

— Gente, espera. — Dei um sorriso de puro nervosismo. — É o Roberto, meu vizinho. — Olhei para Olívia. — Aquele que comentei com você, Oly.

— Contou intimidades do Amadeo para a Olívia? — Agora Romeo estava chocado.

— Kate. — Olívia tocou no meu ombro, estava com precaução na voz, como se caminhasse em campo minado — Está acontecendo um engano. Esse é o primo dos rapazes. O que eu disse que ia te apresentar.

— Não — Neguei veementemente, me sentindo afundando em um mar de confusão. — Roberto, diga a eles. Diga quem você é — eu implorava, minha voz alta já em completa aflição. Eu estava caindo na realidade e me vi completamente enganada e feita de boba.

— Katherine... Eu...

Assim que ouvi o sotaque... A voz falhada dele... Coloquei as duas mãos no

rosto entendendo tudo. O encontro no noivado da irmã de Olívia. A maneira repentina que ele apareceu, o envolvimento de Magno em toda a história, o emprego de luxo, a semelhança facial com Magno.

— Ah, não. Por favor, me diga que isso não está acontecendo de novo comigo.

Roberto se levantou e, meio temeroso, veio caminhando em minha direção.

— Eu ia te contar.

— Ai, meu deus! — Olívia colocou as duas mãos na boca. — Ai, meu deus! — Seu olhar fixou em Romeo.

— Você sabia disso?

— Claro que não, amor — ele começou a falar, mas eu não esperei mais nada. Não houve lágrimas, gritos, tapa na cara. Eu apenas me virei e sai. Corri, corri muito, até alcançar meu carro. Eu estava cega, escutava ao longe uma voz masculina com sotaque me chamando e eu sabia que era ele. Mas eu nem me virei. Estava novamente na merda.

DEZESSETE

KATE

— Katherine, espere! — Na porta do prédio, o maldito conseguiu me segurar e me empurrou contra a parede. — *Escuchame* — clamou e, no mesmo instante, ganhou um tapa na cara.

— O que pensou que estava fazendo? Quem você pensa que é? — Eu estava ensandecida e meu corpo tremia de uma forma preocupante. Respirei várias vezes e, de olhos fechados, torci para me acalmar.

— Desculpe. *Yo soy* primo dos Lafaiettes e te vi naquela festa de noivado. O Magno... Ele orquestrou tudo.

— Orquestrou tudo? — Empurrei ele e, imediatamente, o cobri de pancada com minha bolsa. — Que porra vocês acharam que estavam fazendo? Estavam rindo da minha cara?

— Não! — Me segurou, também se mostrando transtornado. — Não, Kate, juro. Magno armou...

Dei outra bolsada nele.

— Ao menos assumo a porra do seu erro — berrei enlouquecida sem nem importar que estava no meio da rua. — Eu não estava em um relacionamento com ele, e sim com você. — Maldição, lá vinha a enxurrada de lágrimas. Minha garganta ameaçava tampar pelo pranto iminente. — Eu nem mesmo sei se tudo que me contou é verdade, ou o que tivemos foi real.

— Foi real

— Eu nem mesmo sei o seu nome.

— Amadeo. *Soy* Amadeo Lafaiette. — O desespero em seu olhar poderia ter me feito fraquejar, mas só me demonstrava como tudo tinha sido grave, e até mesmo ele tinha noção disso.

— Ah, merda! — Chorei tremendo o corpo. Senti suas mãos em meus ombros e sobressaltei — Fique longe de mim. — Andei até o carro, dessa vez, Roberto não me seguiu. Ficou lá na calçada observando, com a agonia expressa em sua face. Só então percebi que seria muito difícil domar a dor que a paixão estraçalhada estava me causando. Era uma dor inexplicável, interior, perfurando o meu peito a cada respiração. Era a alma ferida pelo golpe, pela mentira vinda justamente de uma pessoa que nos últimos dias teve o poder de me preencher e tornar meus dias felizes. Agora, eu já me sentia vazia.

Eu queria ser a durona insensível que mandaria tudo isso à merda e não derramaria uma lágrima. Mas foi inútil, porque a sensação de ter sido enganada era pior do que a de ter sido traída. Eu ficava pensando se eles riram de mim, se eles apostaram dinheiro, se Roberto passava o boletim de nosso relacionamento para os primos. E isso só alimentava o meu ódio.

Na manhã seguinte, Olívia veio me visitar. Deixou o bebê com Vilma e veio me dar apoio.

Encolhida em uma poltrona, assisti ela preparar um café forte para mim. Olívia estendeu uma caneca de café na minha direção e sentou-se no sofá. Ficamos caladas por um tempo. Ela me confidenciara, na noite passada, ao telefone, que se sentia envergonhada pelas atitudes de Amadeo, e eu acreditava em Olívia. Ela era boa demais para qualquer um deles.

— O Romeo não sabia — falou olhando a própria caneca de café. — Mas não acreditei no que ele falou. Tenho medo de descobrir que ele estava metido nisso.

— Acho bem provável que estivesse. — Eu queria sacudi-la e exigir que ela punisse o marido dela, mas isso seria mesquinho, minha amiga não tinha culpa.

— Eu já disse a ele que se eu descobrir que ele sabia e não fez nada, eu me mudo para o quarto do bebê. Faz pouco tempo que brigamos porque ele acobertou a sem-vergonhice de Lorenzo e agora vem essa armação escrota.

— Homens são umas pestes, nem me chocam mais. — De cabeça baixa, sorvi um gole de café escondendo minha revolta.

— Ele tentou explicar, disse que era coisa de Magno e Amadeo...

— Acreditou nele?

Olívia deu de ombros e bebericou o café.

— Eu não vou pedir para você largar seu marido. Apesar de tudo, Romeo não fez nada comigo. Pode ser que ele tenha sido condescendente...

— O que já é algo muito grave. Me diga, o desfile continua de pé? Será nossa modelo?

— Claro. Lógico que sim. Não vou parar minha vida por causa de um babaca.

— Então, levanta a poeira, vista-se e vamos comigo para a Madde. Você precisa se distrair, ver coisas bonitas, estar com pessoas que te querem bem.

— Eu não sei...

— Kate, você foi minha ancora quando mais precisei... Não vou deixar você afundar aos poucos. Venha, vá se vestir, essa aí não é você apática e

desmotivada.

— Obrigada, Oly.

— Vamos. — Ela se levantou e bateu palmas para eu me agilizar. Ri e pulei do sofá, aceitando o convite de Olivia.

Na Mademoiselle, cheguei de carro com Olívia e seu motorista que eu classifiquei como sendo um gato. Ela me cutucou para eu não me referir a ele assim, estando tão perto do moço. Olívia ficou totalmente enrubescida pelo meu comentário sobre seu motorista. Eu estava completamente apaixonada por um traste, no fundo do poço, com o coração destroçado, mas não morta; admirar homens é algo que se pode fazer em qualquer momento da vida.

Chegamos no mesmo instante que Angelina e Lorenzo estavam de cochicho esperando o elevador. Rindo, abraçados feito pombinhos, mostrando que tinham tido uma noite maravilhosa e não conseguiam se desgrudar.

Angel é outra que caiu no conto do vigário. Ou para ser mais exata: do vigarista.

— Bom dia — Angelina nos cumprimentou, e eu fechei a cara, não para ela, mas para seu namoradinho. Queria ver o diabo a ter que encarar um Lafayette.

— Bom dia — Eu e Olívia respondemos. E antes de qualquer uma de nós falar, Lorenzo me encarou.

— Tudo bem, Kate?

— Tudo. — Olhei minhas unhas.

— Eu sinto muito...

— Ah, sente? — Assumi uma postura ofensiva — Olha pra minha cara e veja se sou tola de acreditar em suas mentiras. Estava de conluio com aquele lá.

— Ele é meu primo, é natural que eu saiba das coisas que ele faz, ainda mais estando trabalhando na Orfeu.

Claro que ele estava trabalhando lá e me enganou esse tempo todo.

Ah, que vontade de rodar a baiana...

Lorenzo continuou:

— Mas eu não tenho controle da vida de um homem adulto. O que pude fazer eu fiz: aconselhei. — O elevador abriu e eu entrei primeiro. Eu não iria brigar com ele aqui na empresa que, tecnicamente era dele. Fechei o bico.

Ficamos calados enquanto o elevador subia até ele informar:

— Se é do seu interesse saber, Amadeo passou a noite em claro. Ele está acabado.

— Olha só. Uma notícia boa hoje — ironizei.

— Você está sendo dura consigo mesma e com ele a ponto de...

— Lorenzo, a Kate precisa de um tempo. — Angelina se intrometeu. — Deixe de bancar o mensageiro, seu primo errou e merece o limbo.

— Obrigada, amore — falei com ela.

— Força, feminina. Aqui, macho não se cria — respondeu orgulhosa.

— Até parece que não. — Lorenzo deu um sorriso cínico e saiu sozinho ajeitando a gravata quando o elevador abriu. Queria tacer a bolsa nas costas dele, mas me contive. Meu problema era com outro Lafayette, eu descontaria nele e não nos primos.

Passamos a manhã toda entretidas com os vestidos. Me distraí e me deixei levar pelas lentes da câmera de Noah, e as sugestões dele. Daqui eu iria ensaiar com as outras modelos como seriam as entradas na passarela e a ordem de cada uma. Olívia estava trabalhando apenas meio período, o bebê já tinha um mês, e ela só vinha para a empresa por insistência própria, queria ficar a par da produção do desfile. Vilma tinha vindo mais cedo trazendo o Gael para que Olívia o amamentasse, e, agora, na hora de irmos embora, Romeo já nos esperava. Carregando o bebê e a bolsa no outro ombro, ele me olhou um pouco sem graça.

— Oi, Kate. Tudo bem?

— Sim. Tudo bem. — Fiquei séria, sem esboçar nenhum sorriso.

— Que bom... — Pigarreou e prosseguiu: — Sobre aquilo...

— Está tudo bem, Romeo. Não precisa se desculpar por algo que não fez. Eu estava namorando outro cara, não você.

— Certo. Ele veio comigo, está lá embaixo na recepção, só para você saber. Lorenzo contou que você estava aqui.

— Ah, que merda. Que bando de machos fofoqueiros. — Mesmo assim, isso não me intimidou. Eu nunca tive medo de enfrentar meus problemas, não era agora que eu me esconderia das adversidades.

Saí do elevador, sendo seguida por Romeo e Olívia, de longe já pude ver o safado se levantando da poltrona. Andei calmamente e quando cheguei perto, ele me cercou.

— Katherine. — Exibia belas olheiras e estava um tanto desalinhado; a

camisa aberta, a gravata frouxa e os cabelos assanhados.

— Diga. — Cruzei os braços e o encarei friamente.

— Por favor, fale comigo.

— Falei. Tchau. — Me virei para sair, mas ele me segurou.

— Não está insuportável para você? Porque para mim está muito difícil...

— Amadeo... É esse o seu nome, não é? Fique sabendo que eu não dou a mínima para seu suposto sofrimento. Foi algo que você causou.

— Yo apenas... queria te conhecer, me aproximar e aí me deixei influenciar.

— Existe uma coisa chamada: cumprimentar, e que é muito comum na sociedade moderna. Você poderia ter vindo até mim, se apresentado como primo dos Lafaiettes e fim. Mas preferiu se juntar a Magno numa armação escrota.

— Nos dê *una* chance. Agora você sabe de tudo...

— Siga sua vida, cara. Tudo aconteceu ontem, está recente demais e me cercar só vai piorar as coisas. Vai embora enquanto eu ainda consigo me controlar para não te encher de porrada. — Calado, ele me olhou por mais alguns instantes, assentiu e virou as costas saindo em passos apressados. Vê-lo sair me causou um buraco gigantesco no peito, mas me mantive firme. O que ele me fez foi gravíssimo, e não deixaria que me enganasse novamente.

DEZOITO

AMADEO

Dizem que o tempo tudo pode curar. E a minha escolha foi dar tempo e deixar o destino agir. Eu desejava estar na cola de Kate, mas não queria que ela se zangasse com minha presença e acabasse piorando minha situação. Ela já tinha se decidido, e pelo que eu fiz, não era legal continuar insistindo. O tempo era meu melhor aliado.

Voltei a trabalhar na Orfeu e estava gostando dessa nova fase em minha vida. O Brasil era meu lugar, era como se uma força maior atraísse o sangue Lafaiette para essas terras.

Também gostei muito do meu novo lar. Era um dos apartamentos de Romeo que ele cedera para mim, ficava em um prédio bacana, com vista privilegiada de frente para a praia. Comprei-o com uma boa ajuda de um banco parceiro da Orfeu que fez um ótimo financiamento para mim. Eu ainda não era podre de rico como meus primos e aceitei na hora a oferta de ter minha casa própria concluindo o pagamento em cinco anos.

Mas o pior disso tudo, era não poder ter Kate ao meu lado comemorando comigo cada progresso em minha vida. Mesmo morando no luxuoso apartamento já mobiliado e decorado, eu ainda sentia saudade do cubículo onde eu era vizinho da Kate. Lá tinha ela me fazendo feliz, a simplicidade do lugar era um mero detalhe, porque a gente tinha um ao outro, e isso bastava.

Já havia se passado cinco dias. Olhei para minha mesa de trabalho completamente desanimado. Dois toques na porta da sala que eu dividia com mais dois colegas de trabalho, me chamou atenção. Levantei os olhos, e era Lorenzo.

— Venha almoçar com a gente.

Levantei, desliguei o computador e sai com ele. Apenas Romeo tinha ido almoçar em casa e, por causa de ter muito trabalho, Lorenzo e Magno decidiram comer por perto do escritório mesmo.

Magno fez a gente entrar no carro dele, pois, segundo ele mesmo, era o carro mais macho disponível. Eu estava usando o da empresa, e Lorenzo tinha um belo carro estilo sedã que, na concepção de Magno, era carro de pai de família.

— Sorria, Amadeo, você vai encontrá-la no desfile — Magno tocou no assunto, e Lorenzo virou-se para mim no banco de trás.

— Você vai ao desfile, não vai?

— Lógico. Não vou perder a oportunidade. Eu estarei na primeira fila assistindo o melhor momento de Kate. — De certa forma, eu estava feliz, pois se ainda estivesse no papel de Roberto, eu nem sabia como iria comparecer para apoiá-la. Seria lá que ela descobriria tudo, e eu arruinaria o seu grande dia.

Chegamos ao restaurante, e não consegui esconder o desconforto que sempre me acompanhava, e que Magno sutilmente chamava de “cara de cu”. Ele talvez não entendesse, pois nunca sentiu nada por ninguém. Mas Lorenzo me entendia muito bem. Ele acabara de pedir a Angelina em casamento, e fiquei feliz por ele ter aceitado o que o pessoal sempre avisou: ele a amava e fez de tudo para trazê-la de volta para sua vida.

O que eu poderia fazer para ter Kate de volta?

— O seu momento chegará — Lorenzo falou e eu levantei os olhos do prato.

— O quê?

— Talvez esteja se perguntando como reverterá essa cagada que você mesmo fez. O momento certo irá chegar, e você saberá.

Assenti para ele. Esperava que esse momento não demorasse.

— Lorevaldo tem razão. Não saia por aí fazendo merdas, e acabar piorando as coisas — Magno concordou e bateu no meu ombro. — Ânimo, meu amigo, tenha ânimo. Nada que uma noite no clube não resolva. Vamos hoje, está decidido.

— Uma porra. — Empurrei a mão dele.

— Não vai trepar com ninguém até Kate se decidir?

— Si.

Pasmo, Magno olhou para Lorenzo vendo se o irmão compartilhava de sua perplexidade, mas Lorenzo comia despreocupado.

— Ao menos uma punheta então, senão quando tu gozar na mina, só vai sair a porra empelotada.

Lorenzo quase cuspiu a comida ao ouvir isso e limpou os lábios, enquanto eu e Magno ríamos.

— Precisa ter material para criar uma imaginação — Magno prosseguiu preocupado com minha punheta. — Assiste um pornô legal ou vai pensar na Kate?

Lembrei de algo que eu tinha e sorri para mim mesmo.

— *Tiene un libro.*

— Um livro? — Ambos se entreolharam.

— Katherine estava escrevendo um livro e me deu uma cópia. É erótico e baseado em mim.

— Puta que pariu. Que tédio deve ser esse livro. Baseado em você? Vai usar ele para bater punheta ou para dormir? — Magno fez chacota.

— Cala essa boca, porra.

— É o livro que Romeo estava espumando de raiva por que a Olívia leu? — Lorenzo indagou.

— *Si*. Ele não aceita que agora Olívia saiba todos meus dotes, inclusive como essa máquina aqui funciona na cama.

Magno gargalhou.

— Máquina — falou e riu mais. Eu voltei a comer, Lorenzo também prosseguiu mastigando e Magno ainda ria inconformado por eu ter sido foco de um livro erótico, e não ele.

À noite, sozinho, mais uma vez no meu apartamento, tomei um banho e me deixei devanear com pensamentos deploráveis. Eu queria me humilhar, eu tinha que, de alguma forma, mostrar humildade e que estava de verdade arrependido. Kate tinha que saber que eu não havia desistido dela.

Me vesti, peguei a moto e fui para o prédio pequeno em que ela morava. Parei a moto na calçada e fiquei um bom tempo olhando para o prédio com as luzes apagadas. A livraria na parte de baixo me fez sorrir, ao lembrar de nossos momentos ali dentro. Era como se eu pudesse vê-la trabalhando lá. Peguei o celular e liguei sem a menor pretensão de ser atendido. As luzes estavam apagadas, e eu supus que talvez ela estivesse na casa dos pais.

Kate atendeu, o que foi uma surpresa e uma vitória.

— Fala — disse secamente.

— Eu não consegui apenas deixar o tempo curar tudo — falei de uma vez, baixinho. — Gostaria de te ver... Ao menos de longe. Estou aqui em frente ao prédio, saia na janela, Kate.

— Olha, cara, eu até sairia, mas, no momento, nem no Rio eu estou. Vá dormir e tente não trazer para mim essa sua carga depressiva.

— Você... viajou? Mas e a livraria e o... desfile?

— Obviamente, que não irei desfilar.

— Por que fez isso, Katherine?

— Porque não aguentava mais. Não é só você que está sofrendo, Amadeo.
— Ela fez uma pausa e respirou longamente — Droga, não gosto nem de pronunciar seu nome.

— Por que não nos dá uma chance?

— Porque enquanto você está apenas triste, eu estou triste por nossa separação e magoada pelo que fez. Eu não sou dessas que vai aceitar milhares de buquês de flores, serenata, presentes e voltar correndo para os seus braços. Preciso curar minhas dores para lidar com as dores de outra pessoa.

Eu concordei, calado.

— Há chance de nos vermos de novo?

— Eu gostaria de dizer que não. Mas eu sei que haverá. — E ela foi sincera, me deixando minimamente feliz.

— Que bom. Tenha uma boa noite, Kate.

— Tenha uma boa noite. Amadeo.

DEZENOVE

KATE

Olívia quase teve um surto quando me ouviu falando que tinha decidido viajar de última hora. Ela estava preocupada com o desfile, no qual eu vinha ensaiando, mas eu estava preocupada com minha saúde mental. Era como se a cidade estivesse pequena para mim. Tudo estava me sufocando, desde meus pais ao meu trabalho e, principalmente, o apartamento onde eu sentia o fantasma do meu ex-vizinho.

Eu tive medo de enlouquecer caso não tomasse uma atitude dessa. E agora eu estava de volta. Simplesmente voltei quando percebi que o confronto com meus fantasmas estava marcado. Eu jamais me livraria deles se não tentasse derrotá-los.

Foram necessários três dias, presa em um hotel em São Paulo, para perceber que eu não podia parar minha vida com medo de enfrentar as pressões. Se, em todos os problemas, eu fugir e abandonar as responsabilidades, nunca saberei superá-las.

Fui direto para a Madde onde aconteceria o desfile. As pessoas já estavam chegando, havia belos carros parando em frente ao prédio e sendo recepcionados por funcionários bem vestidos. Era ali que eu deveria estar. Mostrando a todos, principalmente a ele, que eu estava de pé. E quando eu o vi chegando com Magno, sorridente e feliz, como se nada tivesse acontecido, eu soube que teria que estar naquela passarela por mim mesma, para eu me sentir poderosa, indestrutível.

Liguei para Olívia, uma vez que tinha certeza que não me deixariam entrar. Eu estava sem minha credencial de modelo, porque fugi sem dar satisfação, então teria que entrar por outro modo.

Olívia apareceu na porta, assustada, olhando para os lados. Pai do céu! Minha amiga estava um espetáculo de tão linda. Romeo devia estar flutuando de tanto orgulho. Corri até ela e me joguei em seus braços.

— Oly.

— Kate. Meu deus! Onde se meteu?

— Ai, amiga... Desculpe ter te dado o cano... Eu não aguentei. — Fiz uma cara fofinha para ela, pedindo desculpas expressivamente. — Sou uma fracote, não sou?

— Ficamos tão preocupados. Venha, entre... Já vai começar. — Ela me puxou para dentro e nem precisou falar nada com os seguranças.

— Ah... Eu não posso ficar. Eu desisti. Eu bem que gostaria de voltar atrás e não ter fugido.

— Mudou de ideia sobre a passarela?

Assenti apenas, tão envergonhada que nem consegui falar.

Ela pensou um pouco, me olhando e, inesperadamente, tomou o celular da minha mão.

— Destrava ele — ordenou. Eu destravei o celular, e ela digitou um número.

— Angelina. Preciso de sua permissão e ajuda. Kate está aqui, podemos encaixá-la? — ela assentiu ouvindo o que Angelina falava e respondeu: — Sim, eu sei que falta menos de trinta minutos. Kate sabe todo esquema... — Fez uma pausa e revirou os olhos — Claro que não tem a ver com o Amadeo, tem a ver com ela mesma para quebrar suas inseguranças. Coloque ela ao menos no final. — Olívia fez sinal para eu esperar enquanto Angelina devia estar fazendo alguma coisa. Ficamos segundos em silêncio. Olhei pelas gigantes janelas a noite muito clara lá fora, as pessoas chegando e nós duas no canto no primeiro salão de recepção.

— Certo — Olívia falou. — Segundo ato. Ela estará pronta. Obrigada, Angel. — Me devolveu o celular e me puxou para os elevadores. — Você tem vinte minutos.

— Ok.

Chegamos aos bastidores do desfile, que parecia uma verdadeira catástrofe. Modelos correndo de um lado para o outro, maquiadores dando os últimos retoques, pessoas empurrando araras de roupas para lá e para cá enquanto Angelina e Noah tentavam administrar a bagunça. Acenei para ela, e Angel correu até mim, não disfarçando a tensão em me ver. Choque e alegria brincavam em seus olhos.

— Kate. — Me abraçou — Fico feliz que esteja aqui. Você consegue entrar em quinze minutos?

— No segundo ato?

— Não. Abertura, como havíamos ensaiado. O Noah acha que você deve abrir o desfile, já que está mais familiarizada. É aposta certa. — Ela torcia para dar certo, mas havia medo em sua expressão. — Isso não é comum em grandes passarelas, mas te dar uma chance pode nos ajudar.

— Aceite, Kate. — Olívia bateu palminhas ao meu lado. Eu não precisava

pensar muito e nem tinha tempo para refletir sobre o assunto. Era questão de segundos para fazer a escolha certa. Eu sabia cada passo que deveria ser executado na passarela e era meu momento.

— Certo, eu vou — falei, escondendo bem no fundo do peito, todo o meu temor.

— Fábio! — Angelina gritou para um homem que estava secando os cabelos de uma modelo. — Faça o cabelo da Kate. Aquele truque do coque que desprende. O homem veio correndo e ajeitou uma cadeira em frente a uma penteadeira para eu me sentar. Tinha chegado o momento.

— Você sabe todos os passos, não é? — Angelina tocou no meu ombro.

— Sei.

— Então arrase.

— Oly. — segurei o braço de Olívia. — Traga algo alcoólico, preciso de um estímulo para não cair dura lá fora. Olívia riu e saiu depressa indo providenciar minha “coragem líquida”.

Usamos até o último segundo para que eu ficasse pronta. Quando me vi no espelho, mal pude acreditar na mágica que esse pessoal fez em menos de meia hora. Angelina me ajudou com a capa e capuz por cima do figurino e se afastou quando me posicionei atrás dos modelos masculinos que entrariam primeiro.

Fechei os olhos e esperei, ouvindo o som da apresentação. Os rapazes, vestindo calça e sapato social, entraram. Eram dez modelos muito bem escolhidos. Quando eles voltaram, foi a minha vez. Eu entrei. Eu pude ver de relance a plateia curiosa com a figura coberta que acabara de entrar, no caso, eu.

A cantora então deu o primeiro acorde e começa a cantar com uma bela e alta voz, grave e suave ao mesmo tempo:

*“Levava uma vida sossegada...
Gostava de sombra e água fresca...”*

Dois rapazes vieram em minha direção, como se estivessem me recebendo e me levaram para o meio da passarela, enquanto a cantora continuava “cantando” Rita Lee, lentamente, apenas com violinos acompanhando. Os dois rapazes começaram a me girar em uma dança suave, e então a banda com bateria e guitarra acompanhou a música no segundo refrão, e pude sentir o tremor tomar todo meu corpo, puro êxtase.

*“Foi quando meu pai me disse: filha,
você é a ovelha negra da família...”*

No momento em que a cantora chegou essa parte da música, os dois modelos puxaram o capuz e capa que me cobriam. E eu tive o prazer de ver, na

primeira fila, os quatro Lafaiettes de queixo caído, como se acabassem de ter assistido uma mágica absurdamente impossível. De nariz empinado e olhar duro, deixei o capuz e os modelos de lado e segui sozinha na passarela com um vestido magnificamente desenhado pela Angel. Meus cabelos estavam presos como um daqueles penteados aristocráticos, e eu nunca pensei que pudesse ficar tão maravilhosa.

Enquanto eu me movia, a abertura no vestido mostrava minha perna e meu salto altíssimo.

Eu me sentia poderosa, como se tivesse nascido para esse dia, e o melhor era saber que “ele” estava me seguindo com o olhar aflito. Dei um giro no fim da passarela e voltei para os modelos que me receberam como tínhamos ensaiado. Enquanto a cantora continuava cantando, eu dançava com eles em sincronizados giros, como uma valsa de uma mulher e vários homens.

*“Baby, baby, Não adianta chamar.
Quando alguém está perdido, procurando se encontrar.”*

Eu pude ver a boca de Amadeo se mexer fazendo interjeição quando os dois modelos puxaram meu vestido, e ele se abriu revelando outro vestido por baixo, um pouco mais curto. Em seguida, tirei a presilha do cabelo, balancei a cabeça jogando os cachos loiros para todos os lados e, com esse novo visual, voltei desfilando sozinha, na passarela, com as luzes sobre mim, e a cantora voltou ao início da música:

*“Levava uma vida sossegada...
gostava de sombra e água fresca...”*

E antes de deixar a passarela, fiz uma pose, dei um giro e voltei de rosto em pé, sem olhar para os lados, em passos perfeitos, indo embora com os modelos atrás de mim, ao som de aplausos e da voz da cantora:

*“Baby baby, não vale a pena esperar oh não!
Tire isso da cabeça, e ponha o resto no lugar.”*

— Fui bem? — perguntei a Olívia e Angelina que me esperavam eufóricas, parecendo animadoras de torcida.

— Você foi maravilhosa. — Olívia me abraçou.

— Eu fiquei daqui espiando... Devia ter visto a cara do Amadeo. — Angelina emendou — Você arrasou.

— Ah, nem quero saber dele. Que se dane.

— Sim, a gente sabe... — Angelina insinuou, mas não me deixou revidar. Me empurrou para o vestiário. — Vai se aprontar para a próxima entrada. Essa noite vai pegar fogo.

Dessa vez tive mais tempo para o próximo figurino. Eu entraria com mais três modelos na penúltima fase. Estava mais empolgada ainda, pois seria uma entrada mais descontraída. A cantora tinha saído para dar lugar a um segundo cantor, e quando Angelina deu o sinal, entramos.

O cantor cantava “Olhar 43” de RPM. Desfilamos ao longo de todo o comprimento da passarela, sob *flashes* e olhares ávidos. Eu sabia exatamente onde Amadeo estava sentado e gostava de pensar que eu tinha o poder nas mãos e gostava, sim, de provocá-lo, brincar com ele, como ele brincou comigo. Eu e as três modelos, posamos e até cantamos pedaços da música, dançando sensualmente ao redor do cantor. Inclusive antes de sairmos da passarela, fiquei de pé na direção dos babacas Lafaiettes e cantei:

“E pra você, deixo apenas o meu olhar 43, aquele assim, meio de lado, já saindo indo embora...”

E saí desfilando, indo embora com as outras meninas.

Eu me troquei e vesti um belo vestido que Olívia arranjou para mim. Não conseguia tirar o sorriso de satisfação dos meus lábios e ainda sentia os efeitos que o desfile causou em mim; era como se eu tivesse ingerido uma droga, me deixando em pura euforia. O pós-desfile seria luxuoso, e eu precisava estar à altura para receber os elogios. Eu não queria fama, ou seguir carreira de modelo, mas pensei que algumas centenas de seguidores nas redes sociais me dariam a chance de publicar um livro, o que era meu sonho.

Assim que saí do vestiário, Olívia me esperava, e pela expressão de seu rosto, percebi sua preocupação.

— O que houve?

— Os seguranças tentaram impedi-lo, mas... — Ela nem terminou de falar, eis que ele surgiu do outro lado, Amadeo, tomado de uma poderosa emoção, decidido no que estava fazendo. Estava até mais bonito, com o semblante fechado, como se estivesse pronto para a guerra.

— Ah, vai se danar, não quero saber. — Passei por ele tentando sair para o salão principal.

— Katherine, *ustedesd* no vai fugir. Necessitamos conversar.

— Seu sonho. — Andei rápido por entre modelos, araras, maquiadores e

todo pessoal da produção, só queria encontrar uma porta para sumir. Eu não estava preparada para encará-lo ou ouvir qualquer uma de suas desculpas. Alcancei minha bolsa e bati a mão para Olívia. — Estou indo, a festa azedou para mim.

— Kate, espere — ela gritou, mas eu já tinha saído pela porta, com Amadeo ao meu encalço.

— *Usted* necessita parar de ser tão extremista — gritou atrás de mim. — *No necessita fugir de la ciudad* só para no me ver, ou *irse...* ir embora de *la fiesta* só por causa de minha presença.

Eu ia virar e gritar na cara dele, tamanha era minha fúria, mas apenas andei. Eu não sabia se tinha mais raiva por ele estar tentando, ou se era por causa do meu coração tão acelerado pela nossa proximidade. Era aquela sensação inconfundível de eletricidade causada pela pessoa específica. Na porta de entrada do prédio da Madde, bati a mão para um taxi e corri assim que ele parou, mas para meu terror e mais raiva, Amadeo pulou dentro e me segurou para eu não sair na outra porta.

— Se vá, *señor*.

— Sem sexo no meu carro — o taxista falou e arrancou. Eu empurrei Amadeo e olhei para a rua calma até demais, por ser Rio de Janeiro. Eu não estava acreditando no grau de minha fraqueza. O cheiro dele me remetia a momentos bons, e, por um segundo, eu jurei que poderia virar, abraçá-lo e chorar todas as minhas mágoas.

— Para onde vão?

— Para o inferno — falei.

— Apenas siga por *las calles* — Amadeo disse logo em seguida.

— O quê? — o taxista indagou olhando Amadeo pelo retrovisor.

— Por las ruas — ele traduziu e emendou: — Traga-nos de volta mais tarde.

— Está tudo bem aí, moça? — me perguntou.

— Agora que você pergunta? Depois que o carro já está em movimento?

Ele deu de ombros, evidenciando que não se importava muito, só queria ganhar o dinheiro dele. E eu previa que ia acontecer uma guerra, nesse instante dentro do carro.

VINTE

AMADEO

Kate fazia questão de não olhar para mim. E eu sabia que ela só estava me esperando falar um “a” para explodir. Eu teria que saber conduzir a situação. Há dias que esperava para vê-la, para falar com ela, para tentar reatar tudo que a gente tinha, porque, independente de ter começado com uma enganação, foi real o que tivemos, e eu não iria simplesmente seguir em frente deixando para trás minha garota.

Hoje, quando a vi no desfile, tão bela e cheia de si, tive a certeza de que a perderia permanentemente se não voltasse a tentar. Ela chamou atenção geral, e eu me vi mordido por ciúmes, sabendo que aquela mulher tão exuberante tinha estado comigo, até eu mesmo afastá-la.

— Eu gostei de te ver no desfile — falei, encarando meus dedos no meu colo.

— E quem não gostou? — respondeu rudemente. Eu abri a boca para dizer algo, mas ela se virou para mim ameaçadoramente: — O que você acha que está fazendo? Me obrigando a te ouvir, a suportar sua presença, acha que vai resolver alguma coisa?

— *Yo no quiero* ser *el* babaca que *no* respeita a negação de *una mujer*. Se tu diz no, então é no. — Então ela me olhou, um pouco mais calma. Eu continuei: — Eu só no queria deixar de lado tudo que tivemos...

— Foi uma farsa nojenta.

— No. Não foi, Kate. Eu cheguei até você por meio de uma farsa, mas conseguimos compartilhar momentos felizes e de puro prazer. *Yo* nunca senti tanto prazer em *hacer* sexo com *una mujer*. *Usted* foi única, porque era aquela que me interessava desde o *siempre*.

Eu até pensei que ela me daria uma resposta à altura, algo que eu esperava ouvir, me dizendo que também senti a mesma coisa quando estávamos juntos, entretanto, o que recebi foi um massivo ataque. Kate avançou desferindo em mim uma sucessão de tapas e socos descoordenados, sem importar em que parte acertaria.

— Seu patife de merda! Por que entrou na minha vida? — gritava sem parar de bater. Eu tentei segurá-la, mas Kate virou-se e acertou um chute na minha perna e o salto do sapato causou uma dor irritante na minha coxa.

— Porra! — urrei e nem consegui defender o soco no rosto. Pulei em cima dela para contê-la.

— Está tudo bem aí, moça? — o taxista perguntou.

— *Yo no estoy bien* — gritei para ele. Com o peso do meu corpo, eu forcei para ela se deitar no banco. — Katherine! Que *Carajo*! Pare com isso! — Estávamos lutando deitados no banco e de supetão rolamos caindo embolados, quando o taxista freou bruscamente.

— Vamos parar de putaria no meu taxi. — Ele abriu a porta e desceu.

— Ah, porra — gemi segurando o nariz que recebeu a cabeça de Kate quando caímos do banco do carro.

— Saiam! — O Taxista abriu a porta do passageiro. Bando de arruaceiros!

Kate se levantou de cima de mim e saiu engatinhando pela porta. Mais que depressa, pulei do carro e corri atrás dela, alcançando-a na calçada.

— Vocês me devem uma corrida! — O taxista veio atrás da gente, mas eu me preocupava em segurar ela contra a parede de uma loja.

— Me larga! — Tentou dar uma joelhada nas minhas joias, mas, com um rápido reflexo, coloquei o joelho na frente.

— Pode usar mi cara de pandeiro, mas *mis huevos*...? de *ninguna manera*.

— Então, toma! — Tentou me dar uma cabeçada, mas afastei a tempo.

— Kate, me escute... Não precisa ser assim... Podemos...

— Não! Não podemos! Você me deixou fraca. Eu nunca estive nessa posição, merda! Eu nunca precisei fugir da cidade em desespero por não conseguir suportar. Eu nunca precisei ter insônia ou ficar sem abrir a livraria, tudo porque não... está sendo fácil — finalizou com a voz baixa — Você fez o trabalho bem feito. Parabéns.

— Sabe quem fez um trabalho bem feito e não recebeu pagamento? — o taxista falou atrás da gente. Nós o ignoramos, porque tudo que importava era um olhar nos olhos do outro. Estávamos compenetrados. Ela negou com um movimento desanimado e puxou uma mão para limpar as lágrimas. Eu continuei mantendo-a contra a parede.

— Quando eu lembro do que você fez... junto com Magno. Quando lembro que você, todo esse tempo, era primo dele e me fez de tola.

— Você pode me punir o quanto quiser, até que a raiva passe. Mas que seja ao meu lado. *Vuelva a mi*, Kate, e yo deixarei que se vingue.

Ela encarou meus olhos deixando evidenciada a descrença.

— Me quer tanto assim?

— Sabe tudo que sentiu *esos dias*? Triplique e saberá o que eu estou

passando sem poder estar ao seu lado. Sinto-me culpado e arrependido. Yo queria te *conocer* de outra forma.

Ela pensou um pouco, sem parar de me fitar e, então, para minha surpresa, segurou meu pescoço e beijou minha boca. Inicialmente fiquei paralisado até me dar conta da realidade e responder ao beijo dela. Segurei Kate em meus braços e a beijei avidamente, como tinha pensado todas as noites que passei sem ela. Ao fundo, ouvi sirenes de carros do corpo de bombeiros passarem na maior velocidade.

— O taxímetro está rodando, só digo isso — o taxista falou, e vi o momento que Kate levantou a mão e mostrou o dedo para ele. Ela parou de beijar e me olhou alguns segundos. Segurou meu rosto com as duas mãos e atacou novamente minha boca.

Eu estava no ultimo céu. Até que o celular começou a tocar no meu bolso. Eu torcia para parar de tocar e, como num passe de mágica, o encanto dela se quebrou. Kate me empurrou.

— Kate...!

— Me leve para casa — falou com o taxista e já foi entrando no carro. Eu peguei meu celular e atendi. Ela Magno.

— Onde você se meteu? Está tudo bem? Kate está com você? Diga que sim, caralho!

— Si, Magno estou bem, ela está comigo. — Olhei para o taxista debatendo algo com Kate. — Estou indo para casa.

— Cara, achei que tinha ficado preso no prédio. Sei lá, cagando em algum banheiro. Está um inferno aqui.

— Inferno?

— Sim. O prédio está em chamas. Angelina e Olivia ficaram presas lá dentro. Está queimando tudo.

— Puta que pariu — falei e desliguei a chamada correndo para o taxi quando ele saía. Abri a porta e pulei dentro.

— Ei! O taxi está ocupado! — Kate gritou.

— Ah, lá vamos nós de novo — o taxista resmungou. — Se matem e se fodam aí, não vou parar novamente. — Eu o ignorei e mantive meu olhar relutante para ela. Abri a boca para contar a ela o que acabara de descobrir, mas algo me interrompeu.

— Perdeu, perdeu! — Um cara parecendo um adolescente abriu a porta do taxi e, antes mesmo do taxista impedi-lo e arrancar o carro, ele pulou para dentro quase se sentando no meu colo. Estava com uma arma na mão e, por causa disso,

minha reação foi se afastar. Kate segurou meu braço com medo. — Aí velhote, dirija tranquilo, não vá me *cagoetar* ou estouro seus miolos, tá ligado? — ele falou com o taxista.

— Tu... tudo bem. Mantenha a calma. — O carro começou a andar e entrou na via expressa.

O cara era magro, alto, mas não devia ter mais de dezesseis anos. Vestia bermuda, camiseta, um tênis e boné. Ele olhou para mim e para Kate, espremida logo atrás.

— Olha o que temos aqui. Um *playboyzin* safado. Passa tudo, rápido. Celular, bolsa... — Apontou a arma na minha cara. E no mesmo instante eu enfureci. Kate pode ter notado meu visível estresse e entregou logo a bolsa dela.

— Faça como tua mina, porra, seja obediente. Celular, rápido! — Ele tirou a arma da minha cara e apontou para Kate. — Se não quiser ver os miolos dessa belezinha respingado em você.

Perdi o controle no mesmo instante. Eu não pensei no que estava fazendo. Pulei em cima do moleque e segurei na arma em sua mão. Eu era maior e muito mais forte que ele, mas me enganei ao pensar que seria fácil. Apesar do golpe de surpresa e da minha força, não consegui arrancar da mão dele o revólver, que ficou preso em nossas mãos, apontado para cima. Houve o primeiro disparo, que furou o teto do taxi. Kate gritou encolhida, e eu tive medo por ela. Agora era tarde demais, se eu soltasse minha mão do revólver seguro na mão dele, ele nos mataria.

— Acelere! — gritei para o motorista. — Chame *atencion de la* polícia. — E foi o que o taxista fez. Ele poderia ter parado o carro no momento do tiro e fugido, mas aumentou a velocidade cortando os outros carros que estavam em sua frente. O moleque era forte e não desistia, ao contrário, mesmo eu prendendo a mão dele, ele tentava me dar cotoveladas.

— Kate! *Ayuda-me* — berrei.

— O que quer que eu faça? No seu país nunca disseram para não reagir a assalto?

Enquanto isso, no banco da frente, o taxista abriu a janela colocou a cabeça para fora e gritava: — Socorro! Estou sendo assaltado! — E mantinha a velocidade.

Minha adrenalina estava a mil. O coração disparado e os nevos tensos. Apertei mais minha mão contra a do moleque e tentei dar uma cabeçada nele. Era impossível. Nos filmes parecia tão fácil.

Me dei conta de como fui tolo em colocar a vida de três pessoas em perigo.

— Vou te matar, seu gringo de merda — o assaltante gritou ao descobrir que eu era estrangeiro. Uma sucessão de tiros disparou e eu mantive a arma mais segura ainda enquanto ele apertava no gatilho. Um dos tiros passou rente a cabeça do motorista e perfurou o vidro dianteiro. Kate gritava com as mãos no ouvido.

— Kateeee! Carajoo!

Então ela agiu. Tirou o sapato e, com toda a força que pode, bateu o salto fino bem no cotovelo do moleque. Ele soltou na hora a arma, e eu podia ter usado ela para contê-lo, mas a joguei no colo de Kate.

— Livre-se dela.

— O quê? Amadeo seu desgraçado! — Kate entrou em desespero sem querer tocar no revólver. Eu tive que praticamente abraçar o bandido, pois ele estava furioso tentando recuperar o revólver.

— Kate, livre-se da arma.

— Eu vou te matar com minhas próprias mãos quando tiver oportunidade — ela berrou e, em um impulso, abriu a janela e jogou a arma fora.

Quando o moleque viu isso pulou para cima tentando alcançá-la.

— Sua vadia dos infernos! Eu vou acabar com a tua raça, sua porca! — Ele estava praticamente em cima de mim para tentar agarrar Kate. E o carro, na maior velocidade. Estava me sentindo na gravação de Velozes e Furiosos.

O bandido conseguiu alcançar Kate, segurou nos cabelos dela e a puxou com toda a força, dando, em seguida, um soco no olho dela. Ao ver isso, a fúria me tomou mais ainda.

— Não toque nela *hijo de la puta*! — Desferi um soco no rosto do pivete, mas ele parecia que tinha um demônio no corpo, se recuperou rápido e me atingiu com um soco também. Uma luta acirrada de socos começou no banco de trás. Eu derramei toda minha fúria sobre ele, usando meu punho. Foi nas costelas, no queixo, no olho, ele já estava tonto e quase vencido.

— Socorro! Políciaaaa! — o taxista gritou e pude ver da janela lá do outro lado da avenida uma viatura parada e dois policiais encostados. E não demorou para ouvir a sirene atrás da gente.

O cara endoidou, quando ouviu as sirenes. Deu um soco no meu queixo, conseguiu se soltar e pulou para o banco da frente. Começou a bater no taxista gritando para ele parar o carro. Ele bateu tanto na cabeça do cara que ele ficou desacordado, o moleque foi abrir a porta para saltar, mas eu deixei a moleza de lado, pulei para a frente, alcancei o freio de mão, o carro rodou com toda velocidade, a quina bateu em um poste e ele foi parar atravessado no meio da

via. Por sorte, não foi um acidente mais grave.

O bandido abriu a porta, saiu mancando, mas não conseguiu andar um metro. Os policiais gritaram para ele deitar no chão e, só então, ele se entregou.

— Está tudo bem? — Kate estava encolhida. Tirei o cabelo dela do rosto e analisei seu olho. — Kate?

— Sim. Estou bem. Me surpreendeu ao me abraçar apertado. — O pivete estava sendo algemado, e mais policiais chegavam de moto. Dois deles, armados, gritaram para a gente sair do carro de mãos para cima.

— Tudo bem — falei com ela. — Vou sair e você vem atrás de mim. Abri a porta, saí com as mãos para cima e Kate segurando em minha camisa veio logo atrás.

— *El conductor* necessita de *ayuda*. — falei.

— Somos passageiros, e o malandro aí tentou nos assaltar — Kate completou. — Conseguimos desarmá-lo e jogamos a arma uns metros atrás.

Tivemos que esperar os paramédicos chegarem e, enquanto esperava, liguei para Magno e contei tudo. Ele estava vindo. E depois contei para Kate sobre o que tinha acontecido no prédio do desfile.

— O quê? — Levou as duas mãos na boca e os olhos saltaram. — Ah, meu deus! O que aconteceu com elas? Olívia está bem?

— Eu não sei. Fique calma, iremos descobrir. — A abracei e por causa de todo estresse da noite, ela me segurou forte e chorou baixinho com o rosto no meu peito.

VINTE E UM

KATE

Quando saí do hospital onde Olívia estava, já passava da meia noite. Ela não precisou ficar em observação, fez alguns exames e foi liberada. Oly estava assustada e queria chegar logo em casa para ver seu bebê. Já a Angelina, que estava em estado de choque, iria passar a noite em observação.

A vaca da Beth aprontou com elas e por pouco não mandou tudo para os ares. E eu me senti mal por não estar lá para ajudá-las e ao mesmo tempo grata por não ter passado pelo perigo, apesar de que o perigo pelo qual passei, foi pior.

Eu estava esgotada. A noite tinha sido exaustiva, desde o momento que eu cismei que deveria subir na passarela. Então teve a euforia do desfile junto com toda a ansiedade e o peso da responsabilidade em abrir o evento, depois teve o confronto com o assaltante, sem falar no beijo em Amadeo que resultou em pioras do que eu sentia.

Ainda não sabia se estava arrependida por tê-lo beijado, mas de uma coisa tive certeza: isso causou mais estrago no meu coração. É como dependente de álcool que já está quase estável e tem uma recaída provando um pouco de cachaça.

E, por fim, o pânico e aflição que tive no taxi.

Amadeo me esperava quando eu deixei o quarto de Olívia no hospital. Eu segurava a bolsa de Olívia e Romeo a amparava com todo cuidado e carinho. Olhei para Amadeo, e ele deu um passo na minha direção.

— Estou com o Magno... Vamos te levar em casa. — Gargalhei assim que ele fechou a boca.

— A piada do século. Eu num carro com os dois vilões da história. Vê se me erra.

— Katherine... Eu achei que...

— Escute, Amadeo, nem eu sei mais de nada. Vamos descansar dessa noite. Quase morremos por sua causa.

— *Yo no voy fingir* que nada aconteceu.

— Ok. Eu posso fingir por nós dois. — Caminhei com Olívia e Romeo até Magno se mostrar sensato, coisa que nunca tinha sido.

— Kate, eu sinto muito por tudo. Podemos te levar. Já é tarde para pegar taxi, ainda mais depois do que vocês dois passaram. E Romeo precisa levar a Olívia para descansar. — E ele estava certo. Eu também poderia ligar para meu pai, mas não queria que ele enlouquecesse preocupado a essa hora da noite.

— Certo. — Soltei todo o ar dos pulmões, convencida a não ser osso duro uma hora dessas da noite, na sala de espera do hospital.

— Você está mesmo bem? — Olívia perguntou.

— Sim, estou ótima. O que é um soco de um bandido quando já se levou uma surra da vida, não é? — Olívia e Romeo riram, eu a abracei me despedindo e sai deixando que Magno e Amadeo me seguissem.

— Vocês se acertaram? — Magno perguntou. Estava ao volante, Amadeo sentado ao seu lado e eu no banco de trás. Amadeo deu de ombros passando para mim a bola. Revirei os olhos.

— Não — disse secamente.

— Não? Não vai perdoá-lo, Kate?

— Magno, *puede* deixar que yo resolvo *mis* coisas. — Ele interrompeu antes que eu pudesse abrir a boca.

— Olha, só para constar, vocês têm a minha benção. — Magno nem relutou antes de falar tamanha asneira.

— O quê? Benção?

— É. Você já me quis e tinha todo aquele envolvimento... Acho que inclusive teve pessoas que torceram pela gente. A palavra é *shipar*, que os afeminados e mulheres dizem, não é?

— Ah, vê se me dá um tempo, Magno. Você não tem que dar qualquer opinião na minha vida. Só porque eu fui cega uma época e achei que transar com você era uma boa coisa, não quer dizer que tenha qualquer direto... Vá se tratar! Você causou isso na minha vida e do seu primo.

— Ok. Não precisa se revoltar eu apenas...

— Você não me viu revoltada. E cala esse bico antes que eu tenha que descer e terminar o caminho a pé. Vejo cada uma... Não desejo nada menos que um coração partido para você.

Ele gargalhou, como sempre, dando pouca importância. Magno sempre fez o que quis e nunca levou a sério suas lambanças. Eu clamava com todas as minhas forças para ele conhecer uma mulher que transformasse ele em um protagonista de comédia romântica da sessão da tarde, com direito a corrida para impedir o embarque no aeroporto ou um casamento do outro lado da cidade.

Quando ele parou em frente ao prédio, Amadeo desceu antes de mim. Abriu minha porta, todo cavalheiro.

— Tenha uma boa noite, Kate.

— Obrigada. — Caminhei para o portão lateral da livraria e procurei a chave na bolsa. Ele veio para perto de mim, tirou o celular e acionou a lanterna para me ajudar. Achei a chave e antes de abrir, voltei e o encarei.

— Obrigada. Apesar de ter sido desastrado você nos salvou naquele taxi e me defendeu. — Ele se surpreendeu com minha sinceridade, seu olhar se iluminou.

— *No* *consegui impedirlo* de fazer isso. — tocou gentilmente no meu olho machucado.

— Mas acertou ele em cheio. — Revirei os olhos pelo que eu ia falar. — Gostei dos seus movimentos rápidos e da agilidade.

— Apanhei *algumas vezes* do Lorenzo lá no Búfalo. Aprendi a me defender, na marra.

— Ok. Bom, é isso. Até mais.

— Até mais quando?

— Não sei. Até mais, apenas. Agora preciso entrar. Vá acompanhar aquele ignorante. — Apontei com o queixo para Magno dentro do carro. Ele me deu tchauzinho sorrindo, e eu lhe respondi mostrando o dedo do meio.

Entrei, fechei o portão e quando ouvi o carro partir, subi para meu apartamento.

No dia seguinte, liguei para Olívia, para saber como ela estava. Fiquei feliz em saber que ela e Angelina estavam bem, e ainda me comunicou que eu daria entrevista hoje para duas revistas. A crítica me adorou. Depois de tudo, foi legal ouvir isso.

Eu tinha dormido como uma pedra, acordei às dez da manhã, não tanto descansada. Parecia que carregava uma caçamba de pedras nas costas.

Fiz café, me vesti e fui abrir a livraria.

Depois de ter sido a modelo principal num desfile de moda e lutar com um assaltante, estava de volta à minha pacata vida dos livros.

No rádio ao meu lado tocava um jazz baixinho, enquanto eu lia um romance no balcão. De vez em quando entrava alguém na loja. A livraria era em um ponto estratégico, perto de uma escola, então ela sempre foi um ponto tradicional que os estudantes frequentavam. Até pensei em montar um café junto com a livraria, para atrair mais ainda os alunos. Estava esperando o caixa sair do vermelho. Livrarias não são os melhores negócios no Brasil, onde a maioria da população não tem costume de ler.

Mais tarde, chegou um entregador carregando uma pequena orquídea roxa.

— Katherine?

— Sou eu.

— Pra você. Assine aqui. — Assinei onde ele pediu e olhei para a bela planta. Em outra ocasião, eu amaria o presente, mas sabendo que era Amadeo

tentando ser romântico, apenas a ignorei e voltei para o livro.

Sim, eu não era totalmente insensível. Li o bilhete que dizia:

"Que sua manhã seja bela como esta flor."

Nossa, que original. Ele nem tinha se esforçado.

*"Com carinho,
Amadeo."*

Ao meio dia e meia, me preparei para ir almoçar, mas outro entregador chegou.

— Katherine Lopes?

— Sim, sou eu.

— Pra você. — Me entregou um pacote.

— Eu não pedi...

— A pessoa que fez o pedido pediu para entregar um recado junto. Está aí. Já está pago.

— Ok. Abri a embalagem. E no bilhete dizia:

"Tenha um bom apetite. Lembrei como você gosta de pancakes salgadas. Também tem brigadeiro de sobremesa."

Besos, Amadeo.

— Peguei o celular e liguei para ele. — Atendeu de imediato.

— Oi, Kate.

— Por que está mandando comida para mim?

— Porque sim. Todo mundo *le gusta ganar* comida. — O sotaque dele ainda era meu ponto fraco.

— O que está tentando fazer?

— Nada. Só quero agradecer a *mujer* que eu gosto muito. *Estoy* aqui esperando pacientemente para *usted* tomar *una decision*, e me perdoar.

— Espere deitado. — Desliguei, olhei para as embalagens, coloquei tudo na sacola e revirei os olhos revoltada por ele saber meu ponto fraco. O cheiro estava muito bom, e eu não ia desperdiçar.

Após o almoço, passei na casa dos meus pais e só então contei a eles o que tinha acontecido e acabei falando que Amadeo tinha me ajudado. Para meu pai, ele foi um herói por enfrentar o pivete. Ele é daquelas pessoas que quer exterminar todos os bandidos por conta própria, ele quer que eu tenha uma arma

na livraria para me defender, mas isso jamais vai acontecer.

Depois de conseguir acalmá-los, voltei para a livraria e lá passei o resto da tarde. Até que às cinco, o sino da porta balançou e eu levantei os olhos do livro que eu lia. Soprei irritada ao ver Amadeo entrar com olhar descompromissado.

Eu já comentei como esse patife fica terrivelmente gato em uma calça social? Sua bunda fica mais visível e redonda, além da pose elegante. Ele olhou em volta com as mãos nos bolsos, mordeu o lábio e eu fingi que não estava olhando.

Andou pelos mostruários, folheou alguns livros e eu acabei perdendo a paciência.

— Já estamos fechando — gritei rudemente.

Ele saiu de um corredor com um livro nas mãos.

— Dizem que esse livro é gozado. — Ele fez um trocadilho. O livro era "História do Brasil para quem tem pressa". O livro que ele gozou em cima na vez que transamos aqui. Revirei os olhos e fechei a cara.

— Vai levar?

— Vou. Me remete a momentos especiais. — Sorriu maliciosamente, não me atingindo com seu humor de quinta série. Enquanto eu passava o livro na registradora, não deixando de manter a cara de raiva, ele tirou a carteira e pegou um cartão.

— Amadeo Lafaiette Fernandez.

— O quê? — Levantei o rosto para ele sem entender. Olhei para sua mão estendida para mim e, em seguida, para sua expressão amigável.

— Meu nome é Amadeo. Qual o seu nome?

— Qual é a loucura dessa vez?

— *Estoy* apresentando-me formalmente à *mujer* que mexeu com *mi corazon*. Poderia me dizer o seu nome, bela *chica*?

— Sou Kate. — Enfie o livro em uma sacola. — Odeio o nome Lafaiette, vai levar mais alguma coisa?

— Por que odeia?

— Porque me remete a manipulação e falsidade. O livro é trinta e cinco, crédito ou débito?

— Kate. — Ele segurou minha mão. E quando eu o olhei, suas feições calmas tinham ido embora e agora era pura tristeza e esgotamento que eu via a minha frente. — Me perdoe...Comece de novo comigo.

Eu estava mesmo caidinha por ele, pois meu coração se partiu ao ver sua cara de tristeza. E isso mostrava que não era apenas eu passando por dias fodidos, ele também estava. Mas não seria assim tão fácil.

— Precisamos de um tempo. — murmurei. — Apenas vamos nos dar

espaço.

— Certo. — Pegou o cartão de volta, tirou duas notas de vinte e jogou no balcão. — Tenha uma boa noite. Nos falamos depois.

Pegou o livro e saiu.

Eu desabei na cadeira, lutando para manter meu orgulho intacto e não deixar o coração dar palpites. Porque nessa altura do campeonato, eu não ia mentir que queria sim estar com o maldito.

Fechei a livraria e fui para casa. Era impressão minha ou a vida tinha se tornado tão chata? Olhei para minha sala arrumadinha e me senti em um mundo paralelo, onde meu ânimo havia morrido.

Tomei banho e me acomodei no sofá com um pote de sorvete e um livro. Nada melhor em uma noite quente e parada. Mas um barulho tirou minha atenção. Olhei para os lados, pensando que estaria louca, e ouvi novamente. Parecia móveis sendo arrastados. Tremi de pavor e engoli em seco. Eu morria de medo de espíritos.

O barulho continuou até eu distinguir que estava vindo do apartamento ao lado. Eu não iria trabalhar com suposições. Peguei o celular e liguei para meu pai.

— Oi, filha... Tudo bem?

— Pai, alugou o apartamento aqui do lado?

— Nossa, esqueci de te avisar. Aluguei sim, querida. O pessoal ia mudar hoje, estão te incomodando?

— Ah... Não. Claro que não. Eu só ouvi uns barulhos...

— Sim, pode ficar despreocupada. São novos inquilinos. Não está mais sozinha nesse prédio. — Ele parecia genuinamente feliz.

— Ok. Fico mais aliviada. Tenha uma boa noite.

— Pra você também.

Desliguei e voltei para o livro, sorrindo pela minha tolice, mas, no fundo, com o meu coração apertado por ter outra pessoa no apartamento do meu amado Roberto. Sim, o meu amado Roberto que ainda era o mesmo bobão só que com outro nome.

Sorri relembrando os momentos, e a campainha interrompeu meus pensamentos. Eram os novos vizinhos, com certeza. Afinal, não havia a possibilidade de ser outra pessoa. Me olhei rapidamente no espelho, caminhei para a porta e a abri. Quase dei um grito quando, na minha frente, estava Amadeo vestindo apenas um fino short de academia. Sorria como um paspalho.

— O que está fazendo aqui? — berrei — Como entrou?

— Eu moro aqui. Quer dizer, só por um tempo...

— Como assim, mora aqui? Meu pai falou que alugou o apartamento parra

novos inquilinos.

— Eu. — Levantou o dedo indicador — *Yo fui a hablar* com *su* padre, abri *mi corazon* para ele, dizendo como *quiero* estar com você. Ele confia em mim e achou uma *buena cosa* eu estar por perto para te proteger.

Passei os olhos pelo seu corpo forte, levemente suado; o short deixava ver suas coxas grossas e o volume que estava livre, sem cueca, destro dele. Abri a boca para gritar insultos, mas ele estendeu uma xícara para mim.

— Não *quiero* incomodar, mas será que poderia arrumar uma xícara de açúcar para *su* novo vizinho?

Esfreguei as mãos no rosto. Tudo fazia sentido, e agora eu estava com raiva por meu pai ter me enganado. Eu ia bater a porta na cara dele, mas não teria mais sossego o resto da noite, sabendo que o foco de meus sonhos e pesadelos estava de volta no apartamento ao lado.

— Você não vai desistir, não é?

— Evidentemente, não. *Mi* lugar *es* onde *ustes* está. *Yo* *erré* *mucho*, *estoy* arrependido por que causei *daño* a pessoa que mais *me gusta*. *Tiengo* consciência de que precisarei passar todos os dias de *nuestra* vida compensando *el* mal que te causei, Katherine, *mi hermosa rubia*.

Segurei a lágrima que teimou em descer. Não era o momento de parecer uma fracote apaixonada.

— Se eu te mandar sair da minha porta, vai embora?

— Soy como Vampiro, só entro se for convidado. Lei e ordem é meu lema.

Esse era o Roberto de sempre. Meu Roberto, o vizinho perfeito.

— Entra logo nessa merda e fecha a porta. — Caminhei para dentro e ouvi a porta bater — Ah, deus! Eu pedi tanto um Romeo Lafayette na minha vida, tinha que mandar um rascunho para mim?

— Às vezes o rascunho sai bem melhor que o original. — Amadeo deixou a xícara no aparador e abriu os braços para mim — Venha aqui, Katherine.

— Ah, porra — rugi e caminhei até ele enlaçando seu pescoço e beijando-o quase em desespero. Ele me abraçou tão apertado que achei que nossos corpos pudessem se fundir. Amadeo gemeu e aprofundou o beijo carregado de saudade. Depois eu decidiria sobre orgulho e escolhas, mas agora minha noite ia ficar mais quente e nem um pouco monótona.

VINTE E DOIS

KATE

Acordei sem a sensação de arrependimento. O corpo nu enrolado nos lençóis na minha cama era bem familiar e não me trouxe a apreensão que eu esperava, quando estávamos nos despindo loucamente na noite anterior.

Eu até sorri. Não por ter um homem gostoso na minha cama, claro, isso também, mas o principal era porque eu não sentia mais a enxurrada de emoções negativas me corroendo.

Homem não é tudo na vida, e eu sempre pensei e quis colocar em prática que eu mesma me completaria, que eu seria feliz comigo mesma e fim. Todavia, isso é pensamento de quem ainda não foi picada pelo bichinho da paixão.

Não titubeei em arrancá-lo da minha cama e mandá-lo embora. De pé, enrolado no lençol, ainda com cara de sono, Amadeo me encarou tentando esconder o espanto.

— Precisa ir embora — tornei a dizer. Já tinha tomado banho e estava me arrumando. Eu iria ser entrevistada e estava radiante. Eu podia dar os créditos à noite inteira de diversão que tive.

— Eu achei que a gente pudesse tomar um café...

— Não podemos. Tenho um compromisso e sei que você também tem. Então, fora.

— Vai continuar dando murro em ponta de faca?

Sorri para ele, fui até a sala e esperei ele vir. Abri a porta e acenei.

— Infelizmente, não dá mais para te manter afastado. Mas agora temos que seguir nossas obrigações. — E então, aliviado, ele riu, abriu o lençol revelando seu corpão nu de semideus e me abraçou, me fechando no lençol com nosso cheiro.

— Queria poder ficar uma semana só te *comiendo en la* cama.

Dei um beijinho nos lábios dele e o empurrei.

— Quando eu tiver uma xota de borracha deixo você fazer isso.

— Oh, no! Prefiro *la* xota *caliente* e com gosto da Kate. Acabei rindo e ele pegou isso como sinal para avançar. Tentou me abraçar de novo, mas consegui empurrá-lo para fora do meu apartamento.

— Vai embora, encosto. — Amadeo girou o lençol no ar, ficando pelado no corredor, deu um pulo e foi para o apartamento ao lado. Eu posso estar sendo

dura com ele, ou comigo mesma, entretanto não abaixarei a guarda por completo. Cozinharei Amadeo em banho-maria.

A Mademoiselle não estava totalmente destruída. Entretanto, por ter sido palco de um crime, estava tudo fechado e, por isso, a entrevista não seria lá. Olívia havia me avisado que seria na sede da revista, e ontem a noite a revista confirmou por e-mail.

No caminho, liguei para Olívia, ainda preocupada com o que tinha acontecido duas noites atrás. Ela estava bem, ainda em choque e com medo, afinal Beth continuava desaparecida. Eu a tranquilizei e disse que após a entrevista passaria para vê-la.

Fui bem recebida na revista, me fizeram sentir confortável por estar em um lugar em que eu não estava familiarizada. Me levaram para retocar a maquiagem e ajeitar os cabelos e após algumas fotos em cenários improvisados, me sentei diante da jornalista.

— Katherine, a Olívia havia comentado que você não é uma profissional da área. Nos conte como surgiu tudo isso?

— Sim. Eu nunca tinha subido em uma passarela e não acreditava que eu pudesse fazer isto. Olívia e Angelina e, não posso esquecer o Noah Lambertini, que me incentivaram muito. Eu me surpreendi com o que eu consegui fazer. Foi um convite desprezioso por parte da Olívia e acabou dando certo.

A jornalista me deixou à vontade em cada pergunta e fez brotar em mim meu lado humorado. Em instantes, eu estava gargalhando com ela das bobagens que dizia.

A carga negativa que borbulhava dentro de mim tinha ido embora, e eu me sentia a Kate de antes, com sonhos e propósitos a cumprir.

— Mas nos conte sobre o seu sonho — ela perguntou. — Tem a ver com as passarelas? Dar continuidade com o que está conquistando?

— Vai se chocar se eu disser que não?

— Eu já presumia isso.

— Pois é. Meu sonho é ter uma carreira sólida na área da literatura. Sei que é muito concorrido e difícil, mas estou tentando, inclusive já tenho um livro que estou tentando lançar.

— Um livro? Sério? E sobre o que é?

Encolhi assumindo uma pose defensiva.

— Vai se chocar se eu disser que é erótico?

— Eu vou amar se você disser que é erótico. — Ela gargalhou. — Mas, e aí? O que a está impedindo? É o momento certo de investir nisso, você conseguiu um bom número de seguidores, está na mídia, além de ser o rosto da Mademoiselle dessa temporada. — Ouvir isso me animou. Poderia mesmo dar certo.

— Quem sabe surja algo para mim, não é?

— Estamos torcendo que sim. Eu quero o meu exemplar autografado. E agora, para finalizar, conte aos marmanjos desse país. O coraçãozinho da gata da passarela tem dono?

— Não — respondi na lata, sem pensar.

— Olha só, então a lista de pretendentes será grande.

— Não vai rolar. Já está ocupado.

— Então há um pretendente a dono do coração?

— Não tem dono e nunca vai ter, mas tem um inquilino bem teimoso que se recusa a abandoná-lo. E quer saber? Ele é tão... carinhoso e corajoso... e... único, sim ele é único, que nem estou cobrando aluguel.

— Ah garota! É isso aí! Boas palavras. — Ela se levantou e veio me abraçar. — Adorei a entrevista e daqui a uma semana estará nas bancas. Desejamos todo sucesso para você, Kate.

— Obrigada.

Saindo de lá, fui direto para a casa de Olívia. Eu não cansava de contar para todos como estava me sentindo bem.

Mais tarde, Lorenzo chegou para ver como Olívia estava e nos contou que Angelina estava bem e já tinha saído do hospital. Ele não ficou muito tempo, pois queria voltar e ficar com ela. Todavia, não almoçamos sozinhos. Magno e Amadeo chegaram quando Vilma colocava a mesa.

Amadeo se surpreendeu em me ver e ficou sem saber o que fazer. Magno me cumprimentou normalmente e falou:

— Devemos sair correndo daqui ou está tudo legal com a chihuahua que queria matar meu primo?

— Você é ridículo — resmunguei e fechei a cara para os dois.

— Ei! Ele que falou merda, *yo estoy* silencioso.

— É bom mesmo. — Ele caminhou até onde eu estava, se curvou e me deu um beijinho, e eu deixei porque eu senti necessidade em mostrar a Magno que eu fazia minhas próprias escolhas.

— Eu sabia que tinha novidade, seu filho da mãe — bateu no ombro de

Amadeo e cochichou para ele: — Quando te vi entrando rindo na empresa com o ultrajante e indecoroso pau muito duro marcando a calça, percebi que tinha se dado bem, mas não tinha sido o suficiente. Amadeo riu e sentou ao meu lado.

— Anda olhando para a genitália de homens, Magno?

— Ah, pelo amor de deus, Kate! — Ele me dirigiu uma expressão carregada de insatisfação — Nem Olívia fala mais essa palavra arcaica. Todo mundo estava comentando sobre o pau duro de Amadeo virado para o lado. Amadeo é amador, eu sempre falei isso.

— Deixe, *rubia*. — Amadeo acariciou minha mão — Magno *no* aceita que alguém tenha mais diversão noturna que ele.

— Fico feliz que tenham se entendido. — Magno sentou à direita da cabeceira da mesa, no lugar de Romeo. — O carinha é legal e estava enchendo meu saco com aquele ar de pinto abandonado.

Romeo e Olívia entraram na sala de jantar. Sentaram-se à mesa e eu me levantei para ajudar Vilma a servir.

O almoço foi descontraído e eu perdi a casca de relutância que sentia em estar com os Lafaiettes novamente. Voltei a me sentir como parte da família novamente e agora tinha uma boa sensação de liberdade, uma sensação de ter uma razão sólida para estar entre eles.

Por cima da mesa, toquei a mão de Amadeo e os olhos dele saltaram quando viu meu gesto. Eu nem precisei dizer uma palavra para ele saber que estávamos bem.

Quando terminamos, fomos embora juntos. Eu deixei ele me convencer a ir para o novo apartamento dele, comprado de Romeo. Eu queria que ele continuasse me dando valor e lutando para conseguir estar comigo.

Assim que chegamos, ele me mostrou cada cômodo da nova casa e, para minha surpresa, quando abriu o quarto, ele estava repleto de flores e balões.

— Para você — ele falou.

— Como assim...

— *Yo* ia te buscar *después del almuerzo* e fazer de tudo para trazê-la. Por sorte, a encontrei na casa do Romeo. — Ele segurou minhas mãos e ficamos bem pertinho um do outro. — Kate, *quiero* que se sinta especial em estar comigo aqui, quando quiser vir. Eu gostaria que fosse *siempre*, mas deixarei que tome a decisão.

— Você está mesmo se empenhando. — Acariciei o rosto dele.

— *Yo* disse que faria...

Dei um sorriso bem largo. Com o dedo contornei seus lábios e Amadeo demonstrou toda sua emoção singela por meu toque. Não restava mais dúvidas para mim, era ele que eu queria.

— Ok. Eu te perdoo. — Primeiro ele ficou pálido, depois sua boca se abriu ao mesmo tempo que os olhos saltaram. Peguei-o desprevenido.

— Sério, Kate?

— Sim. Estou morta de vontade de transar com você e seria muita hipocrisia usar seu pau, mas não te perdoar.

— Sabia! Porra! — ele comemorou, me tomou em seus braços e eu escalei no corpo dele, rindo de sua comemoração. Envolvi minhas pernas em sua cintura, e Amadeo correu para a cama. O quarto era muito grande e a cama ficava em um patamar mais alto. Ele tropeçou e começou a catar cavaco indo para a frente tropeçando.

— Amadeooooo! — berrei ciente de que bateria a cabeça na madeira. Mas ele foi rápido, me jogou com toda a força na cama e bateu a cabeça contra a cabeceira.

Amadeo, muito feliz, era sinônimo de desastre. Ainda bem que eu estava ao seu lado, para ajudá-lo a controlar isso; ou socorrê-lo, caso se machucasse mais seriamente.

Depois de ele colocar uma bolsa de gelo na testa, corremos de volta para o quarto, nos despimos na maior loucura, nos chupando e se lambendo, no processo. Empurrei ele contra os travesseiros e lambi meus lábios.

— Você está dodói, deixa que eu cuido disso. — Puxei sua cueca e sorri satisfeita, morrendo de saudade de cada pedacinho do corpo dele.

VINTE E TRÊS

AMADEO

Um mês depois

Eu tinha conseguido. Estava namorando a Kate. Estando aqui no presente e olhando lá para o passado, eu não imaginava que poderia encontrar a perfeita sintonia entre a gente. Eu a vi, por acaso em uma festa, brigamos e foi como tudo começou. Às vezes me pergunto se foi uma paixão à primeira vista, porque desde aquele dia, eu não conseguia mais tirá-la da minha cabeça.

Eu a queria com tanta intensidade que até fui capaz de ser mesquinho e babaca, enganando-a só para provar a mim mesmo que eu podia ter aquela mulher.

Mas, quer saber? Não me arrependo completamente. A farsa me deu os melhores dias com ela. Vivemos momentos únicos e nos conhecemos cada vez mais. Hoje, eu tenho ela ao meu lado, não apenas como amiga e parceira, mas como minha grande paixão.

— O que foi? — Kate limpou os lábios achando que eu reparava alguma mancha em sua boca. Nas mãos, um prato grande com uma fatia de bolo de casamento, sabor trufado com creme de café. Se eu beijasse os lábios dela, sentiria os sabores do doce ali. Me contive.

— No es nada.

— Você está bonitinho. — Ela consertou minha gravata — Mas parece inquieto.

— Yo só quero ir embora, ficarmos sozinhos...

— Se contenha. Somos os padrinhos. — Ela olhou para o outro lado onde Lorenzo pegava Angelina nos braços para uma foto de recém-casados. — Seu primo parece genuinamente feliz...

— Ele está. Mal dormiu essa *noche queriendo* que hoje chegasse depressa.

— Nem parece o psicopata que tomou tudo dela... — Kate deixou o casal de lado e olhou para mim. — Ele devolveu tudo para ela ou ainda é chefe da própria esposa?

— Ele devolveu. Lorenzo no *pasó* de um bobo enamorado. Acredita que ele colocou câmeras *en la* empresa para vigiá-la e ficava *en la* sala da casa dele assistindo?

— Fiquei sabendo por alto.

— Pois é. *Un* dia, *incluyendo*, vi trocando de roupa... *los* peitos...

Ela quase cuspiu todo o bolo quando ouviu minha fala. No mesmo instante, me arrependi de falar pelos cotovelos. Sorri sem graça e bebi um gole de champanhe para disfarçar.

— Você o quê?

— *Fue sin* querer! Eu cheguei e vi...

— Viu os peitos da Angelina? — Kate berrou dando tapas no meu braço. — Lorenzo sabe disso?

— Ok, Kate! Grite mais alto. Los pais dela no ouviram *derecho*. — Ela se recompôs e eu emendei — Lorenzo viu que *yo* estava *en la* sala, e quase me matou, satisfeita?

— Mereceu.

— Ei, vocês! Nada de briga por aqui. — Olívia se aproximou. Ela tomou o prato da mão de Kate, colocou-o sobre a mesa e a segurou pela mão. — Hora dos padrinhos tirar fotos. Kate me direcionou um olhar de alerta e seguiu com Olívia. Eu caminhei ao lado delas rumo ao altar.

— Está preparada para o seu, Oly? — Kate indagou.

— O meu casamento? Mal posso esperar.

— O ruim é que agora terá uma terceira pessoa na lua de mel — falei e as duas o me encararam intrigadas. — O bebê. — Apontei para Romeo com Gael no colo.

— Ah, claro. — Olívia riu aliviada. Chegamos perto dos demais e antes que Olívia pudesse tocar no próprio filho, Magno o tirou das mãos de Romeo.

— Venha fazer companhia com o titio na foto. Todos tem uma companheira, menos a gente.

— Isso é novo! — Angelina cutucou Olívia. — Magno sentindo a falta de uma companheira.

— Não, querida cunhada, nós estamos sozinhos na foto porque não precisamos de companheiras. Somos almas livres, não é titio?

— Para de agourentar meu filho, Magno — Romeo resmungou, se ajeitando ao lado de Olívia para a foto.

Eu abracei a cintura de Kate, juntos no meio de todos eles.

Era minha família ali e eu não me lembro de ter me sentindo tão feliz e completo. Eu tinha comigo a mulher pela qual me apaixonei, e os meus primos que eram mais que meus amigos, eram como os irmãos que eu não tive.

Meses depois, Kate realizava seu sonho. Seu livro tinha sido aceito e estava sendo publicado na Bienal do livro do Rio de Janeiro. O céu era o limite para ela e essa era sua nova profissão, além de comandar a livraria que estava em reforma. Um belo café seria acoplado para receber alunos e amantes da leitura.

O livro de Kate tinha sido bem aceito no meio literário e alcançado bons números de vendas. Pensar que o livro foi baseado em mim, até crescia meu ego, mas vê-la tão feliz, deslumbrante, apaixonada, no meio de uma feira gigantesca autografando exemplares para uma fila de leitores, deixou meu coração radiante. Eu faria de tudo para manter esse sorriso em seu rosto.

Peguei um exemplar. Na capa, eu posava recostado em uma porta tendo apenas uma toalha em volta da cintura. Lembrei de como foi irritante fazer milhares de poses diante do fotógrafo, de Kate e da editora. Elas me queriam como o garoto propaganda do livro e, por pouco, eu não tinha desistido.

O título era: “Manual de um devasso solteiro”. Ela e eu até autografamos um e mandamos para Magno pelo correio. Depois ele agiu infantilmente me encontrando na empresa e dizendo que enquanto eu era personagem de livro, ele preferia ser o rei na realidade.

Kate me viu e acenou para eu me aproximar. Ela ficou de pé diante da mesa repleta de livros.

— Pessoal, quero apresentar a vocês... Na verdade, vocês já o conhecem, afinal está na capa do livro. O devasso não mais solteiro. Amadeo Lafaiette, meu namorado. As pessoas, na maioria mulheres, me aplaudiram como se eu fosse um ator famoso. Eu estava exultante. Agradei a elas e fiquei ao lado de Kate.

— Oras, no apenas namorado — falei. Kate, ainda sorrindo, me olhou de testa franzida. No meio de todos os leitores dela, eu tirei uma caixinha do bolso e, como um bom personagem de livro, abaixei ficando em um joelho e revelei o grande anel. As pessoas em volta exclamaram:

“Ohhhh! Que lindo!”

— Katherine, *yo* nem preciso lhe dizer, pois farei em ações que *usted* saiba do que sinto por ti. Todavia, essas *palabras* nunca perderão o valor: — fiz uma pausa e declarei — eu te amo. E sonho em estar ao seu lado para longos dias futuramente. Casa-se comigo, deixe-me ser o seu marido.

“Aceite!” — o pessoal gritava ovacionado, com celulares em punho filmando o momento e ela ainda estava estatelada me olhando com as mãos na

boca.

— E então?

— É claro que eu aceito! — Fiquei de pé, coloquei o anel em seu dedo e ela saltou nos meus braços. Com lágrimas nos olhos, ela me encarou. — Caralho, também te amo. — E me beijou sem me dar tempo de saborear as duas palavrinhas que todo mundo gostaria de ouvir.

EPÍLOGO

KATE

Um ano depois

— Puta que pariu! Eu estou grávida! — Saí correndo do banheiro com o teste de farmácia na mão. Eu já vinha com suspeitas e agora pela manhã decidi tirar a dúvida. Eu nem me acalmei para depois planejar uma forma fofinha de contar para Amadeo que ele será pai. De olhos arregalados ele me observava da cama. — Grávida! Tem um ser humano dentro de mim.

— *Carajo!* Como isso aconteceu? — Amadeo saltou da cama com a mão no peito e pela cara achei que estava passando mal.

— Como né, Amadeo? Como aconteceu? Uma sugestão seria a quantidade exorbitante de sexo que a gente anda fazendo.

— Mas *usted* não está tomando *aquellos* remédios?

Caminhei um pouco desolada e sentei na cama, fitando o pequeno objeto descartável que acabou de selar meu destino. Eu não sabia como tinha acontecido. Amadeo e eu decidimos tirar o preservativo da relação assim que ele me pediu em casamento na Bienal e desde então faço uso de anticoncepcional.

— Algo deve ter acontecido para as pílulas não funcionarem. — Cogitei e olhei para Amadeo, ainda pasmo, a mão na boca. — Eu vou ter um bebê. Eu sou tão nova, não estava ainda nos meus planos.

Ele precisou de longos minutos para reagir.

— Corrigindo — sentou-se ao meu lado na cama. — Vamos ter um bebê. *Yo también estoy* assustado. Como diz el brasileiros, com el *culo* trancado de *miedo*. Mas vamos estar prontinhos para receber nossa cria.

Abracei-o e fechei os olhos sentindo meu coração disparar acelerado. Eu não queria acreditar, não queria pensar nessa realidade. Era cedo demais eu não estava ainda preparada. Com uma gravidez vem grandes responsabilidades.

— Vamos transar para comemorar? — Amadeo soprou no meu ouvido. Me afastei e cobri ele de tapas.

— Comemorar o que, peste? Eu estou aqui morta de preocupação...

— É *una cosa* linda, Kate. É nosso filhotinho. Temos que comemorar a descoberta.

— Você está preparado para ser pai, amadeo? Só me responde isso.

— É como dizem, passarinho que come pedra sabe o fiofó que tem. Se o cara já está fodendo é porque é maduro o suficiente para arcar com as

consequências.

— E nosso filho agora é uma consequência?

— Uma bela consequência. — Ele sorriu amistoso — Vamos comemorar sim, venha aqui *rubia*, gemer no colo do papai.

— Ah, eu mereço. — Corri de volta para o banheiro sabendo que ele me perseguia.

Meses se passaram e hoje vejo a gestação como uma benção. Estamos contando os dias, marcando em um calendário, para o dia do nascimento. É um menino, se chamará Ângelo, e eu estou completamente apaixonada pelo filhotinho, como jamais amei uma pessoa. Era algo tão visceral e forte que não havia palavras para eu explicar.

A foto do ultrassom está colada em nossa geladeira e agora, tudo no apartamento de Amadeo está sendo modificado para receber o novo ocupante que chegará daqui a três meses. Eu achei mais prudente me mudar para cá, por causa do conforto, além de ter Amadeo ao meu lado, sempre me ajudando.

A notícia da gravidez foi uma surpresa para Olivia e Angelina; essa por sua vez tinha dado luz a um menino e ele já chegava à casa dos seis meses. E Olivia acabara de ganhar o segundo filho; era uma menina. Oly está bem, mês passado fomos ao aniversário de Gael e acabou sendo um encontro delicioso, com direito a nova garota do Magno.

Ah, sim! o babaca foi colocado de joelhos por uma famosa violoncelista. A Lavínia é sensacional, não poderia ser melhor pretendente para o Lafaiette patife. E agora, segundo o que Amadeo me contou, o primo está em situação de decadência após o caso com a Lavínia ter chegado ao fim e ele pateticamente ter tentado impedi-la de se casar. Bem filme da sessão da tarde, ele chegando ao casamento, bêbado, com uma moto roubada da polícia e o resultado é que saiu algemado.*

(Leia Amante Secreto*)

— Pronta? — Amadeo chegou por trás no espelho e me fitou. Eu podia ver um pingo de preocupação em seu olhar.

— Ei, está tudo bem. É um plano dos seus primos e da Lavínia, vai dar certo. Estávamos indo para o lugar onde Magno seria surpreendido. Ele achava que Lavínia tinha prosseguido com o casamento e hoje veria que está errado.

— Ainda não confio em Magno. — Abaixou os olhos.

— Eu estou grávida de um filho seu e Magno completamente sofrido apaixonado pela Lavínia. Nunca existiu Magno e Kate e agora, estamos caminhando para fechar completamente esse ciclo. — Ergui o rosto dele. — E você estará ao meu lado para comemorar a derrota do ego dele.

— Iremos. — Ele sorriu, um pouco mais aliviado. — Já estou levando uma câmera para guardar o momento.

— Aqui é assim meu amor — passei a mão pelo meu corpo quem pegou, pegou, quem não pegou, não pega mais.

— Quem ouve isso *piensa* que era *la mayor* pegadora. Se não fosse yo para chegar tirando as casas de aranha e resgatando del vale das encalhadas...

— Vai tomar no seu cu. Vamos logo antes que fique solteiro. — Peguei a bolsa e saí correndo ouvindo atrás de mim a risada infantil.

Tudo correu como planejado. Magno foi atraído para a boate que Romeo alugou só para a ocasião. Eu estava sozinha esperando-o na porta porque antes de ele ver a surpresa, eu quis de uma vez por todas deixar claro tudo sobre nós. Lá dentro, Lavínia esperava no palco e lhe fez um show com uma música que representava algo para eles.

Apesar de tudo, foi uma sensação deliciosa de vingança vez Magno emocionado e muito feliz ao descobrir que sua amada, não havia se casado. No fim ele se rendeu e gritou a plenos pulmões que amava ela.

Uma vez, quando eu vi Olivia feliz em sua nova vida com um homem maravilhoso, eu quis, no fundo da alma, fazer parte daquela bela família. Ricos, mas que sabiam dar valor às coisas pequenas. Não eram fúteis e muito menos desprezavam as pessoas. Mesmo com toda a loucura e erros, Lorenzo e Magno eram sempre educados, divertidos e amigáveis.

E hoje, eles são minha nova família. Eu entrei no meio dos Lafaiette de uma forma inesperada e não me vejo sem meu espanhol bobão que me faz feliz todos os dias de uma maneira única. Uma maneira que eu não sei se seria tão legal com outro cara. Amadeo é o homem perfeito para mim.

AMADEO

Ibiza não é só festa em todos os dias do ano. Escolhemos uma data legal para curtir uma das praias mais famosas do mundo. Não queríamos pegar temporada de festas e excursões. Era um momento apenas para nós três.

Ângelo já estava com sete meses, um momento perfeito para vir a Espanha. Kate já vindo ido uma vez e agora era a hora do meu filho conhecer o meu país natal e a casa onde eu cresci e onde meus pais ainda moravam. Ficamos sete dias com meus pais e agora estamos fazendo uma pequena excursão a três antes de voltar ao Brasil.

Escolhemos um lugar para sentar na areia e enquanto Kate tomava sol, eu brincava com o pequeno bebê loiro na areia, que estava aceitando o que eu estava fazendo, com felicidade contagiante.

Meu filho. O amor da minha vida. As vezes mal acreditava que era verdade. Parece que um dia desses éramos moleques vindo visitar Ibiza com nossos pais. E hoje, todos os quatro Lafaiettes são pais. Até Magno, ninguém suporta de tanta bestagem depois que se tornou pai de duas meninas gêmeas.

Ângelo perdeu a paciência com minha ideia e começou a dar indícios que ia chorar.

— Calma filhão, o papai já está terminando.

— O que ele quer, Amadeo?

— Ele enjoou da minha brincadeira. — Falei sem olhar para Kate. Peguei meu celular e tirei uma foto do bebê. Essa iria para o grupo “*Somos pais com louvor.*” Fundado por Magno e tinha só homens que eram pais e todos os dias postavam fotos incríveis e loucas dos filhos.

E o próprio Magno deu início às postagens colocando um vídeo em que ele desceu a escada em um colchão junto com as duas filhas. Quando o colchão avançava sem controle, ouviu-se o grito de Lavínia que chegou bem no momento e pegou no flagra. E as duas meninas morrendo de rir.

Kate estava deitada de barriga para baixo e virou o pescoço olhando em volta.

— Cadê o menino, Amadeo? — Se sentou desorientada.

— Aqui. — Apontei para Ângelo com metade do corpo enterrado na areia.

— Amadeo! Você é louco? — Ela berrou e com o grito ele assustou. Desesperada, Kate tirou a areia de cima dele e eu peguei no colo.

— Calma, a mamãe está doida. — Falei.

— Você enterrou o menino? Que porra de pai é você?

— Nem enterrei. Só coloquei areia sobre ele. Meu pai fez isso comigo, quando eu tinha um ano.

— Eu não estou acreditando nesse absurdo. — Ela pegou uma fralda de pano e limpou com calma as mãozinhas dele. — Em tempo de cair areia nos olhinhos.

— Vamos nos lavar no mar, filhote?

— De jeito nenhum. Você não vai entrar sozinho no mar com ele.

— Então venha com a gente, porque os rapazes já estão indo. — Coloquei ele sentado no meu pescoço, segurei suas mãos abrindo os bracinhos dele e corri rumo ao mar. O menino gargalhando e Kate atrás berrando que eu ia deixar o menino cair.

Escolhi um lugar bem raso onde as ondas banhavam a areia da praia. Sentado com o bebê, observei Kate se acomodar perto.

— Você me estressa demais, puta que pariu! Não solte ele, por favor.

— Está raso aqui, relaxa amor. Está tudo sob controle, eu sou pai dele.

— É por isso mesmo que me preocupa. Você sendo o pai. — Ignorei a reclamação dela, curvei para frente e dei um beijo surpresa em sua boca.

— Te amo.

— Chato. — Jogou um pouco de água na minha cara e imediatamente eu revidei jogando na cara dela também. Kate não deixou barato e com as duas mãos começou jogar ainda mais água em mim, e sentado entre a gente, Ângelo gargalhava e batia os bracinhos, adorando a guerra de água dos pais, que molhava ele por completo.

Fim...

CONTATO

Gostou do livro? Deixe o seu comentário aqui na **Amazon** e indique o livro para futuros leitores. Obrigada.

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Twitter](#) | [Facebook](#) | [Instagram](#) | [Wattpad](#)

Table of Contents

[PROLÓGO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

[EPÍLOGO](#)

[CONTATO](#)